

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA – UERR
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA - IFRR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

**ENTRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM, A POESIA PEDE
PASSAGEM**

Jacilene Silva da Cruz

Dissertação
Mestrado em Educação
Boa Vista/RR, maio de 2022

JACILENE SILVA DA CRUZ

ENTRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM, A POESIA PEDE PASSAGEM

BOA VISTA - RR
2022

Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações Eletrônicas

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a Universidade Estadual de Roraima - UERR a disponibilizar através do site <http://www.uerr.edu.br>, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, conforme permissões assinaladas, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação da material bibliográfico Tese Dissertação

2. Identificação do(a) autor(a) e do documento

Autor: JACILENE SILVA DA CRUZ

RG:599455-1 CPF: 922262565-04 E-mail: jaciscapin@gmail.com

Título: ENTRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM, A POESIA PEDE PASSAGEM

Orientador: ELIALDO RODRIGUES DE OLIVEIRA CPF: 470397792-34 E-mail:

elialdo_oliveira@hotmail.com

Coorientador: Não possui CPF: _____

Membro da Banca: ROSELI BERNARDO SILVA DOS SANTOS CPF: 438689594-91

Membro da Banca: ROSIDELMA PEREIRA FRAGA CPF: 580488801-30

Membro da Banca: _____ CPF: _____

Data de Defesa: 11/04/2022 Instituição de Defesa: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA - UERR

Grau: PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - Área de

Concentração: EDUCAÇÃO E INTERCULTURALIDADE

Palavras-chave: POESIA. CONHECIMENTO. LÍNGUA PORTUGUESA. ENSINO MÉDIO.

Key words: POETRY. KNOWLEDGE. PORTUGUESE. MIDDLE SCHOOL.

Agência de fomento: NÃO HOUVE

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O referido autor:

- a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Estadual de Roraima os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

3. Informação de acesso ao documento:

Liberação para publicação: Total Parcial

Em caso de publicação parcial, especifique o(s) arquivo(s) restrito(s) ou o(s) arquivo(s) a ser(em) publicado(s)

Especifique: _____

Havendo concordância com a publicação eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação. É necessário que a impressão seja gerada a partir do arquivo em PDF para que as versões eletrônica e impressa sejam idênticas.

Assinatura do(a) autor(a):

Data: 30.05.2022



JACILENE SILVA DA CRUZ

ENTRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM, A POESIA PEDE PASSAGEM

Dissertação apresentada à banca de defesa do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERR/IFRR para obtenção do título de Mestra em Educação.

Linha de Pesquisa: Formação, Trabalho Docente e Currículo

Orientador: Prof. Dr. Elialdo Rodrigues de Oliveira

BOA VISTA - RR
2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

JACILENE SILVA DA CRUZ

Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade Estadual de Roraima e Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em:

Banca Examinadora


PROF. DR. ELIALDO RODRIGUES DE OLIVEIRA
Orientador
UERR


PROF^a. DR^a. ROSELI BERNARDO SILVA DOS SANTOS
Membro Titular Interno
UERR


PROF^a. DR^a. ROSIBELMA PEREIRA FRAGA
Membro Titular Externo
IFRR

Boa Vista – RR

2022

DEDICATÓRIA

Moïse¹

Vai embora
Tuas raízes
Ainda não fincaram terra adentro
Foge
Aumenta teus passos
Apaga teu rastro
Não deixe que as cinzas
Do teu cigarro alado
Permitam te encontrar

Chora
Salga a tua carne
Não alimente mais os brancos abutres
Que insaciáveis
Estão a te devorar

A estrada está deserta
Segue
Não sinta o cheiro das flores
Sequer pense no caminho
Apenas vá
As cordas que te prendem estão frouxas
Abandona essa terra branca
Que está a te matar.

Jacilene Cruz
08/02/22

¹ Poema publicado no jornal em 17 de fevereiro de 2022. Disponível em:
<https://jornalnoroeste.com/pagina/colunas/moise>

AGRADECIMENTOS

O tempo da nossa vivência
é doentio
nebuloso
sombrio...

Estamos vivos,
teimosia que insiste
em nos fazer resistir

Muitas mãos inspiraram
permitiram
construíram
caminharam comigo
para fazer existir
essa poesia-dissertação

Obrigada por ainda estarem aqui.

Jacilene Cruz
18/07/21

RESUMO

A poesia, palavra encantada que tem a capacidade de fazer caminhar sobre a tênue linha que liga o sonho à realidade, foi a mola mestra dessa pesquisa, pois levou à busca pela compreensão do que é o ensino e aprendizagem através dessa arte. Tendo essa afirmação como mote, foi impossível não trazer como questionamento: quais as principais contribuições da poesia para o processo de aprendizagem escolar da Língua Portuguesa nas séries finais da Educação Básica? Para responder a essa inquirição, o objetivo da pesquisa se centrou em conhecer as principais contribuições da poesia para o processo de ensino e aprendizagem escolar da Língua Portuguesa nas séries finais da Educação Básica e, de maneira específica, também objetivou identificar o papel didático da poesia enquanto produtora de conhecimento, descrever a sua contribuição no trabalho do professor e na aprendizagem do aluno e, por fim, preocupou-se em apontar procedimentos, “artimanhas” que auxiliem o professor no ensino e aprendizagem com a poesia. Para responder ao problema e chegar aos objetivos elencados, o caminhar foi delineado pela pesquisa qualitativa com enfoque fenomenológico e pela pesquisa bibliográfica-documental. Além desses meios de busca por resposta ao problema, a pesquisa de campo entrou como instrumento de reunião das significações dadas pelos sujeitos: as professoras de Língua Portuguesa da Escola Estadual Gonçalves Dias em Boa Vista, capital do estado de Roraima. Devido ao distanciamento social provocado pela pandemia da COVID-19, as contribuições das professoras ocorreram de entrevista virtual e as significações dadas por elas confirmaram a poesia como produtora de conhecimento, tanto o sistematizado pelos currículos quanto os que integram o todo do ser humano. Além disso, revelaram que a arte poética suaviza o contexto de ensino, provendo uma aprendizagem interessante e segura, permite que o aluno se mostre e acrescenta aos currículos condições de lidar com a diversidade cultural existente. Vários autores foram usados para a embasar e consolidar essa pesquisa, entre tantos, é justo dizer que a fundamentação teórica teve uma pitadinha de Paixão (1987), também de Adorno (2011), Paz (1982), Cândido (2011) e Zilberman (2009). O percurso metodológico se firmou com também grandes nomes: Bicudo (2011), Chizzotti (2017), Husserl (2020) e Sokolowski (2014), foram estes, somados aos que se encontram no corpo da pesquisa, que fincaram as pedras que direcionaram esse caminhar. Por fim, as artimanhas poéticas foram embasadas em Cosson (2021), professora Andreia Alexandre (2022), e anotações de campo de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Conhecimento. Língua Portuguesa. Ensino Médio.

ABSTRACT

Poetry, the enchanted word capable of walking in the thin line between dream and reality, was the keystone of this research and it motivated the search for understanding what is teaching and learning through this art. Because of this motif, it was impossible not to bring the question: what are the main contributions that poetry offers to the process of learning Portuguese in the last stages of basic education? To give this questioning an answer, the goal of this research was to know the most significant contributions poetry offers to the process of learning Portuguese in the last stages of basic education and, more specifically, another goal was to identify the teaching role poetry has as a producer of knowledge, describe its contribution when it comes to teacher's work and student's learning process and also indicate the "tricks" that might help teachers while teaching through poetry. To answer the problem and reach those goals, the way was guided by an qualitative-phenomenological approach and by the research with bibliography documents. Beside these methods of finding answers to the problem, the on-field research was an instrument to gather the significations offered by the subjects: the portuguese teachers at Escola Estadual Gonçalves Dias, in Boa Vista, the capitol city of the state Roraima. Because of social distancing caused by the COVID-19 pandemic, the teacher's contributions were made through online interviews and their perspective and significations confirmed poetry as a producer of knowledge, both the one systematized through resumes and the one that compose the whole human being. More than that, it revealed that poetic art smoothes the teaching context, providing a type of learning that is interesting and safe, allows the students to show themselves and add to their resumes the conditions to deal with existing cultural diversities; and at last, poetry develops in the student the feeling of existing. A lot of authors were selected to help consolidate this research and in the middle of so many, it's fair to say that there was a little bit of Paixão (1987) in teoric fundamentation, also Adorno (2011), Paz (1982), Candido (2011) and Zilberman (2009). The metod was also consolidated by great names such as: Bicudo (2011), Chizzotti (2017), Husserl (2020) and Sokolowski (2014); they paved the way that guided this walk. At last, the poetic tricks were based on Cosson (2021), teacher Andreia Alexandre (2022) and field research data.

KEYWORDS: Poetry. Knowledge. Portuguese. Middle school.

LISTA DE FIGURAS/QUADROS

Quadro 1 - Mapa conceitual da pesquisa: título, problema e metodologia	64
Quadro 2 - O significado didático da poesia em sala de aula	74
Quadro 3 - A importância da poesia na produção de conhecimento escolar.	77
Quadro 4 - Relação entre ensino e aprendizagem, poesia e currículo.....	81
Quadro 5 - As contribuições da poesia no processo de ensino escolar	84
Quadro 6 - As contribuições poesia na aprendizagem escolar.....	90
Quadro 7 - Atividades desenvolvidas envolvendo poesia em sala de aula	94
Quadro 8 - Reação dos alunos quando a poesia é instrumento didático	97
Quadro 9 - Resultado do trabalho com poesia em sala de aula.....	100

LISTA DE ABREVIATURAS

ADD	Aurélio Dicionário Digital
BNCC	Base Nacional Comum Curricular Aurélio
CT	Currículo Tradicional
EB	Educação Básica
EM	Ensino Médio
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
RE	Respondente

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A POESIA, A DIDÁTICA E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO	17
1.1 DIÁLOGOS ENTRE A POESIA, O POEMA E A PROSA POÉTICA	18
1.1.1 Para começo de conversa, a poesia.....	19
1.1.2 De poema em poema.....	22
1.1.3 Uma pitada de prosa poética	24
1.1.4 Entre o aprender e o ensinar: tecendo a poesia na formação escolar.....	28
1.2 OS ENCANTOS DA POESIA: UM MISTO ENTRE EDUCAR E APRENDER	32
1.2.1 O ensinar e o aprender e a função social da escrita	32
1.2.2 Caminhos cruzados: a função da poesia e o ensino e a aprendizagem	37
1.2.3 A sedução da poesia como ferramenta didática.....	40
1.2.4 Poesia e pedagogia: quem acerta nesse rimar, nada lhe pode faltar	46
1.2.5 O currículo e a poesia debaixo de uma sacada... ..	48
2 AS PEDRAS QUE DELINEA(RA)M O CAMINHO	51
2.1 A PRIMEIRA PEDRA	52
2.2 A SEGUNDA PEDRA NO CAMINHO	53
2.2.1 O olhar fenomenológico para a compreensão das significações	54
2.3 O CAMINHAR POR CAMINHOS JÁ CAMINHADOS	57
2.4 QUERÍAMOS UMA PEDRA FILOSOFAL, MAS O QUE TEMOS É UMA PESQUISA DOCUMENTAL	58
2.5 PESQUISA DE CAMPO: os entrenós entre pesquisador e a realidade pesquisada	60
2.5.1 O Campo da Pesquisa	61
2.6 DESENHO GERAL DA PESQUISA	63
2.7 OS SUJEITOS DA PESQUISA: OS CAMINHOS QUE VÊM	65
2.8 A REUNIÃO E A INTERPRETAÇÃO DAS SIGNIFICAÇÕES	66
2.8.1 A reunião das significações	67
2.8.2 A interpretação das significações	78
3 SIGNIFICAÇÕES SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA POESIA	72
3.1 DA REFLEXÃO À EMANCIPAÇÃO: a didática poética em significações	73
3.1.1 A poesia foi à escola e voltou toda contente: o papel didático e a produção do conhecimento	74

3.1.2	Cadê a poesia que deixei aqui? O currículo comeu! Significações	80
3.1.3	Mirando o alvo e acertando em seu derredor: significações das contribuições da poesia no processo de ensino e aprendizagem	83
3.2	VAMOS TODOS POEMAR: o trabalho com o texto poético	93
3.2.1	Propostas poéticas: significações	93
4	ARTIMANHAS POÉTICAS: estratégias para o trabalho do professor	103
4.1	LER E ESCREVER: PRIMEIRAS SUGESTÕES	104
4.2	ESCREVENDO DIÁLOGOS, A REESCRITA DA POESIA	107
4.3	OFICINA DE LEITURA, INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE POESIA	111
4.4	ESCREVER POEMAS: ALGUMAS TÉCNICAS	114
4.5	LEITURAS CIRCULARES	116
4.5.1	Círculos de Leitura: uma proposta cossoniana	117
	OLHANDO PELA JANELA: algumas percepções finais	120
	REFERÊNCIAS	123
	APÊNDICE A	129
	APÊNDICE B	130
	APÊNDICE C	139
	APÊNDICE D	145
	APÊNDICE E	146
	APÊNDICE F	147
	ANEXO A	148
	ANEXO B	152
	ANEXO C	153

INTRODUÇÃO

[...]
*Eu preparo uma canção
 Que faça acordar os homens
 E adormecer as crianças²*

Um objeto de pesquisa se delinea para o pesquisador através de um desassossego, uma aflição que o rodeia, circunda a sua vida, levando-o a buscar meios de acalmar e dirimir sua agonia. O excerto que abre essa introdução ilustra o que esse desassossego provoca: a vontade de despertar e de fazer adormecer através da poesia, ou seja, formar homens conscientes de sua existência. Por mais que seja constantemente recomendado por especialistas na área de saúde mental, já se tornando inclusive um lugar-comum, o separar a pessoa do professor, ou seja, o pessoal do profissional é um processo bastante complexo. Na educação, a linha entre esses dois eixos é bem mais tênue, Nóvoa (2009) afirma que o professor é a pessoa e a pessoa é o professor e que é impossível separar a dimensão pessoal da profissional. É nesse emaranhado que me situo, sou uma educadora que trabalha a língua e seus desdobramentos literários e por ter grande afinidade, inclusive me enveredo por escrever poesia em alguns momentos, é que o tratamento dado a esse gênero literário se tornou uma das minhas preocupações.

Essa inquietação não surgiu como uma epifania, pelo contrário, foi-me aparecendo em doses homeopáticas nesses vinte e um anos de trabalho em sala de aula na Escola Pública, alguns períodos com o Ensino Fundamental, em outros, que constitui o maior espaço de tempo, no Ensino Médio. A produção textual é uma pedra no sapato³ dos professores de Língua Portuguesa, pois a exaustiva carga horária, somada a salas de aula numerosas impõem um ensino mais acomodado na sistematização das regras gramaticais que à apropriação da língua propriamente dita. Tratando-se dos últimos anos da Educação Básica, com a iminente necessidade de entrar no mercado de trabalho ou passar no vestibular, a produção textual se reduz a técnicas de escrita do texto dissertativo que, como ressalta Geraldini (1997), é escrito para ser corrigido pelo professor, é uma elaboração que não agrega, tampouco reflete o aluno escrevente. Somei a essa inquietação a identificação pessoal com a arte poética, dessa forma foi sendo retoricamente definido o objeto dessa pesquisa: o ensino e a aprendizagem através da

² Última estrofe do poema *Canção amiga* de Carlos Drummond de Andrade. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/carlos-drummond-de-andrade/1221849/>.

³ De acordo com o Dicionário Informal de Língua Portuguesa a expressão popular é usada geralmente com sentido de que algo é um problema, incomoda ou é ruim. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/pedra+no+sapato/>. Acesso 26 de mar. de 2022

poesia, arte amplamente vista no Ensino Médio, apresentada e analisada tanto estruturalmente quanto de maneira interpretativa, carregada de significados, de presenças e de personalidade não ser trabalhada enquanto produção textual.

A Língua Portuguesa, componente curricular presente desde o início do processo educacional, organiza-se e tem no idioma nacional, falado pela maioria dos cidadãos, o ponto de partida e de chegada, em uma metalinguagem bem-acabada: a língua é o objeto e o objetivo da disciplina. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o ensino de língua tem o texto literário como centro do trabalho do Ensino Fundamental e orienta que este mantenha-se nuclear durante o Ensino Médio, pois enriquece a visão de mundo e aumenta a capacidade de ver e de sentir (BRASIL, 2018). O interesse dessa pesquisa se centra em entender como o texto literário, mais especificamente como a poesia pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem.

Seguindo o pensamento de Andrade (1974), que questiona ser a poesia um estado de infância, de meninice, de pureza da mente e defende que ela, a poesia, pode se expandir pelo tempo, despertando no indivíduo o senso crítico e, ainda ressalta que, se essa expansão não ocorre, não seria a escola o elemento corrosivo do instinto poético, do jogar simultaneamente com as palavras e com o conhecimento que estas carregam em seus significados que faz com que o elo se solte. Na tentativa de preparar o homem para a vida, desprepara-o, ou seja, a escola ao “temperar” a vida do homem, deixa-a sem sabor.

A trajetória da poesia na escola não acompanha o avanço dos alunos nos anos estudados, perdendo-se uma complexa tecitura⁴ de conhecimentos que esse gênero carrega consigo. À medida que sai da infância, entra na adolescência sob a égide dela ser preparatória para a fase adulta, o estudante, quando produz, cabe salientar, escreve textos mais sérios, distantes de si, que sejam úteis no mundo do trabalho. Mais uma vez Andrade (1974), é assertivo ao dizer que a escola enche o estudante de matemática, geografia, linguagem e outras disciplinas, sem mencionar a poesia existente nessas disciplinas; não enxerga o ser poético que o aluno é e não entende a capacidade que este tem de viver poeticamente tanto o conhecimento quanto o mundo. Infelizmente, nas aulas de Língua Portuguesa, a literatura é considerada subdisciplina, tanto a prosa quanto a poesia são relegadas ao *se der tempo a gente vê*. Gerbara (1997), ressalta que a poesia, em especial, entra no contexto escolar de maneira ornamental para ilustrar as datas comemorativas, através de seleção dos autores do livro didático que seguem, na maioria dos casos, à exigência curricular e como pretexto para chegar a outro assunto diferente daquele que

⁴ De tecer, uma comparação entre a construção do conhecimento com o tecer os fios no tear, entrelaçar.

o texto lido retrata, ocasionando uma abordagem superficial, mecanicista e utilitária. Em todos os casos, a vontade e a necessidade do aluno ou da turma não é levada em conta, tornando a relação com esse gênero artificial. A poesia se torna desvalorizada já que não há entre ela e quem a lê correspondência alguma, seja voltada para o mundo em que vive ou aquele por onde o pensamento vagueia.

Em se tratando do Ensino Médio, é considerado o gargalo entre as decisões do jovem nesta última etapa da Educação Básica, entre outras razões, por apresentar uma pedagogia distante da cultura juvenil (BRASIL, 2018), encerrando o ciclo educacional obrigatório de maneira rasa e distante da realidade que cerca o adolescente. O componente curricular de Língua Portuguesa, nesse período final, mescla-se com a Literatura da Língua, formando apenas uma matéria, envolvendo o aluno diretamente na história e nos textos literários que são, por sua natureza constitutiva, carregados de subjetividade, metáforas, metonímias, sinestésias entre outras figuras de linguagem e, possuem função de linguagem específica. A poesia e os grandes poetas surgem trazendo consigo, jogando com as palavras, sentimentos e emoções que faziam parte de sua vida em particular, mas que representavam o pensamento de um contexto temporal específico. Envoltos nessa atmosfera poética, seria natural que a produção desse gênero integrasse a disciplina e auxiliasse na formação do jovem, no processo de sedimentação da escrita e domínio da Língua tanto formal, quanto as suas variações. Mas isso não acontece, embora tenham maior contato com o texto literário, essa modalidade de escrita praticamente inexistente no Ensino Médio.

Diante do exposto, surge o seguinte problema de pesquisa: quais as principais contribuições da poesia para o processo de ensino e aprendizagem escolar da Língua Portuguesa nas séries finais da Educação Básica? Decorre daí o objetivo geral desta investigação: conhecer as principais contribuições da poesia para o processo ensino e aprendizagem escolar da Língua Portuguesa nas séries finais da Educação Básica. Para consecução dessa proposta se tem os objetivos específicos: identificar o papel didático da poesia enquanto produtora de conhecimento; descrever a contribuição da poesia no trabalho do professor em sala de aula e na aprendizagem do aluno e, apontar procedimentos e estratégias que auxiliem o ensino e a aprendizagem com a poesia.

A BNCC apregoa que é necessário adotar uma noção ampliada e plural da juventude e que o processo de formação deve garantir a inserção do adolescente no mundo de maneira crítica e autônoma (BRASIL, 2018), porém a criticidade e a autonomia não se desenvolvem de maneira impessoal, elas estão ligadas ao indivíduo. A produção do texto poético nessa fase torna-se imprescindível, pois segundo Moisés (2019) a poesia nos ensina a ver e a pedagogia

ensina, dessa maneira, tem-se a união de duas ações indispensáveis para garantir aos adolescentes os elementos necessários para sua inserção no mundo. Uma das relevâncias dessa pesquisa está em mostrar a importância da produção de poesia na emancipação do jovem, ajudando-o a se (re)conhecer, se (re)situar no mundo, convicto de sua posição e seu papel social, o acordar os homens proposto por Drummond na abertura dessa introdução.

Outro fator que torna relevante essa pesquisa é a ineficácia do ensino da Língua pautado em um ideal linguístico inexistente. Os conteúdos se centram em formas arcaicas que não fazem parte da vida dos alunos. Eles não ouvem ou leem algo baseado nessa escrita modelada por uma literatura antiga. Possenti (1997) chama atenção a esse fato ao evidenciar a mudança que todas as línguas sofrem, não havendo razão se exigir o domínio de uma escrita que não encontram nem mesmo em textos escritos correntes, esse fato é tão preciso que, verdadeiramente, os alunos não aprendem essas formas. Quem, excetuando professores de Língua, tem fixo em suas memórias que o verbo *assistir* com o sentido de *presenciar* é transitivo indireto? Quem fala: *assistir ao jogo* ao invés de *assistir o jogo*? O que há de incontestável é que é insatisfatória a maneira como a Língua é ensinada nas escolas.

A Língua é um dispositivo fundamental na construção do indivíduo, é o que os torna humanos, que coloca a humanidade em lugar privilegiado em relação aos outros animais, contudo abordá-la de maneira mecânica, como um mero conjunto de regras justificadas ou construindo textos mortos, sepulta definitivamente o que torna o ser humano único. Sendo assim, trazer a arte poética para as carteiras escolares e permitir que os alunos a usem como forma de mostrar e compreender o mundo, é tecer uma prática pedagógica humanizadora, estabelecendo uma relação dialógica permanente (FREIRE, 2019).

Dentre os escritos encontrados na Plataforma Sucupira e nos bancos das universidades que têm a poesia como temática, trouxe as teses de: Senna (2014), estuda os poemas dos livros didáticos do Ensino Médio em escolas públicas; Souza (2016), traz o letramento literário no Ensino Médio através de abordagem dialógica; Labão (2016), procura compreender a cultura e o imaginário jovem através da poetização da escola e; Duarte (2016), traz a leitura de poemas como atividade provocativa de atos imaginários nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Merecem igual destaque as dissertações de: Cândido Prado (2014), apresenta uma abordagem voltada a esclarecer como o poema se situa nas provas de vestibular da UFG e do ENEM; Scheid (2014), mostra o encontro do jovem com a poesia no Ensino Médio objetivando a formação de leitores; Alves (2016), estuda a leitura literária visando o avanço da formação leitora em alunos do Ensino Médio; Dalenogare (2017), traz a interação entre o livro “Poesia faz pensar” e seus destinatários (alunos do Ensino Médio) e; Braga (2018), que mostra como

funciona a prática leitora de poema digital. Embora já existam consistentes e relevantes pesquisas que abordam a poesia, como as que foram destacadas, o diferencial desta está na associação entre poesia e pedagogia, ou seja, a importância desse gênero literário no processo de ensino e aprendizagem no Ensino Médio.

Em vista disso, pude verificar que nos últimos anos, alguns estudos tiveram o texto poético como objeto de pesquisa, das teses e dissertações citadas, nenhuma delas se centra na produção poética no Ensino Médio, aliás nas buscas feitas nas plataformas virtuais não foram encontrados estudos voltados para a escrita de poesia nessa etapa, assim sendo, esta proposta revela um caráter de originalidade que a diferencia das já existentes, evidenciando assim, a pertinência dessa exploração. Outro fator que a torna indispensável é que seu campo é o ambiente escolar no qual estou inserida, nesse caso, o custo com a movimentação para a sua efetivação é ínfimo, ou seja, em relação a questão financeira é perfeitamente viável. Nesses termos, posso dizer que é uma pesquisa necessária e executável.

Esta dissertação está dividida em quatro capítulos, o primeiro, erigido sob dois eixos, foi dedicado especificamente a poesia: primeiramente voltado para definições e comparações entre esta, o poema e a prosa poética; na segunda parte, ocupei-me em mostrar quais os papéis e funções atribuídos a esse gênero literário. Contextualizando amplamente, falei da importância social da escrita, seguida, já direcionando especificamente ao objeto de estudo, da importância social da poesia, versei sobre as estreitas e relevantes relações entre poesia e didática e finalizei situando esse gênero literário e os estudos curriculares. Serviram de base teórica desse capítulo Adorno (2000) e (2011), Apple (2006), Aristóteles (2017), Ferreira (2018), Averbuck (1993), Buarque (2013), Candido (2011), Eliot (1991), Moisés (2019), Paixão (1987), Paz (1982), Silva (2011), Zilberman (2009), entre outros.

Quanto à metodologia que conduziu essa pesquisa, denominei-a *As Pedras que delinearão o caminho* e está disposta no segundo capítulo, posso, *an passant*, apresentá-la de acordo com os autores e a que parte do processo de pesquisa seus respectivos estudos apontam. Sendo assim, foram Gil (2008), Chizzotti (2017), Severino (2016) que, guiaram os métodos e procedimentos. A abordagem qualitativa foi sedimentada por Triviños (2019) e Chizzotti (2017). Para desvelar o pensamento e comportamento fenomenológico como método e metodologia utilizada, fui auxiliada por Bicudo (2011), Cerbone (2012), Husserl (2020) e Sokolowski (2014). Junto aos citados se somam outros que compuseram e substantivaram um todo possibilitador desse trabalho.

No terceiro capítulo me ocupei em descrever e interpretar as significações dadas ao ensino e aprendizagem através da poesia pelos sujeitos entrevistados, as professoras de Língua

Portuguesa da Escola Estadual Gonçalves Dias, escola de Ensino Médio. Além das doações destes me auxiliaram nesse momento os estudos dos autores fenomenológicos citados no parágrafo anterior, bem como os nomes de Averbuck (1993), Ferreira (2021), Lajolo (1993), Macedo (2021) Snyders (1993) e Zilberman (2008) e (2021). Esses e tantos outros foram singulares na compreensão do fenômeno “poesia”, em todas as suas nuances a mim possíveis.

O quarto capítulo dessa “poesia científica” trouxe sugestões de procedimentos e estratégias que podem integrar o trabalho do professor de Língua Portuguesa para que a poesia possa ter um papel preponderante no processo de ensino e aprendizagem. Para isso, contei com anotações do campo de pesquisa e autores como Camargo (2012), Resende (1997), Cosson (2021), ajudaram nesse fazer. Foi um momento de conhecimento, apropriação e mergulho no fazer pedagógico a fim de apresentar estratégias para que o professor de Língua Portuguesa, especialmente no Ensino Médio, tenha material que o ajude a desenvolver o ensino e aprendizagem através da poesia.

1 A POESIA, A DIDÁTICA E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

*Na beira da BR
 Sentei e chorei
 Sentei como quem cai
 Rendida à fraqueza
 Chorei como quem se banha
 No rio da leveza
 Leveza de quem se refresca
 Fraqueza de quem desaba
 Sentei apenas
 E chorei a minha mágoa⁵*

A arte sempre esteve presente no cotidiano do ser humano, mesmo que não tenha principiado como elemento de valor estético “Muitas obras, por exemplo, representações culturais, metamorfoseiam-se em arte ao longo da história, quando o não tinham sido; e muitas obras de arte deixaram de o ser.” (ADORNO, 2011, p. 14), desse modo, pinturas feitas em cavernas, estatuetas, gravuras talhadas nas rochas faziam parte do universo humano como instrumentos necessários para a sua sobrevivência, com o decorrer do tempo, somado as transformações sociais passaram a ser objetos com valor estético.

Para o indivíduo, a questão da representação sempre foi essencial, ao ver sua imagem refletida, seja ela em uma gravura ritualística, um quadro ou um poema, ele se vê revelado, é o seu mundo que se desnuda a sua frente, esse desnudar o situa como vivente, pois segundo (TROJAN 1996, p. 90), “A obra de arte é o sujeito objetivado, é a revelação do homem e da sua capacidade de criação. Esse sujeito objetivado ao ver revelado o mundo à sua volta, percebe-se capaz de transformá-lo.” A arte então é essencial para a superação humana, é assim que o eu lírico se mostra na poesia de abertura desse primeiro capítulo que, ao trazer o cotidiano vivido, desnuda outros tantos seres em igual situação de fraqueza. A poesia é um espelho, reflexo da imagem crua, mesmo que não goste do que está refletido, a imagem está à minha frente.

A poesia, como manifestação artística é, segundo Aristóteles (2017), a recriação da realidade, pode apresentar-se através de imagens, por meio de cores e esquemas ou por meio de som, para ele “todas elas efetuam mimese por meio do ritmo, da linguagem e da melodia” (ARISTÓTELES, 2017, p.41). Sendo assim, para o filósofo, a arte poética não se limita à palavra, ao falar da composição em versos, ele amplia a existência de poesia para além destes, mostrando-a na pintura e na dança, por exemplo.

⁵ Poema *BR* de Eliza Menezes. Disponível em: MENEZES, Eliza. *BR*. In.: **Meu mundo é o que eu vejo**. WEI, Boa Vista, 2021.

Esse capítulo trouxe a poesia como elemento central, uma vez que a problemática dessa pesquisa se voltou para as contribuições desse gênero literário no processo de ensino e aprendizagem. Primeiramente foi trabalhado a conceituação atribuída à poesia, ao poema e a prosa poética, ainda foi feita uma explanação de como é o estudo da poesia no decorrer da vida escolar, embasados principalmente em Aristóteles (2017), Averbuck (1993) Paz (1982), Paixão (1987), Ferreira (2021), Candido (2011) e ilustrado com textos poéticos de Bandeira (2021), Drummond (2021) e Quintana (2021). Na sequência, foi abordada a relação entre a poesia, a didática e a produção do conhecimento tendo como principais referências Buarque (2013), Eliot (1991), Moisés (2019), Silva (2011), Zilberman (2009), igualmente ilustrados por Bandeira (2021), Drummond (2021), Ladainha do Terno das Almas (s/a), Meireles (2021) e Quintana (2021).

1.1 DIÁLOGOS ENTRE A POESIA, O POEMA E A PROSA POÉTICA

[...]
*Penetra surdamente no reino das palavras.
 Lá estão os poemas que esperam ser escritos.
 Estão paralisados, mas não há desespero,
 há calma e frescura na superfície intata.*⁶
 [...]

A escola é definida, ao longo da história da educação, como o lugar de promoção da aprendizagem, segundo Zilberman (1993), é intermediária entre a criança e a cultura, a leitura é um importante elemento nesse processo, configurando com elemento de transformação. Essa intermediação se estende, em intensidades diferentes, até a adolescência quando se encerra a Educação Básica. A aprendizagem pode acontecer sob diversas óticas e a literatura é uma delas, sendo na instituição escolar onde, na maioria das vezes, o aluno tem mais contato com os textos. A poesia, embora de maneira subvalorizada, situa-se como um dos gêneros literários utilizados no processo de ensino desde a infância até a juventude, partindo dessa afirmação intencionei saber quais as principais contribuições da poesia para o processo de ensino e aprendizagem escolar da Língua Portuguesa nas séries finais da Educação Básica. A fim de entender melhor essa contribuição, fez-se necessária a compreensão do que é poesia, vista por muitos como um gênero difícil (ZILBERMAN, 1993), mas que constitui um marcante meio transformador.

⁶ Quatro primeiros versos da sétima estrofe do Poema *Procura da Poesia* de Carlos Drummond de Andrade. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2016/10/04/procura-da-poesia-carlos-drummond-de-andrade/>.

Além do trato com a conceituação de poesia, ocupei-me também com a definição de poema que, na maioria das vezes, é utilizado como sinônimo, porém muitos autores, inclusive Paz (1982), tenham dedicado bastante cuidado em diferenciá-los, embora não tenha conseguido colocar uma pedra definitiva na questão. Na sequência, tratei da prosa-poética, gênero que trouxe outras possibilidades de poetizar. Fechando o subcapítulo, fiz uma explanação de como a poesia é ensinada ao longo da trajetória escolar.

1.1.1 Para começo de conversa, a poesia

*Se procurar bem você acaba encontrando.
Não a explicação (duvidosa) da vida,
Mas a poesia (inexplicável) da vida.⁷*

A poesia que trafega nas diversas rodas sociais, apresentando-se complexa, simples, incabível nas definições e nas sensações que desperta, é o elemento que concedeu solidez a essa pesquisa. A inexplicável poesia que pode ser encontrada no viver, na vida, como diz Drummond na epígrafe, é a ciência sobre a qual esse trabalho se fundou, e, segundo o Aurélio Dicionário Digital o vocábulo assim é definida como a “Arte de escrever em verso. Composição poética de pequena extensão. Entusiasmo criador. Aquilo que desperta o belo. O que há de mais elevado e comovente nas pessoas. Encanto, graça, atrativo. (Do lat. *poesis*)”. (FERREIRA, 2018, s/p).

As definições do dicionário seguem seis perspectivas diferentes, não contrárias, nenhuma delas pode ser tomada isoladamente ou contém um significado definitivo: em “arte de escrever em verso” há um conceito fechado pelo dicionarista, mas segundo Aristóteles (2017), o fato de estar versamente disposta não garante que seja poesia e exemplifica com uma receita de bolo, que mesmo estando versamente enquadrada, não passa de uma receita. Seguindo nas definições apresentadas por Ferreira, a quarta chama a atenção para algo que sempre esteve nas estruturas do fazer poético: “aquilo que desperta o belo”, porém, ainda para o filósofo grego, o “belo” está intimamente ligado ao homem e o que o define, não é o inatingível, e sim, as justas proporções e adequações. Sob esse olhar, *belo* não seria o agradável, mas o harmonioso de acordo com quem a lê ou observa, assim nega o senso comum de que para se escrever poesia tem-se que acordar *com flores na janela e os pássaros a cantar num céu de anil*. Encerrando os conceitos dados, o dicionário traz a poesia definitivamente para terra e para dentro de cada ser humano,

⁷ ANDRADE, Carlos Drummond de. **Lembrete** de. Disponível em: <https://poesiaspoemaseversos.com.br/se-procurar-bem-voce-acaba-encontrando-drummond-com-foto/>. Acesso: 24 de fev. 2022.

aproximando-a decididamente de cada indivíduo em particular, dessacralizando e afinilando com o pensamento aristotélico de retirar a beleza das mãos exclusivas dos deuses. Assim, ser “atrativo, graça, beleza” é ampliar os horizontes da obra poética, não reduzindo esta apenas à forma, mas promovendo e permitindo afirmações, como fez Aristóteles (2017), de que a poesia pode se presentear sob diversos olhares.

Segui por conceitualizações e observei em Paz (1982, p. 15), uma das mais belas definições do que é essa manifestação artística: “A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo [...]”, utilizando-se de uma linguagem inteiramente poética, através de uma metalinguagem incontestável, o autor define poesia ao mesmo tempo que, através de palavras que não somente conceituam, a exemplificam e permitem construções imagéticas, estabelece uma definição em duas frentes que se fundem em uma só: enquanto diz o que é, a poesia se desenha, torna-se uma imagem que vai se definindo na sucessão das elaborações do autor. Na sequência de sua memorável definição, o autor afirma: “a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro [...]” (PAZ, 1982, p.15), ao ver a si e ao mundo em que vive refletido através da arte, o homem se conscientiza, pois, “a literatura confirma e nega, propõe denuncia e apoia combate [...]” (CANDIDO, 2011, p. 177), o segundo excerto, apesar de se referir à literatura de maneira geral, corrobora o pensamento de Paz (1982), quando este coloca a atividade poética como naturalmente revolucionária. Através da revelação e transformação do mundo em que se vive, criando outro e, quando por uma conjuntura de forças que se sobrepõem a humana, a transformação do mundo não é possível, a poesia permite que se viva em um mundo ideal, não de forma alienante, mas por ser iminente necessária. Assim o fez Bandeira: *Vou-me embora pra Pasárgada/Lá sou amigo do rei/Lá tenho a mulher que eu quero/Na cama que escolherei/Vou-me embora pra Pasárgada/Aqui eu não sou feliz*⁸

Caminhei na bem-sucedida empreitada de definição da poesia afinal Paz (1982), ainda destaca que esta é a expressão histórica das raças, povos, nações e classes, que também é experiência, sentimento, emoção, intuição e ainda acrescenta ser regresso a infância, coito, saudade doída, paraíso, inferno. A definição não se encerra nesse trecho, mas o autor faz a poesia girar em torno do indivíduo, mostrando que ela pode estar em qualquer lugar e em variados “estados físicos”, sob a tutela de sentimentos diversos. Em sua definição até este ponto, não faz menção à forma, por exemplo, ocupa-se em mostrar uma percepção humanizadora. A

⁸ Primeiros versos do famoso poema *Vou-me embora para Pasárgada* do sempre modernista Manuel Bandeira. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/pasargada.htm>.

arte preenche o ser humano, mesmo que esse preenchimento seja revelação de seu estar no mundo, ela é vital para a sobrevivência.

Candido (2011), alerta que nenhum ser humano é capaz de passar vinte e quatro horas por dia sem ter em seu pensamento alguma coisa de alumbramento, de fabuloso ou fantasioso. É uma necessidade universal do homem estender-se, em algum momento de seu dia, para além das obrigações diárias. A poesia é a ponte que permite esse encontro, entre o homem prático e o mundo das fantasias. Esse pensamento me remeteu a um questionamento: É natural do ser humano pensar poesia, ser poético? Paixão (1987), revela-me, talvez de forma radical, como ele mesmo sublinha que não existe sociedade que não tenha desenvolvido a expressão poética, diz ainda que:

Outro senso comum espalhado por aí, alimentado por uma ideologia que quer tudo certinho, cada coisa de-vi-da-men-te em seu lugar, é que a poesia é exclusivo domínio de alguns iluminados, que só podem ser usufruídas por seres especiais, nascidos sob o fluído de uma boa lua. Que a poesia é um doce privilégio dos privilegiados. Pois bem, mas do que nunca, é preciso mandar esse senso comum, e muitos outros, para a lata de lixo da história literária. (PAIXÃO, 1987, p. 41/42 – grifo do autor).

A ideia acima transcrita se alinha a essa pesquisa na sua pretensão de trazer esse gênero literário definitivamente para dentro das salas de aula, na tentativa de propiciar uma educação mais efetiva e mais viva. Em suas definições, Paixão (1987), abre espaço para a possibilidade de ser a poesia uma maneira de se sonhar juntos, ao mesmo tempo, uma realidade. Essa abertura para a criação de imagens coletivas fez com que, segundo o autor, o homem conseguisse conviver com os mistérios da vida e se organizar coletivamente e se erguer contra a realidade que não lhe era favorável. Sob esse viés, a poesia é colocada como elemento que alimenta a transformação social, Macedo (2021, p.08), atesta essa afirmação quando diz que “a sociedade se transforma, a escola se renova, a literatura transgride”, ao transgredir a literatura fomenta a transformação.

Poeticamente, assim como Paz (1982), Paixão (1987), ainda diz que a poesia tece artimanhas dentro dos corações, desperta o encanto, revela uma vida mais nua, esquentando a frieza do dia a dia e desvendando fatos. Embora a literatura não tenha compromisso em documentar a realidade, ela não se aliena e deixa transparecer, através das lentes do poeta e do leitor a vida que, muitas vezes, transcende o tempo. Para ele, poesia é conhecimento e vivência de mundo. Bosi (1977, p. 158), afirma: “Os momentos sofridos e insofridos da práxis também são capazes de gerar poesia. Desde os profetas bíblicos até Maiakovski, Brecht e Neruda, a recusa irada do presente, com vistas ao futuro, tem criado textos de inquietante força poética.” O poeta não

vive em um mundo e o não-poeta em outro, então, não há empecilhos para o reconhecimento e aceitação da arte existente em cada indivíduo em particular e coletivo, o que falta é o se revelar, mostrar-se.

Em síntese, afirmo que tanto o Dicionário Aurélio quanto os autores que foram usados como base para a definição do termo poesia se detêm em conceitos mais abstratos e subjetivos. O dicionário, em uma tentativa de objetividade, atribui ao termo o mesmo significado que comumente é dado ao poema, porém a partir da terceira definição faz uma associação com experiências subjetivas da alma humana. Os dois outros autores usados como base para a definição, Paz (1982) e Paixão (1987), sustentam também definições que vão além da materialidade e se igualam ao apontar o poder social da poesia e ao reconhecerem esta como portadora de conhecimento, bem como Macedo (2021). A grandiosidade da poesia está na impossibilidade de defini-la, como um animal que não se deixa domar, trafega pelas mais diversas formas, revela a realidade sem se comprometer com ela, sem lhe ser fiel. Para melhor compreender a relação entre poesia e o processo de ensino e aprendizagem, trouxe um pouco de teoria sobre o poema, manifestação poética muito comum e que mais se faz presente nas escolas, daí a importância em conhecê-lo.

1.1.2 De poema em poema...

Muitas vezes usados como sinônimo de poesia, o poema é, segundo o ADD: “Obra em verso. Composição poética de certa extensão, com enredo. *P. ext.* Epopeia. *Mus.* Composição de estrutura livre, para instrumento único ou instrumento solista.” (FERREIRA, 2018, s/p). A primeira acepção das duas palavras de fato as aproxima, embora em poesia tem-se “a arte de escrever em verso” e em poema o conceito encerra em si algo já definitivo “obra em verso” (FERREIRA, 2018, s/p). A última é a obra pronta, acabada, a primeira é a arte enquanto produção, processo, estrutura que vai se delineando, em vias de execução; já o poema é o verso pronto, produzido. Nas demais conceitualizações, enquanto a poesia se satisfaz em ser uma poética de pequena extensão, o poema precisa ter uma certa extensão, com enredo, o exemplo desse enredo está nas definições seguintes, “Epopeia” ou “composição musical.” (FERREIRA, 2018, s/p).

Embora essas definições não possam estabelecer que esses dois termos sejam muito diferentes, existem algumas considerações que devem ser levadas em conta na hora de definir uma pesquisa pautada na poesia e não no poema como forma de obtenção de conhecimento. Para isso a “obra em verso” receberá mais algumas considerações. Para Paz

o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo, e métricas e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal [...] Voz do povo, língua dos escolhidos, palavras do solitário [...] bela prova da supérflua grandeza de toda obra humana (PAZ, 1982, p. 15).

As voltas encaracoladas que o poema dá me revelaram que este também não é de fácil definição, aproximando-o assim da poesia. Aristóteles (2017) corrobora essa afirmação ao dizer que apenas a forma não é suficiente para se chegar ao poema. Dispor um texto em versos pode se configurar apenas palavras perdidas postas numa folha de papel, sem sentido. Bosi (1997, p. 120), acentua esse traço: “O poema aparece em nossa cultura atulhada de empecilhos como um ato de presença puro, forte, arroubado, premente.” É forma literária definida subjetivamente, acentuando e atando a dependência do poema a existência da poesia. A forma só terá validade se o sentido, as significações dadas pelo leitor assim o permitir. Oswald de Andrade em *Manifesto da Poesia Pau Brasil*⁹ faz uma crítica aos parnasianos chamando-os de “máquina de fazer versos”, ou seja, a poesia dentro de um esquema de métrica e rimas perfeitas, mas que afastava do leitor os sentimentos, sensações, desejos e medos, ou seja, só a forma não é suficiente para se dizer algo. Retomei Paz (1982, p. 16), com a afirmação de que “nem todo poema – ou para sermos mais exato, nem toda obra construída sob as leis da métrica – contém poesia.” Mas o próprio afirma que é através do poema que revela com maior certeza o que é poesia, embora esta se faça presente em diversos lugares é no poema que se realiza com maior clareza. É nele que se vislumbra o raio fixo da poesia. Sendo assim, um está para o outro em proporções muito próximas. Graça (1999), diz que na confecção de um poema concorrem vários elementos como ritmo, musicalidade, imagens, emoção, precisão vocabular, estruturação, novidade, profundidade entre outros tantos. São muitos elementos formais para se considerar na feitura desse gênero literário, mas o próprio autor sustenta, assim como Paz, que esses elementos sozinhos não são suficientes para se construir um bom poema. Confirma essa ideia ainda quando ressalta que “Poema, entretanto, é um texto escrito que contém, produz e transmite poesia. O poema talvez seja o objeto (objeto verbal) mais adequado ao registro da poesia.” (PAZ, 1982, p.17).

Mário Quintana, poeta contemporâneo, também define de maneira bastante lírica o que é poema:

Os poemas são pássaros que chegam

⁹ Publicação do referido autor, de grande importância na primeira fase do movimento Modernista.

não se sabe de onde e pousam
 no livro que lê.
 Quando fecha o livro, eles alçam vôo
 como de um alçapão.
 Eles não têm pouso
 nem porto
 alimentam-se um instante em cada par de mãos
 e partem.
 E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
 no maravilhoso espanto de saberes
 que o alimento deles já estava em ti...
 (QUINTANA, 2020, s/p)

Para Mário, os poemas são livres, leves, não se deixam aprisionar em formas fixas, para ele, eles são simplesmente poesia, mas são aquelas que se vê por aí em esculturas, quadros, paisagens, coitos, sentimentos.... Para o poeta gaúcho, há poesia dentro de cada indivíduo. É alma, não aquela construída religiosamente, mas sim aquele fôlego diário do ser particular, mesmo que se presenteie de forma coletiva, fale em nome de muitos Severinos, Josés, Marias¹⁰. É o ser humano particular que alimenta os poemas de poesia. Em um mesmo texto, o poeta cria para cada ser individual a imagem que este já carrega dentro de si.

Baseando-se no que foi dito até aqui, pude afirmar que o poema é a melhor forma da poesia se materializar e a confusão entre os dois termos, sendo usado um no lugar do outro é compreensível e correta sob o ponto de vista de que são sentidos complementares não diferentes tampouco opostos ou excludentes. O texto de Quintana, que encaracoleia a definição de poema, é a prova cabal de que, também por sua natureza, este não pode ser enformado, é indomável, assim como a poesia. Se estes termos são indefiníveis... ora! Não é motivo para não adentrar mais no fazer poético e, nesse parafraseado de *Utopias* (QUINTANA, 2007, p.134), abri espaço para trazer a prosa poética para essa fundamentação, afinal ela pode ser a liga tênue entre a simplicidade da fala e a poesia.

1.1.3 Uma pitada de prosa poética

*Quando a Indesejada das gentes chegar
 (Não sei se dura ou caroável),
 Talvez eu tenha medo.
 Talvez sorria, ou diga:
 - Alô, iniludível!*

¹⁰ Respectivamente, alusão aos poemas *Morte e vida severina* de João Cabral de Melo Neto, disponível em: <https://colegiocngparanagua.com.br/wp-content/uploads/2020/07/MORTE-E-VIDA-SEVERINA.pdf>. Acesso: 24 de fev., 2022; E agora, José? De Carlos Drummond de Andrade, disponível em: <http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond14.htm> Acesso: 24 de fev., 2022 e a música *Maria, Maria de Milton Nascimento*, disponível em: <https://www.letras.mus.br/milton-nascimento/47431/>. Acesso: 24 de fev., 2022.

*O meu dia foi bom, pode a noite descer.
(A noite com seus sortilégios.)
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,
A mesa posta,
Com cada coisa em seu lugar.¹¹*

A poesia pode se apresentar sob diversas formas, em variados “estados físicos” há quem defenda e o faz muito bem, que ela pode ser encontrada na calma de um lago, na beleza de uma fotografia, num pôr do sol dourado, no sorriso de uma criança, enfim, como já foi defendido em subtópicos anteriores, poesia é sentimento, sensação, desejo, volúpia etc., mas como o objetivo desse trabalho foi, entre outros, compreender como a poesia pode auxiliar no processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, sempre pensei nela como palavra escrita, interessou-me as maneiras verbais em que esta possa se mostrar, Paz (1982), defende incontestavelmente que é no poema onde ela pode melhor se manifestar. Porém, a rigidez do poema se permeou de lirismo e da realidade cotidiana solta e fácil de ser dita, assim se desviou do engessamento formal abrindo espaço para a prosa poética. Segundo o ADD, prosa é:

[Do lat. *Prosa* (oratione), ‘discurso que vai em linha reta até o fim’, ao contrário do que se dá com o verso, que volta quando completo]. A maneira natural de falar ou de escrever, sem forma retórica ou métrica, por oposição ao verso. Aquilo que é vulgar, trivial, positivo ou material. Astúcia, manha, lábia, conversa fiada. [...] (FERREIRA, 2018, s/p)

Como fica claro na definição, prosa é o discurso, a escrita que segue linha reta, contrário ao verso que não possui a obrigatoriedade de recheiar as linhas do início ao fim. Já apresentei, nessa primeira conceituação, uma oposição, uma cisão entre poema e prosa. Seguindo o curso das definições apresentadas, surgem aquelas que ampliam a compreensão do vocábulo, voltando-se mais para a conotação, ‘prosa’ é a maneira natural de falar, sem forma retórica¹², mas ainda não a aproxima do verso. Por fim, as duas últimas significações apresentadas pelo dicionário dão conta em definitivo da leveza que o termo pode ter como sendo o vulgar, trivial, lábia, astúcia, conversa fiada. Afirmo assim, que a partir do sentido conotativo, a prosa se livra do peso discursivo carregado de regras e entrega-se ao natural do indivíduo, ao simples, ao poético que há em cada ser em particular. Moisés (2007, p. 29), diz que “A fusão do enredo e da poesia, a narratividade desenvolvida em ambiência lírica ou épica, eis, em suma, a prosa poética.” Assim, metaforicamente, apresentei o poema em prosa como o encontro de duas

¹¹ Poema Consoada de Manuel Bandeira. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/11058/consoada>. Acesso em 24 de fev. 2022.

¹² Nesse caso, o termo se refere a linguagem eloquente, própria dos oradores, rebuscada, pomposa.

águas, a princípio enxerguei ou limites entre elas, mas seguindo o curso, não pude mais limitá-las, vê-las separadamente.

Teixeira (2016) considera que a prosa poética possa ter se originado da poesia lírica¹³, o eu da poesia lírica desloca-se do poeta e articula possibilidades de estruturação do poema. Ainda segundo o autor, esse tipo de poesia sempre permite maleabilidade e não se encaixa de fato nas normas ditadas ao texto em verso. Moisés (2007), reforça Teixeira (2016), ao dizer que “Como a prosa literária é historicamente posterior à poesia, foi pela transferência de predicados dessa última que a outra se constitui. Assim, o encômio inicialmente construído em versos, passou a ser expresso em prosa” (MOISÉS, 2007, p. 21).

A prosa poética contempla então o campo da prosa curta, mas próxima da fala, do pensamento original e primeiro. Paixão (2012) refere-se ao gênero, na atualidade, como à atenção dada às vozes perdidas, manifestações da vida diária que durante muito tempo foi deixada de lado por grandes escritores, alternativa ao tradicional, renovador do frescor poético. Permanecendo nas ideias de Paixão (2012), essa forma escrita é menos complexa e mais reflexiva, aproximando-se mais da personalidade e do caráter humanizador da literatura.

Nessa pesquisa, a prosa poética é entendida como um tipo de texto que se organiza sob a forma de versos, que joga com os sentidos das palavras e que se permite permear de uma linguagem mais próxima da fala, é muito bem exemplificado pelo texto *Consoada* de Bandeira na abertura desse tópico, onde apresentei um texto versificado, carregado de linguagem cotidiana. Nele, pude observar, como próprio do texto em prosa, o uso dos parênteses (*não sei se dura ou coróavel*) como se fosse uma conversa informal, algo dito levemente, revelando, nesse texto em especial, o medo ou a tranquilidade diante da morte. Outro destaque do texto do Bandeira que servi como exemplo é a aproximação da língua falada carregada de expressividade -*Alô, iniludível!*, onde a informalidade da fala somada a pontuação remete a um encontro fortuito com um velho conhecido. Prosa poética é o cotidiano da vida alegre e triste, leve e pesada, simples e complicada dentro do texto poético. Prosa poética foi para mim, nessa pesquisa, arrumar a casa e pôr à mesa, trabalhos diários carregados de vida que podem constituir a poesia.

Na perspectiva que intencionei, a prosa poética se sustenta sobre em um traço tênue que se estende entre a disciplina do verso e liberdade da prosa (Goulart, 2004), é de grande valia quanto a sua utilização no ensino de Língua, o transitar entre a fala livre, trivial e leve e o mundo da escrita necessária à formação do indivíduo, eleva-a a um patamar privilegiado: o do encontro,

¹³ Gênero literário que predomina a expressão de sentimentos e emoções.

da possibilidade e da simplicidade. O poema carregado de significados poéticos e assumindo os traços leves da oralidade, a palavra solta sem a repressão do muito pensar, diz muito. A prosa ao se emaranhar com a poesia e por extensão com o poema, trouxe a estes um ar menos carrancudo e fechado. Esse traço livre e desmistificado, quase sempre coloquializado, é extremamente pertinente para assegurar ao poema em prosa um lugar especial quando se pretende conhecer as principais contribuições da poesia para o ensino e a aprendizagem escolar da Língua Portuguesa.

No que foi traçado até este espaço, mostrei que a poesia é costumeiramente associada ao abstrato e possui difícil definição, na maioria das vezes em que se tentou defini-la foi associada às questões referentes à alma humana. Os principais autores usados para ajudar na compreensão do termo, Paz (1982) e Paixão (1987), trouxeram um viés de conceitualização voltados para a subjetividade, as suas definições se entrelaçam ao fazer poético, ou seja, a definição de poesia é feita poeticamente e isso revelou a grandiosidade e a força indomável da poesia.

Assim, estendi-me nas esteiras dos conceitos e concluí que o poema é a melhor materialização da poesia e que a confusão e o uso de um termo no lugar do outro é, sob a perspectiva de que estão intrinsecamente ligados, aceitável e acertada, pois o poema sem a poesia não o é e esta encontra nele a melhor forma de existência. Quintana, em *Emergência*, exemplifica a importância do poema/poesia revelando o poder de salvar vidas:

Quem faz um poema abre uma janela.
Respira, tu que estás numa cela
abafada,
esse ar que entra por ela.
Por isso é que os poemas têm ritmo -
para que possas profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado.
(QUINTANA, 2022, s/p)

O Ensino Médio, responsável pela formação e a inserção do cidadão no mundo adulto, não pode se afastar dos meios que facilitam e asseguram a educação de qualidade com o propósito de salvar a vida através também de uma formação plena.

Encerrando as definições necessárias para compreender como a poesia pode contribuir para o professor de Língua Portuguesa nas séries finais da Educação Básica, detive o olhar sobre a prosa poética que, segundo Teixeira (2016), originou-se da poesia lírica e trouxe a leveza, o corriqueiro e a linguagem oral para dentro dos poemas, deu vez as vozes perdidas tornando-o menos complexo, mais pessoal e humanizador, Paixão (2012, p. 280). Para o ensino de Língua, esse caráter é fundamental pois, dessacraliza o fazer poético, trazendo-o ao mundo

e às mãos dos homens, cabe à escola, portanto, possibilitar, fazer o elo entre o aluno e esse gênero literário carregado de saberes na trajetória percorrida até a conclusão da formação básica.

1.1.4 Entre o aprender e o ensinar: tecendo a poesia na formação escolar

A maioria dos indivíduos tem contato com a arte logo após o nascimento, porém a música antecede a esse momento:

O mundo sonoro que envolve o feto durante o tempo em que ele se encontra no útero materno é constante e previsível. De fato, existem muitos elementos que compõem essa “sinfonia uterina”: além do pulso e dos sons internos provenientes do corpo materno, a voz da mãe falada ou cantada, o som de outras vozes, demais sons do ambiente externo, a música que a mãe escuta. (JABER, 2013, p.29).

Música e poesia andam de mãos dadas, assim, o contato da criança com a poesia antecede o nascimento, como foi dito por Jaber (2013), e se estende durante toda a sua existência, mesmo que não o perceba. O diálogo com a poesia através das canções de ninar que ajudam, principalmente, no domínio de certos ritmos essenciais ao ato de respirar, tornando-se uma ponte entre a criança e o mundo (AVERBUCK, 1993).

A autora ainda salienta que:

O próprio processo de aquisição da linguagem tem aí o seu apoio. Como afirma Gamarra, existem no poema elementos intelectuais, elementos da linguagem, mas também elementos físicos, musculares e respiratórios, cujo começo pode se reencontrar na aprendizagem das crianças (AVERBUCK, 1993, p. 73/74).

É dessa forma que a escola se mantém trabalhando a respiração iniciadas com as canções de ninar, porém nessa fase, amplia para o desenvolvimento da linguagem oral e aquisição de vocabulário sistematizado pela memorização das palavras que vão se repetindo através de poesias curtas e das cantigas. Assim, a poesia ingressa ao universo do real e amplia a capacidade de conhecimento de mundo que se inicia na criança (AVERBUCK, 1993).

O Ensino Fundamental dividido em duas fases trabalha a poesia de maneira distinta. Do primeiro ao quinto ano a poesia volta-se para as datas comemorativas (Dia das Mães, dos Pais, da Bandeira, Sete de Setembro, entre outras). É explorada a leitura dramatizada em forma de jogral ou individual (GEBARA, 1997). Na maioria das vezes, é excluído o trabalho com a descoberta de significados e sentimentos que possam ser despertados com o texto poético. Este participa apenas como uma maneira de se referir a determinada comemoração, dessa forma se

inicia o distanciamento entre o indivíduo e a poesia. Averbuck (1993, p.65) corrobora essa afirmação: “A sala de aula, antes de ser o território da inventividade, é, na maioria das vezes, o lugar onde se anulam as possibilidades de criação e invenção. Encerrei o início da cisão entre indivíduo e poesia, recordando Drummond em *A educação do ser poético*

Por que motivo as crianças, de modo geral, são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo? /Será a poesia um estado de infância relacionada com a necessidade de jogo, a ausência de conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos de viver – estado de pureza da mente, em suma? /Acho que é um pouco de tudo isso, se ela encontra expressão cândida na meninice, pode expandir-se pelo tempo afora, conciliada com a experiência, o senso crítico, a consciência estética dos que compõem ou absorvem poesia. /Mas, se o adulto, na maioria dos casos, perde essa comunhão com a poesia, não estará na escola, mais do que em qualquer outra instituição social, o elemento corrosivo do instinto poético da infância, que vai fenecendo, à proporção que o estudo Sistemático se desenvolve, até desaparecer no homem feito e preparado supostamente para a vida? Receio que sim. (ANDRADE, 1974, p.1)

Macedo também reflete sobre a mesma questão:

Porém, dadas as condições de trabalho, as peculiaridades da cultura escolar e a formação do professor, **percebemos que a escola, a cada dia, se torna um espaço que afugenta o livro literário de suas práticas** pela forma como o currículo está estabelecido sem priorizar o texto literário, seja pela inexistência de um projeto de leitura ligados às bibliotecas ou salas de leitura na escola. (MACEDO, 2021, p. 55 – grifo meu).

Faz-se importante salientar que, nos dois períodos do Ensino Fundamental, os textos literários, consequentemente poéticos, aparecem na disciplina de Língua Portuguesa, não há a separação entre Língua e Literatura. Ainda nesse período, mas voltando o olhar para o sexto até o nono ano, a poesia surge nos livros didáticos e na sala de aula como meio de se chegar à gramática, a leitura do texto, quando feita, volta-se para abordagens que não visam a sua expressividade. Busca-se encontrar elementos que justifiquem as regras de acentuação, morfologia e sintaxe, ou questões referentes a tipos de versos, estrofes e rimas, não é estabelecida uma ligação entre esses aspectos formais e o conteúdo do texto. Poesia é meio, não uma finalidade em si, trabalha-se a memorização, a ordem e o reconhecimento (GEBARA, 1997), mas a afetividade, a aproximação do aluno com o que o texto remete são abandonadas. A poesia permanece distante e inalcançável, como *Luzia na janela do sobrado*¹⁴.

¹⁴ Referência a última estrofe do poema *Órion*, de Drummond. Disponível em: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/10/poesia-orion-carlos-drummond-de-andrade.html>. Acesso: 24 de fev. de 2022.

No Ensino Médio, acontece a emancipação da Literatura, os livros didáticos em sua maioria apresentam a periodização literária separada do ensino da Língua e da Produção Textual. Poderia acreditar que, nessa etapa educacional, a poesia ganharia destaque enquanto fonte de conhecimento. Ledo engano, apesar do contato constante com as obras dos mais diversos autores, tanto em prosa quanto em verso, a poesia entra como exemplificação das escolas literárias vistas. Osakabe (1997), afirma que a Literatura no Ensino Médio equivale ao estudo da história literária, ou seja, lê-se o que já está consagrado como válido para justificar o período estudado, a poesia vista é a que se encaixa dentro das características elencadas para aquele momento da história literária, não pode fugir disso. Em consequência, tem-se a automação na leitura, sem a permissão para a fruição e sem abertura para aplicar ao poético a significação que o aproxima do aluno. O que vem determinado nos livros didáticos é o que é trabalhado pelo professor, Zilberman (1993, p. 21), chama-nos à atenção: “O livro didático exclui a interpretação e, com isto, exila o leitor [...] a interpretação se imobiliza em respostas fechadas, [...] sendo o resultado destas a anulação da experiência pessoal e igualitária com o texto”. Cereja (2005, p. 55), complementa essa questão afirmando que “[...] a memória relativamente recente das práticas de ensino de literatura em nosso país foi construída durante a vigência de uma concepção tecnicista de ensino [...]”.

Ao longo da formação escolar, percebi que a poesia segue um caminho que leva ao afastamento desta com o aluno. Se ao nascer, ou até mesmo antes disso, são propiciadas aproximações que acarretam desenvolvimento de várias capacidades, ao avançar nos anos estudados, a palavra encantada, rica em imagens, sons, ritmos e significações perde espaço para a palavra séria, fria e distante. Mais uma vez, usei a *Educação do ser poético* de Drummond como um apelo:

O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas e, depois, como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética. (ANDRADE, 1974, p.1)

O mundo poético, carregado de imagens, sons e cores, é a primeira visão do indivíduo, mas a escola incube-se em afastá-lo dessa visão, fazendo um trabalho inverso ao que se propõe, através da valorização de conteúdos vazios, comprometida com o ensino utilitarista voltado ao mercado de trabalho, valoriza textos “úteis” e abandona o texto literário e o conhecimento que só a poesia, enquanto arte, é capaz de propiciar. Essa escolha acaba não formando nem o trabalhador exigido pelo mercado, nem o indivíduo pleno e consciente de sua existência. Urge

assim, para uma educação mais humana, efetiva e afetiva que o poema seja tirado da marginalidade que lhe foi imposta.

Parafraseando Antônio Candido (2011), afirmo que a poesia é manifestação universal de todos os homens em todos os tempos, não há povo sem poesia. A escola, na trajetória de formação, deixa escapar todo potencial formador e emancipador do fazer poético, o que é primordial na infância para desenvolvimento de diversas habilidades é abandonado no decorrer dos anos, deixando de explorar e valorizar a diversidade de linguagens existentes e que venham a existir dentro e, na intenção de responder à pergunta drummondiana, o poeta existente dentro de cada um é abandonado, relegado a ser sem importância. A necessidade indissociável do ser em, ao mesmo tempo que usa uma linguagem objetiva, criar outras e outros mundos, é sufocada pelo ensino marcado nos conteúdos preestabelecidos e engessadores.

Há, obrigatoriamente, a urgência de se trazer a poesia para as salas de aulas. Almeida, (1997, p. 16), fala que “somente uma quantidade pequena de pessoas têm condições de falar, pensar e usufruir de literatura, poesia, textos importantes, teatro, cinema”, segundo Candido (1999), reproduzindo Mário de Andrade, a cultura erudita sempre bebeu nas fontes populares, é antagônico então pensar a escola distante do desenvolver o ser poético. A arte origina-se do povo não há razões para mantê-lo alienado a ela.

O estudo da Língua Portuguesa no Ensino Médio, permeado pelos estudos literários, pretere a escrita literária em favor da escrita científica que prepara o aluno para o mercado de trabalho, para a vida, mas segundo Candido (2011, p. 182) “a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante – de maneira inconsciente”. Banir a produção literária, em especial a produção de textos poéticos que caminhem da organização do verso para a organização do mundo é retirar parte da humanidade natural de cada indivíduo. Aprender a estruturar a linguagem livre, corrente, trivial vulgar e rotineira, é caminhar rumo a organização de outras linguagens e outros setores da vida social de indivíduo em particular. A criança desenvolve a fala e pensamento repetindo balbucios, levantando-se de quedas e aprende fabulosa e gradativamente. A necessidade da arte, da literatura e da poesia é de primeira ordem e estas não podem ser retiradas do aluno, aliás, não podem ser retiradas do ser humano em momento algum, pois elas provêm este de conhecimento e de encantos que suavizam, enriquecem e significam o existir.

1.2 OS ENCANTOS DA POESIA: UM MISTO ENTRE EDUCAR E APRENDER

A proposta desse primeiro capítulo dessa dissertação foi abordar o papel didático da poesia enquanto produtora de conhecimento, no primeiro subcapítulo abri um espaço e falei sobre os três eixos textuais em que a poesia se apoia, assim, tentei definir o que é poesia, poema e prosa poética. Definições indispensáveis a uma proposta que tem a arte poética como tema afinal eles se entrelaçam e traçam vários caminhos possíveis de escrita.

No segundo subcapítulo, aprofundei nas relações da poesia não no seu aspecto literário, cronológico ou estrutural, mas em sua essência artística, seu poder de produzir conhecimento pois, apesar de estar ligada ao imaginário e ao fantasioso, mantém estreita ligação com a realidade concreta:

A fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos etc. Eis por que surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura. (CANDIDO, 1999, p.81)

No primeiro tópico, embasada principalmente em Buarque (2013), Rabelo (2015) e Zilberman (2009), falei da função da escrita em emancipar o indivíduo, fazendo dele sujeito-agente da sociedade na qual está inserido.

No segundo, detive-me especificamente nas funções sociais da poesia, afinal ela foi o que moveu esse trabalho, versei ancorada em Eliot (1991), Zilberman (2009), Moisés (2019), e Paz (1982), desde o seu surgimento místico até a função de estabelecer o elo entre passado, presente e futuro.

O terceiro tópico trouxe as estreitas relações entre a poesia e a didática, referenciada sobretudo em Leal (2015), Silva (2011) e, novamente, em Zilberman (2009), abordei a rica contribuição desse gênero literário na construção do sujeito pleno.

1.2.1 O ensinar e o aprender e a função social da escrita

*Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.*

[...]¹⁵

As palavras que hoje, cada vez mais raramente, coloco no papel ou, como mais comumente agora, escrevo através do computador, integram uma bela história evolutiva e diferenciada nas variadas culturas ao redor do mundo. A escrita ocidental, que tem sua origem atribuída aos sumérios, derivou da fala que foi inicialmente usada para a transmissão dos desejos e necessidades aos seres divinos e como grito de guerra, glória e conquista de povos, desse modo antes de chegar aos códigos alfabéticos que se tem hoje, ela foi forma de representação carregada de significado. O homem primitivo, ao “escrever” nas paredes da caverna um animal, determinava sua ação sobre este, assim, a escrita não representava determinado elemento, ela era o próprio elemento. Assegurei, através desse exemplo, que as palavras que utilizo diariamente, que esculpo em mim e nos outros, são pedaços de mim mesma, assim como o poema de Cecília Meireles diz na abertura desse tópico, são instantes vividos que me completam, que completam os seres pensantes de maneira geral. Enquanto parte viva do ser social, a escrita possui em sua execução componentes que lhes acarretam funções sociais.

Ao me propor a conhecer as contribuições da poesia para o processo de ensino e aprendizagem, foi importante pontuar quais as funções sociais da escrita, pois esta ao ser inerente à socialização do indivíduo, constitui-se meio de integração mais significativa com a sociedade em que está inserido. O ato de ler e escrever ultrapassa os limites da decodificação de símbolos para a vida. Da mesma forma que Cecília Meireles lia e cantava o instante em que vivia, posso ler e compreender o momento vivido, o instante meu que é o mesmo, mas único para cada ser particular. É a partir da possibilidade de leitura e escrita que abordei quatro pontos que apresentam quais as funções sociais da escrita. Abrindo um parêntese, coube-me dizer que esta não existe sem a leitura, ambas caminham de mãos dadas, Buarque (2013, p. 202), chama à atenção para o fato de que “Se há princípio para ler, quer dizer, para desenvolver crítica (apreciar, analisar, interpretar e explicar), há, portanto, princípio para escrever”, cita ainda:

Cabe, na verdade, levar o aluno a intervir nesse conjunto, não apenas lendo poemas para responder questões de atividades analíticas, mas escrevendo poemas à maneira de, primando pela comparação entre o modo de compreender e lidar com o mundo por parte do aluno em relação aos poetas, poemas, épocas, estilos estudados (BUARQUE, 2013, p. 202).

¹⁵ Primeira estrofe do poema *Motivo* escrito por Cecília Meireles. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2020/03/25/motivo-cecilia-meireles/>. Acesso: 24 de fev. 2022.

Embora o autor aborde a questão da leitura e escrita da poesia, convém ainda, nesse parêntese, dizer que qualquer produção textual proposta pelo professor deve ser antecedida por leituras diversas no gênero proposto, pois o casamento entre leitura e escrita é indissolúvel e de constante felicidade e realizações. Fechando o parêntese, direcionei o pensamento para a emancipação, transformação, testemunho e autoria aqui destacados como funções sociais da escrita.

Mais que decifrar conjuntos de letras dispostas em blocos, ler é atribuir e entender os significados e os usos das palavras em diferentes situações (RABELO, 2015), sendo assim, prover o aluno da escrita é inicialmente lhe permitir acesso ao mundo, formá-lo sujeito pensante com capacidade para agir e refletir sobre a própria vivência. Nesse pensamento, Silva (2017), destaca que contribuir com a leitura e a escrita na escola é um desafio salutar para o domínio do saber mais amplo, importante para encarar as experiências do mundo, leva a conscientização e participação dos indivíduos na sociedade. A função emancipatória da escrita consiste, nesse ínterim, em dotar o aluno de condições para que possa existir como sujeito-agente onde estiver inserido, participar socialmente contribuindo de maneira significativa para a melhoria de vida através de conscientização na tomada de decisões. Tudo isso ultrapassa o decifrar de um código, a escrita é, primordialmente, tomar posse de si mesmo e do seu mundo. Voltando-me para o adolescente do Ensino Médio que necessita se alicerçar, marcar território ou, aos mais intimidados, fazer-se ouvir, a escrita é elemento fundamental para satisfazer suas necessidades, pois, através dela, imprime sua voz. Buarque (2013), diz que associar à prática de escrita poética à autoconscientização da identidade em comunhão com a memória para desenvolver o sentimento de pertencimento é fundamental, pois escreverá a própria vida (RABELO, 2015).

Em segundo lugar, outra função da escrita que abordei nesse espaço textual foi a questão da transformação. O domínio dessa habilidade proporciona ao sujeito-agente ao mesmo tempo que o conscientiza do mundo em que vive, transforma-o, pois se sente capaz de expor suas ideias ao mesmo tempo que ouve ideias de outros, nessa troca, o indivíduo, em um ato reflexivo, transforma o outro ao mesmo compasso em que se transforma. Zilberman e Silva (2008, p. 17), destacam que este “aciona sua fantasia, colocando frente a frente dois imaginários e dois tipos de vivência interior, mas suscita dois intelectos”, ou seja, a fantasia cede espaço para as lutas reais, pois o domínio da escrita faz com que desenvolva a consciência para as injustiças da sua época. Ao ler e escrever, o aluno constrói significados, compartilha experiências, ao mesmo tempo em que se afirma, modifica-se com o contato com o outro, porém essa modificação não consiste em renunciar a ideias e certezas, mas de reafirmá-las e revê-las através do contraste com outros pensamentos, afinal para se afirmar é necessário primeiramente conhecer e se

reconhecer, pois assim como na criança, no adolescente, o domínio desses elementos constitui importante papel na formação do psiquismo (AVERBUCK, 1993). Em relação à transformação, a escrita tem um efeito socializante-transformacionista, pois, “o texto artístico leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências [...] seu consumo induz a algumas práticas socializantes que, estimuladas, mostram-se democráticas, porque igualitárias.” (ZILBERMAN e SILVA, 2008, p. 17).

O terceiro ponto me dirigiu à afirmação de que uma das funções sociais da escrita é o fato de ser testemunho da história, instintivamente Manuel Bandeira se apresenta com:

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número.
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro
Bebeu
Cantou
Dançou

Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

(BANDEIRA, 2021, s/p)

Dentre os muitos gêneros textuais e literários existentes, essa pesquisa se pauta na poesia como agente de contribuição para o trabalho do professor de Língua Portuguesa, por esta razão, quando me referi ao testemunho como uma das funções sociais da escrita, vem pelo motivo desta, sem intencionar, ser a comprovação, sob determinado ponto de vista, de um momento histórico. A inegabilidade dessa afirmação tem o poema de Manuel Bandeira como exemplo, ao escrever seu texto, Bandeira apresenta a realidade vivida por uma quantidade significativa de pessoas no nosso país: João representa outros tantos “joãos”, sem sobrenome, subempregado, morando indignamente em lugar de risco e, provavelmente negro. A poesia retrata e atesta o abandono de uma parcela populacional. Apesar de não ter nenhuma obrigação em relatar uma história verdadeira, esse poema é a escrita de uma verdade incontestável. Nessa ideia, Buarque (2013, p. 204), compreende que “O poeta sempre olha algo, alguém, o mundo. Sempre o mundo que lhe é conhecido. Mesmo quando imagina, quando escreve aquilo que se considera fantasioso, o poeta o faz a partir do mundo que ele conhece.”. Volóchinov (2019, p. 131) complementa dizendo que “[...]o poeta escolhe as palavras não do dicionário, mas do contexto da vida [...]” e Zilberman e Silva (2008, p.17), ainda acrescentam que “a literatura não deixa de ser realista, documentando seu tempo de modo lúcido e crítico; mas revela-se sempre original, não esgotando as possibilidades de criar, pois o imaginário empurra o artista à geração de formas e expressões inusitadas”. *Poema tirado de uma notícia de jornal* contempla as asserções feitas pelos dois autores, pois Bandeira faz referência ao seu mundo conhecido, é

realista, lúcido, crítico e original, validando dessa forma o testemunho como função social da escrita.

Por fim, cheguei à autoria e iniciei com a voz de Buarque (2013, p. 210), como já postulado no início desse tópico que “a formação do leitor é inerente à formação do aluno escrevente, visto que, retomando uma analogia já apresentada, o escritor é um leitor.” Indissociáveis assim, leitura e escrita permanecem unidas no desenvolvimento do sentimento de autoria que é, ainda segundo Buarque (2013), o sentido de acabamento ao que foi lido, seja essa leitura de mundo ou sobre si próprio é necessário finalizá-la e, para que isso aconteça satisfatoriamente, é necessário a escrita. Assim como o autor lido exerce a mediação entre o seu mundo e o mundo do aluno-leitor, este necessita também exercer a mediação do seu mundo e o de outras pessoas. Sobre isso, Buarque (2013) acrescenta que ao realizar o ato da escrita o aluno revela um conhecimento sobre si mesmo, ele é autor de si, esculpe, tendo a caneta como cinzel, a sua vida e a sua história. A escrita se torna válida porque o aluno também é autor dela. Assim como Cecília se sentia completa ao cantar, ao ser autora do seu instante, o aluno-leitor também tem o direito de experimentar essa sensação, passando a ser aluno-leitor-autor, ao mesmo tempo que encontra alento nas leituras feitas, também (se) alenta nas escritas que produz. Nesse ponto, quando me referi autoria, pude inferir que através dela o ensino e aprendizagem de língua passa a ter uma outra significação para o estudante, é efetiva, verdadeira e válida.

Sintetizei esse tópico retomando as quatro funções da escrita dizendo primeiramente que ela promove a existência do indivíduo como sujeito agente na sociedade em que está inserido; que este, através da escrita, socializa-se, reafirmando-se ao mesmo tempo que acontece uma transformação; o indivíduo também, sem ter a obrigação em retratar as verdades do seu tempo, principalmente através da poesia, revela-as como testemunho e, por fim, ao escrever o texto, imprime sua marca no mundo, prova a sua existência por meio da autoria. Assim tive a emancipação, transformação, o testemunho e a autoria funcionando como principais funções da escrita. Defender o ensino e a aprendizagem através da poesia foi corroborar com o pensamento de que a escrita é essencial na defesa de uma educação mais humanizadora e eficaz e, unida a essa capacidade da escrita vem a poesia com suas funções também específicas que, somadas, promovem um ensino sedutor e concreto.

1.2.2 Caminhos cruzados: a função da poesia e o ensino e a aprendizagem

*Venho de longe bem longe
Pisando nessas areias
Para ver o grande milagre
da mãe de Deus das Candeias
Ó mãe de Deus das Candeias,
Vós me prometeste um ló
Se não me dá na hora da vida
Me dá na hora da morte
Ó mãe de Deus das Candeias,
Na terra escreveu Jesus
Quem vai doente vem são
Quem vai cego vem com a luz.¹⁶*

Falar da função social da poesia me obrigou a voltar historicamente e fazer uma ponte entre a sua importância quando surgiu e o que a torna imprescindível atualmente. Sustentei que, primeiramente a poesia possui uma estreita ligação com a mística e era entoada em rituais religiosos, invocações e, ainda hoje, é possível encontrar em diversas cidades, principalmente no interior, benzedeiras(os) que através de gestos, ervas e cantos trazem a esperança de cura não só para males físicos, mas também para doenças da alma. Esses cantos entoados nesses rituais provam que até hoje a poesia conserva sua primeira função social que segundo Eliot (1991, p. 26), pode “curar doenças ou obter boas graças de algum demônio”. O canto de abertura desse subtópico é um exemplo da vivacidade dessa relação entre poesia e mística, onde o fiel cobra de Nossa Senhora das Candeias uma graça, que o vento sopra a seu favor ao menos na hora da morte. Também é impossível pensar a poesia socialmente sem fazer referência aos gregos que legaram, mesmo atravessada por mitos, a função didática da poesia (ZILBERMAN, 2009), os versos homéricos eram decorados e repassados, sendo assim, a educação baseava-se principalmente na audição e reprodução desses versos que, inevitavelmente, sofreram alterações ocasionando muitas versões da mesma história. Ainda segundo Zilberman (2009), é dos gregos que o ocidente herdou a ideia de literatura como padrão linguístico.

Além dessas funções primeiras, a poesia possui outras funções e, segundo Eliot (1991, p. 27/28), existem funções poéticas que são óbvias como a questão do prazer, sensação essa, ainda segundo o autor que não pode ser descrita: “Se alguém perguntar qual gênero de prazer, só poderei responder: o gênero de prazer que a poesia proporciona”. Ligada a essa questão, apareceu-me a função da comunicação, pois os versos sempre trazem algum conhecimento

¹⁶ SANTOS, Amarildo dos. **Xique-Xique**: um pouco da nossa história antiga. 14ª edição. BND/DEPAD. Andaraí, 2009.

Canto entoado no ritual do *Terno das Almas* na cidade de Andaraí e no distrito de Igatu, na Chapada Diamantina, interior do Estado da Bahia.

novo, mesmo que seja uma perspectiva nova sobre um velho ponto de vista, mas há sempre algo a ser dito, de acordo com Paz (1997), experimentado. Nesse mesmo pensamento, aludi a Moisés (2019) que corrobora essa última função dizendo que a poesia ensina a ver. Para tornar mais clara essas afirmações recorri ao texto *El mar*:

El Mar

Diego no conocía la mar. El padre, Santiago Kovadloff, lo llevó a descubrirla.

Viajaron al sur.

Ella, la mar, estaba más allá de los altos médanos, esperando.

Cuando el niño y su padre alcanzaron por fin aquellas cumbres de arena,
después de mucho caminar, la mar estalló ante sus ojos. Y fue tanta la inmensidad de la mar,
y tanto su fulgor, que el niño quedó mudo de hermosura.

Y cuando por fin consiguió hablar, temblando, tartamudeando, pidió a su padre:

—¡Ayúdame a mirar!

(GALEANO, 2021, s/p)

Através de uma riquíssima prosa poética, ao final do texto, Galeano presenteia, deo encantadamente, a perfeita descrição do que é o ensinar a ver que a poesia proporciona e, através de associações que não se encerram em si, ponderei que o pai, Santiago, representa a figura do poeta; Diego somos nós, leitores, indivíduos comuns e, o mar seria a vida interna e externa, o mundo e tudo que o rodeia as pessoas, os seres. Não é possível enxergar as várias nuances das coisas em que cada ser em particular está envolvido, e se faz necessário definitivamente o olhar e as palavras pulsantes que só os poetas conseguem dizer, a imensidão da vida *maremoteada* só é permitido enxergar através deles, são eles quem dão conta de fazer perceber o que já tinha sido visto.

A sociedade atual vive numa busca desenfreada por sobreviver em uma estrutura imposta onde só as suas necessidades essenciais lhes são permitidas satisfazer, é um contexto de negações, o cidadão, alienado do que produz, é moldado a desejar sempre o mínimo. Não há lugar, na sociedade capitalista em que se sobrevive, para a poesia, a sua existência é uma ameaça à sociedade perfeita em que o ideal de liberdade é suprimido pelo da necessidade. Nesse caso, como salienta Moisés (2019), a poesia possui uma função subversiva, a insubmissão lhe é inerente e, assim como as demais manifestações artísticas, é excomungada, relegada ao desnecessário. Mais que as outras artes, a poesia induz o pensar, como disse anteriormente, a vê de outra maneira o já visto. Assim como Prometeu devolveu a luz, o calor do fogo aos homens, a arte poética clareia, ilumina, aquece o pensar, induzindo ao agir, ao questionar, ao desejar além do que é ofertado. Os poetas mexem com as estruturas sociais e, em razão disso, não são quistos pelos governos que tentam exilá-los dentro do próprio país. Moisés questiona ao mesmo tempo que alerta:

Quererá isso dizer que, quanto mais civilizados, os limites estreitos do que nos habituamos a chamar de civilização, mais empenhados estamos no retorno à barbárie? O fato é que, para verdadeiramente aprender a avançar (mais um paradoxo não custará grande transtorno), é necessário, antes, desaprender o anteriormente aprendido, por valioso e seguro que pareça. A poesia ensina, subliminarmente, a estratégia da insubmissão. Por isso, os guardiões do edifício do saber, ou de qualquer edifício minimamente ambicioso, não sabem lidar com ela, embora não hesitem em aparentar sabê-lo [...]. (MOISÉS, 2019, p. 28/29)

A vida em pequenos grupos foi abandonada, cidades de concretos foram erigidas, enfim, sou ser civilizado e, ao invés de estar cada vez mais distante da barbárie, retorno a ela? A arte é o que livra dessa barbárie, a poesia, como poderosa arma contra o desenvolvimento do ser (des)humano potencializa para compreender o mundo que está em volta e não me tornar vítima ou algoz, pois ao mesmo tempo que sacia e acalma as inquietudes, desperta o sentimento de pertencimento ao mundo de maneira equitativa: há sim, antes da cova, uma parte desse latifúndio que cabe¹⁷ a todo e qualquer indivíduo pelo simples fato de existir.

Em *O arco e a Lira*, Paz (1982), revela que a poesia é a forma natural de falar dos homens e que não há povo sem poesia, a partir dessa abertura que é dada pelo autor mexicano, cabe voltar a Eliot (1991), para abordar a principal função social desse majestoso gênero literário: manter a língua viva e, para convencer disso, ele afirma que por mais que se aprenda e fale outra língua, por mais que se comunique fluentemente nela, só se sente em no próprio idioma materno, os sentimentos são intraduzíveis e, em decorrência disso, a poesia tem um valor diferenciado para o povo pertencente ao idioma em que foi escrita. Mantive-me no pensamento de Eliot (1991), e percebi que o compromisso do poeta é muito maior com a sua língua do que com o seu povo, pois esse compromisso se abre em uma bifurcação que se direciona entre o preservar e o modificar: “ele está modificando seu sentimento ao torná-lo consciente [...] torna as pessoas mais conscientes daquilo que já sentem” (ELIOT, 1991, p. 31). Em um mundo em constante transformação os sentimentos, sensações e impressões também variam, cabe a poesia ser o elo, manter conectados ao que *fui, sou e serei*.

O autor ainda mostra que é tarefa da poesia estabelecer um vínculo entre passado e presente a fim de não tornar a minha língua estranha a mim mesma, desterrado de sua própria em se transformará o indivíduo? A pergunta retórica precisa ser reformulada: desterrada de

¹⁷ Paráfrase dos versos [...] — *É de bom tamanho, /nem largo nem fundo, /é a parte que te cabe /neste latifúndio. /— Não é cova grande.* [...] do poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto. Disponível em: <https://colegiocngparanagua.com.br/wp-content/uploads/2020/07/MORTE-E-VIDA-SEVERINA.pdf>. Acesso: 24 de fev, 2022.

língua, ainda pertencerá um povo, terá identidade? Segundo o autor, essa é a razão óbvia de que não pode se dar ao luxo de banir os poetas, de excluir a poesia das vidas. Em suas palavras:

Mas a maioria das pessoas não percebe que isso não é o bastante; que a menos que se continue a produzir grandes autores, e particularmente grandes poetas, sua língua apodrecerá, sua cultura se deteriorará, e talvez venha a ser absorvida por outra mais poderosa. (ELIOT, 1991, p. 32)

Conforme já afirmei, o sentido numa língua é intraduzível, é a poesia o único meio possível de expressar os sentimentos. Quando todas as palavras conhecidas não comportam mais as sensações, “[...] Lá vem o poeta com sua coroa de louro/Bertalha, agrião, pimentão, boldo [...]” (SANTOS e SALOMÃO, 2022, s/p), ou seja, a sua escrita dizendo exatamente o que se deseja dizer, com palavras, sensações e desejos do ser único mescladas as do poeta também único, trazendo uma originalidade mágica e tão familiar, que não há onde caber em satisfação. Eliot (1991), também defende que não é necessário o poeta *gritar de cima dos telhados*¹⁸, não precisam estar na linha de frente, mas contaminar uma quantidade de leitores, que contaminarão outros e assim nem a poesia, tampouco a língua, ficarão esquecidas.

Entender as funções sociais da poesia é primordial nessa pesquisa que se propõe a mostrar as suas principais contribuições no processo de ensino e aprendizagem porque apresenta este gênero literário não apenas como literatura, mas como meio necessário a sobrevivência dos povos, a continuidade de sua existência. Ao propor a poesia como mola-mestra para educar, tirei-a do pedestal que pode encerrá-la em si e lhe atribuí importância muito maior: a de fornecer ao indivíduo condições para uma vida plena, emancipadora e equânime. Ao me voltar a isso, observei que a poesia e a pedagogia possuem caminhos que se cruzam, pois ambas dividem a tarefa de ensinar, mesmo que, segundo Moisés (2019), o texto poético não possua um objeto definido, ao contrário da pedagogia. Essa confluência é essencial para o uso da poesia como ferramenta didática.

1.2.3 A sedução da poesia como ferramenta didática

[...]
Sexo é imaginação
Fantasia
Amor é prosa

¹⁸ Alusão ao segundo verso do poema *Bilhete* de Mário Quintana. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/7962/bilhete>. Acesso: 24 de fev. 2022.

Como já disse, a poesia não tem um lugar privilegiado na escola, entra nesta marginalmente e em consequência disso, aborta-se a possibilidade de trabalhar com um tipo especial de linguagem que joga ao mesmo tempo com significados, sonoridade, ritmo, rima, fantasia e diversão (LEAL, 2015), isso acarreta uma aprendizagem débil, insuficiente e insatisfatória no ponto de vista individual e social. A poesia, como ferramenta didática, surge como um dos meios de se promover uma educação mais efetiva e que se sustenta não apenas no viés utilitarista, mas concretiza um dos pressupostos da BNCC que é a formação de indivíduos autônomos (BRASIL, 2018).

O primeiro ponto que destaquei para estabelecer um elo que me levou a defender o trabalho em sala de aula com o texto poético é, sem dúvida, o mais importante entre todos que pontuei aqui: a formação do leitor. Zilberman (2009), questiona-se que leitor é esse que a escola deve formar, se o leitor de textos informativos ou o de textos literários. A própria manifesta que, dentro das condições em que os professores e a escola se encontram, que saiam leitores pelo menos em uma modalidade e isso decorra e se abra para outros tipos de leitura. Na nossa sociedade é inegável que é a escola quem conduz ao ato de ler, mas a mesma, infelizmente, não converte o aluno em leitor (ZILBERMAN, 1993). A poesia na disciplina de Língua Portuguesa entra como desenvolvedora do gosto, do gosto de ler, ler por ler, para ter contato e o que aprendido e apreendido será de maneira indireta.

Em segundo lugar, é próprio do gênero poético, de acordo com SILVA (2011), englobar conhecimento que vai desde a pronúncia das palavras, enredando-se pelo vocabulário e regras, finalizando de forma ampla no uso da língua como um todo indivisível. Nesse sentido, tanto a busca pela leitura como pela escrita poética abarca desde a fonética e morfologia até a sintaxe, passando necessariamente pela semântica. Os versos propiciam uma aprendizagem concreta, ao compreender, por exemplo, que em determinada construção, o complemento daquele verso está no verso posterior, uma organização sintática já se estabelece na mente do estudante que só tende a se aperfeiçoar com o constante contato com o texto poético. Ou, se em determinada produção, o aluno fizer uso de metáforas, saberá ele o sentido denotativo e as outras possibilidades de sentido que uma palavra pode ter.

¹⁹ Terceira estrofe da música Amor e Sexo de Rita Lee, Roberto de Carvalho e Arnaldo Jabor. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/rita-lee/74440/>. Acesso: 24 de fev. de 2022.

O terceiro ponto que abordei é aquele que faz uma fusão entre a racionalidade e a invenção, entre o real e o imaginário e, voltando nosso pensamento para Paz (1982, p. 119), encontramos nele a afirmação de que “Cada imagem – ou cada poema composto de imagens – contém muitos significados contrários ou díspares, aos quais abarca ou reconcilia sem suprimi-los”, a leitura do poema exige um trabalho mental onde a imaginação vai traçar uma parceria indissolúvel com o intelecto para que as imagens que o poeta construa possam ser “decodificadas” pelo leitor. Esse decodificar é o que Zilberman (2009) chama de fruição da obra, sentimento de prazer que acontece não apenas pela elaboração do autor, mas pelo estímulo que é dado ao imaginário do leitor. Nesse processo, o leitor é coautor da obra literária, pois para que esta adquira sentido, é necessário que ele crie imagens em sua mente, que não serão as mesmas de quem as escreveu, estarão permeadas pela vivência e por tudo que preenche o seu mundo, mas que foram suscitadas primeiramente pelo trabalho com a linguagem ousado pelo autor. Nesse ponto, a poesia é o elemento que funde os dois seres, ambos são sujeitos do fazer poético e, ao se sentir sujeito do texto de outrem, o aluno se torna autor de suas próprias imagens, sujeito do seu texto, deixa de ser apenas um receptor de informações para um provocador de emoções. Através da brincadeira de criar imagens com as palavras, apropria-se da criação mais elaborada do texto, se o poeta é um ser privilegiado, o estudante também passa a ser. É impossível falar sobre imagens suscitadas pela poesia sem trazer exemplos que comprovem o poder que elas têm, não fiz a interpretação dos versos uma vez que, concordando com Mário Quintana²⁰, acredito que “a poesia já é uma interpretação”, falei brevemente sobre quais imagens e fantasias que o poema de Quintana e o trecho de Bandeira despertam e para que outros conhecimentos, além do prazer da fruição e do trabalho artístico com a língua, eles levam.

Guerra - Mário Quintana
Os aviões abatidos
São cruzeiros caindo do céu.

(QUINTANA, 2007, p, 76)

Evocação ao Recife – Manuel Bandeira

[...]
Lá longe o sertãozinho de Caxangá
Banheiros de palha

Um dia eu vi uma moça nuinha no banho
Fiquei parado o coração batendo
Ela se riu
Foi o meu primeiro alumbramento
[...]

(BANDEIRA, 2001, p, 76)

²⁰ Frase de Mário Quintana, dita por Oswaldo Montenegro ao cantar *Samba da Benção* de Vinícius de Moraes. In.: *Letras Brasileiras*. Org.: Oswaldo Montenegro, Albatroz, 1997.

Esteticamente, trazendo uma poesia curta, fácil e gostosa de ler, embora contenha uma significação densa e reflexiva, o primeiro poema apresenta uma quebra com a estrutura tradicional, abre espaço para o verso moderno e, através da metáfora preenche o imaginário com os horrores que uma guerra é. A associação entre a forma do avião e a da cruz somado ao simbolismo que esta tem na cultura ocidental, faz com que a poesia abra espaço para muita conversa em sala de aula, somados ao imagético, a estética e o trabalho com a linguagem são suficientes para se chegar a vários aspectos na disciplina de Língua Portuguesa e Literatura. Além disso, saberes voltados para História, Geografia, Física, Química e outras disciplinas, relacionando-o as duas grandes guerras passadas e em que se constituem as guerras atuais, permitem uma visão que não se esgota só em uma disciplina, levando a interdisciplinaridade de maneira natural. Da mesma forma é pensado o segundo texto, porém numa perspectiva mais voltada para o adolescente e os sentimentos e sensações próprias dessa faixa etária. A aproximação entre autor e leitor-adolescente é certa e, não atinge apenas os meninos, sendo um excelente momento para dar protagonismo as sensações e vivências adolescentes das meninas também, mas voltando para o *alumbramento* do poeta, a visão que este possui da mulher, ampliando assim, através do intelecto, os seus limites. Essa poesia permite entrar no universo do adolescente e estabelecer elos que o ligam este diretamente ao fazer poético, pois, o poema de Bandeira fala de algo comum à essa faixa etária, é exatamente ao aluno que o poeta fala, desperta-lhe a memória, as imagens de algo que também lhe aconteceu.

A quarta abordagem em que me detive foi a que se volta, segundo Zilberman (2009), para o desenvolvimento da segurança e da sensibilidade. Conforme a autora, outro sentido educativo que pode ser conferido ao texto literário é o de auxiliar o estudante dando-lhe mais segurança relativa às suas próprias experiências, nesse sentido, a realidade transfigurada no texto poético se encontra com a realidade do aluno, há uma sincronia emocional quando o leitor tem a sensação de não estar sozinho, de que outras pessoas possuem vidas que equivalem a sua. Isso o enriquece, pois, “o poeta busca transmitir seu pensamento, sua cultura, meio social e sentimentos no momento que está escrevendo” (LEAL, 2015, s/p), o aluno, silenciado na trajetória escolar encontra na escrita da poesia um meio de expor também seu pensamento, sua cultura, seu sentimento e seu momento. É uma ação reflexiva que o texto poético desencadeia, ele se vê representado, desnudado nas palavras do escritor, deixando de se sentir único e suscitando a segurança em si mesmo através da sensibilidade.

O quinto e último apontamento sobre a importância da poesia enquanto ferramenta didática se refere a socialização que o texto literário é capaz de proporcionar, para isso busquei recordar quantas vezes passei pelos corredores das escolas em horário em que os alunos ainda

não tinham entrado em sala, era muito comum vê-los compartilhar, uns com os outros, músicas que lhes comunicam alguma coisa especial. Essa partilha acontece desde sempre, mesmo eu, que fui adolescente em um momento em que as músicas eram tocadas no rádio e gravadas em fitas cassetes, compartilhei fitas gravadas, letras escritas na última folha do caderno, ou em caderno comprado para esse fim. A arte tem esse poder de partilha, de socialização. A poesia também entra nessa esfera de objeto que pode ser compartilhado e, em um momento de devaneio, imaginei o quanto seria maravilhoso ver os alunos-leitores-escretores socializando suas leituras e escritas. Zilberman salienta:

O leitor tende a socializar a experiência, cotejar as conclusões com as de outros leitores, discutir preferências. A leitura estimula o diálogo, por meio do qual se trocam resultados e confrontam-se gostos. Portanto, não se trata de uma atividade egocêntrica ou narcisista, se bem que, no começo, exercida solitariamente; depois, aproxima as pessoas e coloca-as em situação de igualdade, pois todos estão capacitados a ela (ZILBERMAN, 2009, p.17).

Em pé de igualdade tanto em relação ao escritor, como coautor e com os demais colegas, a literatura e a poesia por extensão possui uma perspectiva voltada para a socialização que possibilita a exteriorização do mundo interior, isso pode ser apropriado à criança, ao adolescente e ao adulto também. Enquanto ferramenta didática, a poesia ultrapassa limites e se converte em aliada para uma aprendizagem que dê significado à própria existência do indivíduo.

É importante destacar, ainda estabelecendo conexões entre o texto poético e a didática, que a intenção ao se defender a poesia como estratégia no ensino de Língua Portuguesa não tem como “objetivo formar grandes escritores, até porque não se faz poetas” (SILVA, 2011, p. 26), aos professores e professoras de Língua e Literatura, compete a obrigação de estimulá-los a ler e a escrever, essa é a função da escola, conduzir os alunos em um processo que os transforme em bons usuários da língua tanto falada quanto escrita. Outra questão que merece ser mencionada é que uma didática voltada para o texto literário visa o desenvolvimento da afetividade, do sentimento e da imaginação através do intelecto (ZILBERMAN, 2009), mas não há a intenção de transformar as aulas em consultas psicológicas, embora desempenhe esse papel às vezes, o professor não tem formação nem é de sua competência agir ou direcionar as aulas nesse sentido.

A escola tem o compromisso de ensinar o aluno a ler e, depois disso, não pode se furtar em acompanhá-lo na sua trajetória voltada para a leitura, abandonando-o a própria sorte. É necessário, segundo Silva (2011), apresentar a poesia aos alunos, derrubar os preconceitos que

a esta é imposto como texto de difícil compreensão, romper as barreiras e estimular mecanismos que dissolvam a rejeição.

Busquei mostrar nesse subcapítulo quais as relações entre a poesia e a didática uma vez que o objetivo dessa pesquisa é apontar quais as contribuições desse gênero no processo de ensino e aprendizagem. Destaquei cinco pontos: o primeiro se referiu a sua importância na formação do leitor, seguido da capacidade que possui no desenvolvimento de diversas competências linguísticas. Em terceiro lugar, mostrei o papel da poesia no jogo entre racionalidade e invenção ou do real e da imaginação, em seguida apontei que o poético desempenha importante função também no que se refere a segurança e autopercepção e finalizei com o poder na socialização do indivíduo que essa escrita mágica pode proporcionar. Por fim, Zilberman (2009), afirma que o texto literário permite ao indivíduo a alteridade sem a perda da subjetividade, conseqüentemente o trabalho com essa arte é recheado de completude e raramente pode ser substituída por outra. Nesses termos, a poesia é indispensável para o desempenho e constituição do ser humano, trabalha ao mesmo tempo com o racional e a fantasia, é um canto sedutor que, diferentemente das sereias, não levam o indivíduo para um fim catastrófico, mas eleva-o e lhe permite desenvolver as humanidades inerentes como ser humano. A sedutora condição da poesia é ferramenta indispensável à didática não só do professor de Língua Portuguesa, mas principalmente a este.

Em vista disso, cheguei à conclusão de que o trabalho com a escrita é indispensável para a existência do indivíduo, uma vez que ela é essencial para a vida em sociedade. Nesses termos, a poesia, embora expurgada pelo capital, torna-se indispensável na conscientização e usufruto da vida que lhe é delegada. Como nos fala Drummond:

Já não quero dicionários
consultados em vão.
Quero só a palavra
que nunca estará neles
nem se pode inventar.
Que resumiria o mundo
e o substituiria.
Mais sol do que o sol,
dentro da qual vivêssemos
todos em comunhão,
mudos,
saboreando-a
(ANDRADE, 2021, s/p)

O aluno-indivíduo-homem necessita conhecer, compreender e usar a palavra em sua plenitude significativa para uma comunhão consigo e com todos que o rodeiam, a palavra que existe além dos dicionários, como bem exemplifica Drummond, a palavra-toda que lhe permita

justiça e dignidade; a palavra-comida que sirva não apenas para matar a fome, mas que seja saboreada; a palavra-sexo que encha de prazer pagão, como canta Rita Lee no trecho de abertura desse tópico, que vá do turbilhão à calmaria, da euforia ao descanso ofegante; enfim que a palavra-poesia seduza, encante, convença e o mundo se abra em possibilidades. Não é novo tampouco estranho, chegando a configurar um lugar-comum, o abandono das questões educacionais, o professor, no meio desse processo é vítima e, por vezes, seu próprio algoz. O inegável é que chegar a uma metodologia que o leve a educar de modo satisfatório é quase *acertar na loteria*, mas isso é possível e, o casamento entre poesia e pedagogia pode ser o *bilhete premiado*.

1.2.4 Poesia e pedagogia: quem acerta nesse rimar, nada lhe pode faltar²¹

Quem acerta no casar, nada lhe falta acertar.

Já foi apontado nessa dissertação que a poesia, linguagem primeira dos povos, possui inerente valor pedagógico, por isso abri mais um espaço nessa pesquisa para fomentar esse valor e sacramentar a literatura e, por extensão, o texto poético como imprescindível para a formação da autonomia e da plenitude cidadã. A minha predisposição em intentar conhecer as principais contribuições desse gênero para o processo de ensino e aprendizagem escolar da Língua Portuguesa nas séries finais da Educação Básica me impeliu a abordar um pouco mais o valor pedagógico que as metáforas, metonímias, eufemismos, gradações e outros tantos recursos da linguagem criativa/subjetiva pode proporcionar. Para fundamentar essa discussão, Zilberman traz contribuições basilares:

Que a poesia assumiu desde cedo a propensão educativa, prova-o o fato de Psístrato, modernizador da sociedade ateniense durante o século VI a.C., ter organizado os concursos de declamação das epopeias; com isso, reconheceu que elas ofereciam ao povo padrões de identificação, imprescindíveis para ele se perceber como comunidade, detentora tanto de um passado comum quanto de uma promessa de futuro, constituindo uma história que integrava os vários grupos étnicos, geográficos e linguísticos da Grécia. (ZILBERMAN e SILVA, 2008, p. 17)

Esse caráter pedagógico utilizado pelos gregos se dissipou com o passar do tempo, a modernidade trouxe a perda da intimidade entre o cidadão e o processo educativo, pois a

²¹ Subtítulo livremente inspirado no ditado popular que o precede. Disponível em: <https://ditado.com/quem-acerta-no-casar-nada-lhe-falta-acertar/>.

literatura passou a fazer parte do padrão linguístico ideal (ZILBERMAN e SILVA, 2008), estância superior e inalcançável. Apesar disso, os textos literários não desapareceram, resistem e ainda tramitam entre a transmissão do patrimônio linguístico, cultural e étnico e a formação integral do homem. Assim, a criação fantasiosa, inerente à criança e necessária ao adulto ressaltada por Freud (1972), une racionalidade e invenção que são elementos indispensáveis no processo educativo. Segundo Daniel²² “A poesia é comunicação, subjetividade que também exprime realidade.” É sob esses dois últimos pontos de vista que pude firmar que, enquanto pedagogia, a literatura é reconstrutora ao formar o leitor, e libertadora pois promove, através das palavras, a liberdade:

Literatura: palavra em liberdade, de infinitos caminhos e direções, puxando o interlocutor para a prática de participação e prazer. Das caminhadas curtas ou longas, da penetração nas profundezas mais impactantes da ficção, resulta sempre um olhar diferente, talvez mais inteligente, mais sensível, mais humilde... Ler literatura? Voar junto para outros lugares humanos, próximos do meu porquê também meus, e hermenêuticamente retornar, agora muito mais conectado aos acontecimentos da vida. (ZILBERMAN e SILVA, 2008, p. 25)

A possibilidade do voo libertário é o ponto de uma literatura e pedagogia, promove uma aliança, um casamento feliz, fazendo essa rima, como prescrito no ditado popular transcrito no início desse tópico, o professor de LP constrói um ensino mais efetivo e uma aprendizagem muito mais significativa. O indivíduo pode não lembrar das regras gramaticais repetidas incansavelmente por todos os professores de Língua Portuguesa que passaram por ele, mas se recorda de leituras, construções de textos, especialmente os poéticos, de sua estrutura, os sentimentos despertados e, inconscientemente, esses textos organizaram o seu pensamento, sentimentos e o levaram a organizar outras áreas da vida.

Infelizmente, o que foi feito do texto literário foi a didatização, foi-lhe retirado o caráter educativo (ZILBERMAN e SILVA, 2008), passou a ser veículo que conduz a regras do mundo útil: só cabe à escola dar ao aluno aquilo que o leve ao mercado de trabalho, ao barato mercado. A poesia, mais que os demais gêneros literários, foi desmoralizada, relegada a categoria de “texto que não leva a lugar algum”, escrita de aluados, linguagem desvairada e cambaleante. Os currículos tradicionais, até hoje base para o professor na maioria das escolas, consolidaram a desmoralização, como mostrei no próximo subtítulo, foi usurpado da poesia, o direito de

²² Daniel Silva Souza é aluno do curso de Letras na Universidade Federal de Roraima. A fala dele transcrita nessa dissertação foi proferida em um seminário em que apresentaram os capítulos do livro de Octávio Paz *A dupla chama do amor e do erotismo* na disciplina Literatura Brasileira Poesia. Nesta disciplina realizei meu estágio em nível superior. Cabe ressaltar que houve consentimento do autor do enunciado citado através de RLCE.

educar ao fruir (ZILBERMAN e SILVA, 2008), desse modo, a rima entre poesia e pedagogia não foi feita, estremecendo os pilares educacionais pois, é a língua torta dos poetas que enche as aulas de vida e dá ao jovem mais vida ainda.

1.2.5 O currículo e a poesia debaixo de uma sacada...

*O cravo brigou com a rosa
Debaixo de uma sacada
O cravo saiu ferido
E a rosa despedaçada
[...]*²³

Quando me propus a conhecer as contribuições da poesia para o processo de ensino e aprendizagem escolar, focando o olhar nas séries finais da Educação Básica, foi importante entender e refletir como, aqui foi inevitável construir uma metáfora, a poesia pousa no currículo do Ensino Médio, ou seja, o que é proposto sobre esse gênero literário quando o aluno se volta com mais precisão para a busca pela independência financeira e legal. O currículo rege o professor, por isso se faz salutar nesse estudo estabelecer ligação entre o objeto de pesquisa que é o ensino e a aprendizagem através da poesia e o documento que viabiliza, regulamenta e envolve de maneira consciente e inconsciente o ensinar e o aprender. Esse tópico dedicou-se, como sugere o seu título, a teorizar um pouco sobre o currículo tanto tradicional quanto crítico e situar a arte, em especial a que se dedica essa pesquisa, dentro dele, como já foi mencionado metaforicamente no início desse parágrafo, o pousar da poesia, o trato, a importância dada a essa manifestação artística.

A escola é o lugar onde se busca o saber, porém não é qualquer saber que pode ser ali ensinado, segundo Lopes (1993, p, 15), “[...] é a escola um espaço privilegiado de legitimação de alguns saberes em detrimento de outros [...]”, é o currículo o veículo de validação, de permissão para que alguns conhecimentos e outros não sejam repassados aos alunos. Este tem em seu veio tradicional um compêndio de normas a serem seguidas que, segundo Pedra (1993), organiza-se para o bom funcionamento da sociedade capitalista, delegando a escola o ajuste da sociedade aos interesses econômicos. Para fomentar essa discussão, Apple acrescenta que:

As escolas não apenas controlam as pessoas; elas também ajudam a controlar o significado. Pelo fato de preservarem e distribuírem o que se percebe como “conhecimento legítimo” – o conhecimento que “todos devemos ter” – as escolas

²³ Primeira estrofe da cantiga popular infantil *O cravo brigou com a rosa*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/cantigas-populares/631308/>.

conferem legitimidade cultural ao conhecimento de determinados grupos (APPLE, 2006, p.103/104 – grifo do autor).

O autor citado chama atenção e soma à questão da validação do que pode e deve ser ensinado na classe, a naturalização de um conhecimento que favorece a determinados grupos, é o controle sobre o significado do conhecimento, o que “todos” devem aprender é o correto, verdadeiro e único saber. Ao colocar em evidência a questão do saber único, pode inferir que a poesia, da maneira como é defendida nessa pesquisa e me coube aqui relembrar o caráter de salvação capaz de transformar o mundo, muito bem dito por Paz (1982), o poder de revelar a si e ao mundo em que vive, apontado por Candido (2011), e o mostrar a vida nua, destacado por Paixão (1987), não é bem quista, tampouco devidamente acolhida e defendida pelo currículo tradicional, este não abraça o fazer poético com todo o seu poder, ao contrário, repele-o. O contrato vitalício do CT é com a poesia pré-moldada, impessoal e engessada, mas não com a arte como expressão de individualidades e detentora de conhecimento:

Admitindo o valor cognoscitivo da arte, seremos forçados a concluir que ela proporciona um conhecimento particular que não pode ser suprido por conhecimentos proporcionados por outros modos diversos de apreensão do real. Se renunciarmos ao conhecimento que a arte- somente a arte- pode nos proporcionar, mutilamos a nossa compreensão da realidade (KONDER, 2013, p.25).

Ao colocar sob a mesma sacada o currículo tradicional e a poesia, percebi que esta, assim como a rosa da canção popular, se machuca, perde sua essência. Konder diz que sem o conhecimento da arte somos mutilados. Para combinar com a rosa cantada, pude dizer que ao menosprezar, colocar a arte à margem, a arte poética que é o que interessa a esse estudo, aos poucos o aluno vai se despetalando, perdendo dignidade, humanidade, tornando-se um *homem-coisa* bárbara.

A intenção de conhecer as principais contribuições da poesia no processo de ensino e aprendizagem liga-se diretamente ao que é proposto pelas teorias críticas do currículo, pois estas trazem à tona e evidenciam os diversos fatores que corroboram para a emancipação do indivíduo. Segundo Silva (2005), elas revelam que a aprendizagem escolar enfatiza a reprodução de atitudes e comportamentos socialmente desejáveis, assim, a poesia é um elemento primordial para a desconstrução de saberes estagnados, uma vez que, conforme apresentei anteriormente nesse mesmo capítulo, este gênero literário tem, entre outras, a função subversiva, uma insubmissão inerente, afinal, como as demais manifestações artísticas, ela leva a pensar, a refletir, a se reconhecer, se situar e a questionar a realidade vivida. Convém aqui trazer para essa fundamentação, Adorno:

[...] Em relação a esta questão, gostaria apenas de atentar a um momento específico no conceito de modelo ideal, o da heteronomia o momento autoritário, o que é imposto a partir do exterior. Nele existe algo de usurpatório. É de se perguntar de onde alguém se considera no direito de decidir a respeito da orientação da educação dos outros [...] (ADORNO, 2000, p. 141).

Ao se questionar sobre o direito de uns poucos decidirem o que outros muitos devam aprender e, não somente devam, mas como, quando e onde aprender, o autor, mesmo que não se refira ao currículo diretamente, serve com suas palavras para impulsionar a defesa em parceria da poesia somando-se ao currículo com base crítica. É ainda o mesmo autor que diz:

Evidentemente a isto corresponde uma instituição escolar em cuja estruturação não se perpetuem as desigualdades específicas das classes, mas que, partindo cedo de uma superação das barreiras classistas das crianças, torna praticamente possível o desenvolvimento em direção à emancipação mediante uma motivação do aprendizado baseada numa oferta diversificada ao extremo [...] (ADORNO, 2000, p. 170).

“[...] torna praticamente possível o desenvolvimento em direção à emancipação mediante uma motivação do aprendizado baseada numa oferta diversificada ao extremo”. Esse trecho merece ser repetido quantas vezes forem necessárias, como um mantra, para não ser esquecido que, colocar currículo e poesia sob uma mesma sacada, só é possível se este se sustentar criticamente. É o abandono do engessamento e da mutilação promovidos pelos currículos tradicionais que permitirão viver um processo de ensino e aprendizagem diversificado e, em consequência, como salienta Adorno, emancipatório.

Quantas rimas são possíveis fazer com as palavras de uma língua que figura entre as dez mais faladas do mundo, como a Língua Portuguesa²⁴, por exemplo? A resposta ao questionamento são as possibilidades de conhecimento que o trato com a poesia em sala de aula pode proporcionar. Isto posto, pensar a poesia é pensar saber, o saber próprio da arte que, sem ele, fica-se mutilado. É permitir idas e vindas em processo de troca e descobertas mútuas entre aluno e mundo que o rodeia, que me rodeia tanto quanto professora como enquanto ser social. Ao furtar do indivíduo esse direito, furta-lhe as vidas que através da poesia pode viver, que nunca soube ser de realidade possível.

²⁴ Segundo o site <https://www.berlitz.com/pt-br/blog/as-10-linguas-mais-faladas-no-mundo>, a Língua Portuguesa é a nona mais falado no mundo com um total de 221 milhões de falantes nativos e 13 milhões de falantes não nativos.

2 AS PEDRAS QUE DELINE(AR)AM O CAMINHO²⁵

*Escrever um poema
é tarefa agridoce.
Às vezes, as palavras
saltam
se aconchegam umas às outras
naturalmente.
Outras vezes
elas são presas difíceis
é árdua a caça
é necessário domá-las
para o verso existir²⁶*

A poeta diz que escrever um poema não é tarefa fácil, enveredar pela pesquisa, pelas trilhas da ciência também não é, por mais que, às vezes, as palavras se aconcheguem pacificamente umas às outras, como na epígrafe, outras muitas vezes, a luta é travada horas a fio. Nessa luta, duelo entre escrevente e palavras, faz-se necessário balizar, direcionar e, para desempenhar essa função, convoquei as pedras, inspirei-me na que Drummond encontrou em seu caminho, como sugeri no título desse capítulo, porém aqui multiplicada. Se por vezes elas me fizeram tropeçar, outras puderam servir como guia, como quando se anda numa trilha e tem que passar por trechos com águas e, sob a luz iluminar, o labiríntico trajeto. Assim, são várias pequenas rochas que orientaram esse percurso metodológico e, mesmo parafraseado por versos, metalinguagens e metáforas, seguiram a estruturação apresentada pela Professora Mestra Jardielly Alencar Vasconcelos Martins²⁷ em sua dissertação “Significando as Atividades Rítmicas e Expressivas no Contexto da Educação Física Escolar: um olhar sobre a proposta curricular do Colégio de Aplicação-CAP/UFRR” (2018) e do Professor Doutor Elialdo Rodrigues de Oliveira²⁸ em sua Tese “A proposta curricular do curso de pedagogia da UERR e a realidade multicultural de Roraima” (2016).

²⁵ Título livremente inspirado no poema *No meio do caminho tinha uma pedra* de Drummond.

²⁶ Poema escrito por mim, artisticamente assinando Jacilene Cruz, intitulado *O faz poema*. Acervo pessoal, ainda não publicado.

²⁷ Jardielly Alencar Vasconcelos Martins possui graduação Licenciatura Plena em Educação Física pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima - IFRR (2008), e Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Roraima - UERR (2018). Professora efetiva de Educação Física da Universidade Federal de Roraima - UFRR, lotada no Colégio de Aplicação - CAP, com atuação no Ensino Fundamental - anos iniciais.

²⁸ O pesquisador Dr. Elialdo Rodrigues de Oliveira é professor titular do Programa de Mestrado de Educação e do Programa de Mestrado do Ensino de Ciências da UERR, na disciplina de Epistemologia das Ciências. Coordena grupos de pesquisa envolvendo a temática do Currículo Criativo, em contexto de população multicultural e Educação Integral.

As pedras foram fixadas de maneira que não desprenderam ou rolaram para outro lugar, conduzindo a caminhos indesejáveis, para isso, a liga que as sustentaram foi feita por Husserl (2020), Sokolowski (2016), Bicudo (2011), Severino (2016), Chizzotti (2017), Cerbone (2012), Marconi e Lakatos (2021), Gomes (2016), Bardin (2016) entre outros que auxiliaram nesse percurso.

Ao sair da ideia e se concretizar em palavras, voltei essa dissertação sob perspectivas que direcionaram para as abordagens qualitativa e fenomenológica, assim como para as pesquisas bibliográfica e documental. A fim de melhor compreender o ensino e a aprendizagem por meio da poesia, foi feita pesquisa de campo através de entrevista com as professoras de Língua Portuguesa da Escola Estadual Gonçalves Dias, no feminino porque todas são mulheres, foram cinco professoras que contribuíram com a pesquisa mediante roteiro de entrevista adaptado ao atual momento de distanciamento social, com isso intencionei conhecer quais as principais contribuições da poesia para o processo de ensino e aprendizagem escolar da Língua Portuguesa no Ensino Médio.

2.1 A PRIMEIRA PEDRA

*No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.²⁹*
[...]

A primeira pedra que impulsionou essa pesquisa a caracterizou pela abordagem voltada à qualidade, pois ao pensar quais as contribuições da poesia para o processo de ensino e aprendizagem, levando em conta o caráter educativo dessa manifestação artística, entendi que, não há condições para que ele ser quantificado ou calculado, dito isto, a abordagem qualitativa é a que melhor se adequou a esse trabalho uma vez que:

A pesquisa qualitativa é uma designação que abriga correntes de pesquisa muito diferentes. Em síntese, essas correntes se fundamentam em alguns pressupostos contrários ao modelo experimental e adotam métodos e técnicas de pesquisa diferentes dos estudos experimentais. (CHIZZOTTI, 2017, p. 97).

E ainda:

²⁹ Primeira estrofe do poema *No meio do caminho* de Carlos Drummond de Andrade, publicado na *Revista de Antropofagia* em maio de 1928 em São Paulo. O título do tópico também foi inspirado nesse poema. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/carlos-drummond-de-andrade/807509/>.

[...] a pesquisa qualitativa não segue uma sequência tão rígida das etapas assinaladas para o desenvolvimento da pesquisa quantitativa. Pelo contrário [...]. As informações que se recolhem, geralmente são interpretadas e isto pode originar a exigência de novas buscas de dados (TRIVIÑOS, 2019, p. 131)

Assim, deixando de lado os paradigmas engessadores da pesquisa quantitativa, voltei meu pensamento para outros métodos e técnicas que diferem do modelo experimental e intencionei aproximar pesquisador, sujeito e objeto pesquisado a fim de compreender e legitimar conhecimentos:

Um segundo marco que separa a pesquisa qualitativa dos estudos experimentais está na forma como apreende e legitima os conhecimentos. A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. (CHIZZOTTI, 2017, p. 98).

Desse modo, reconhecendo que a poesia integra o mundo subjetivo do sujeito e que este é carregado de conhecimentos, que a abordagem qualitativa se revelou não só adequada, mas necessária e inerente a essa pesquisa. A subjetividade do texto poético em tempo algum pode ser quantificada, o trato e o (re)trato com seres em processo mais efetivo de construção, os alunos da Educação Básica, exige que o pesquisador seja “um ativo descobridor do significado das ações e das relações que se ocultam as estruturas sociais” (CHIZZOTTI, 2017, p.100).

2.2 A SEGUNDA PEDRA NO CAMINHO³⁰

[...]
*Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.*

Depois de definido que uma das pedras que direcionou o meu caminhar é a abordagem qualitativa, vi, a minha frente, outra pedra me direcionando, porém esta me encaminhou para a atitude do pensar, do pensar fenomenológico, pois:

³⁰ Título livremente inspirado no Poema *No meio do caminho* de Drummond, o poema que introduz esse tópico é a segunda estrofe do mesmo poema. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/carlos-drummond-de-andrade/807509/>

Fenomenologia: isso designa uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas; mas a fenomenologia designa, igualmente e acima de tudo, um método e uma atitude do pensar, a atitude do pensar especificamente filosófica, o método especificamente filosófico. (HUSSERL, 2020, p. 79).

Partindo da ideia husserliana, a segunda caracterização dessa pesquisa perpassa pela conduta fenomenológica, assim, um segundo direcionamento me foi dado e envolveu o pensar, o se posicionar diante do sujeito e das significações dadas por estes na intenção de compreender o que é o ensino e a aprendizagem através da poesia. A fenomenologia se ocupa em desnudar o real vivido pelos sujeitos e compreende que a percepção do real nunca é instantânea, pontual ou isolada, concebe o fenômeno mergulhado dentro de uma amplitude (BICUDO, 2011, p. 36). Nessa ótica, essa abordagem trata de descrever o fenômeno e “A descrição não traz julgamentos interpretativos. Pode ser uma descrição efetuada pelo próprio sujeito que vivencia a experiência, relatando as suas nuances” (BICUDO, 2011, p. 38). Ainda sobre a atividade de descrever Sokolowski atesta:

No tocante a atitude fenomenológica conseguimos “alcançar o andar superior” de um modo que é único. Passar para a atitude fenomenológica não é tornar-se um especialista em uma forma de conhecimento ou outro, mas tornar-se um filósofo. Do ponto de vista fenomenológico, olhamos e descrevemos, analiticamente todas as intencionalidades particulares e seus correlatos, bem como a crença no mundo, com o mundo como seu correlato. (SOKOLOWSKI, 2014, p.56-57, grifo do autor).

Assim, a pesquisa fenomenológica empenha-se rigorosamente em uma descrição analítica de todas as intencionalidades e estados de consciência do intuir puro, “tem a ver com o *a priori* na esfera da origem, das doações absolutas, com espécies que aprendem no intuir genérico, e com estados de coisa” (HUSSERL, 2020, p. 108). Dito isto, o posicionar-se filosoficamente, o compreender os objetos de investigação como doações apreendidas na intuição (SOKOLOWSKI, 2014, p. 58), trouxe a esta pesquisa um revestimento, uma pintura que a preencheu e tornou o processo de conhecer as contribuições da poesia para o ensino e a aprendizagem muito mais efetivo.

2.2.1 O olhar fenomenológico para a compreensão das significações

[...]
 Eu não devia te dizer
 Mas essa lua
 Mas esse conhaque

*Botam a gente comovido como o diabo.*³¹

Para realizar uma pesquisa fenomenológica, o pesquisador necessita munir-se de conceitos e atitudes que o levem até a essência do fenômeno pesquisado, uma vez que é preciso ir além das experiências pessoais para se chegar a ele, assim, contrariando os versos de Drummond, esse processo metodológico dispensou a lua e o conhaque, pois segundo Sokolowski (2014, p. 57), “Quando nos movemos na atitude fenomenológica, nos tornamos algo como observadores imparciais da cena que passa ou como espectadores de um jogo”, a comoção, a parcialidade e o subjetivo como visto no poema de abertura não couberam no meu fazer/pesquisar fenomenológico. O defendido por Sokolowski é consonante com Husserl (2020, p. 108), quando este diz que “[...] o seu caráter específico é o de ser análise da essência e investigação da essência dentro da consideração puramente intuitiva, dentro da doação de si mesmo absoluta”. Assim a essência do fenômeno chega até o pesquisador sem este ir diretamente a ela, sem persegui-la implacavelmente, há uma doação, um “chegar a” sem a obrigação de domá-la ou controlá-la.

Nesta pesquisa, entendi como fenômeno aquilo que é “dado a consciência e interpretado por ela livremente” (OLIVEIRA, 2021, s/p) assim estabeleci uma interconexão entre sujeito e o que é pesquisado, não entendendo este como um objeto exterior ao indivíduo, mas como um fenômeno que o integra, a autora ainda acrescenta, “Temos, assim, que fenômeno e sujeito são correlatos e estão unidos no próprio ato de aparecer (BICUDO, 2011, p. 30).

A pesquisa fenomenológica não acontece de maneira estanque, pelo contrário, é um exercício de purificação, de autoexame, ou seja, de educar a consciência com a finalidade de não emitir pareceres impuros pois, para Husserl (2020), o importante é ter clareza, entender a possibilidade de alcançar e ter nos olhos a essência e tê-la intuído e, para isto, ainda afirma: “eu preciso executar a redução fenomenológica, a execução de todas as posições transcendentis” (HUSSERL, 2020, p. 60). Cheguei então a *epoché*, o momento de parar, de colocar entre parênteses:

Esta suspensão, esta neutralização de nossas modalidades dóxicas, é também chamada *epoché*, um termo tomado do ceticismo grego, em que significa a retenção que o cético dizia que deveríamos ter com respeito aos nossos juízos sobre as coisas. [...] na fenomenologia é simplesmente a neutralização das intenções naturais que deve ocorrer quando contemplamos essas intenções (SOKOLOWSKI, 2014, p 58).

³¹ Última estrofe de *Poema de sete faces* de Carlos Drummond de Andrade. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/carlos-drummond-de-andrade/460830/>.

Sob esse viés, a *epoché* me trouxe três momentos metodológicos: a redução fenomenológica, a redução eidética e, por fim, a redução transcendental. Na intenção de melhor compreender o processo de interpretação na fenomenologia, dediquei mais algumas linhas a esses três momentos.

O primeiro deles, a redução fenomenológica é, como fala Cerbone (2012), o momento de se voltar para si, confirmar as suas suspeitas, investigar a própria experiência. É quando algo aguça o meu “faro de pesquisador” e me certifico, após reflexão filosófica, que de fato o observado é um fenômeno pesquisável, ou seja, que aquilo constitui um problema de pesquisa. Nessa etapa o autor ainda assevera:

O primeiro estágio envolve a investigação do campo da experiência aberto pela redução fenomenológica. Nesse momento, o fenomenólogo está, antes de tudo, ocupado com descrever atentamente o fluxo dessa experiência, observando suas características e situando estruturas promissoras (CERBONE, 2012, p. 28).

Seguido a este, surgiu-me a redução eidética, neste segundo momento, direcionei-me, não para o fenômeno, mas para a essência deste, retirando do caminho os entraves que me impediriam de chegar até ela, foi o momento de depuração e destilação, Cerbone atesta que:

Essa segunda redução é um tipo de destilação, removendo quaisquer das características arbitrárias ou contingentes da experiência, de modo a isolar a forma ou estrutura necessária da experiência. O investigador pode, desse modo, delinear as categorias essenciais da experiência, por exemplo, a percepção, a memória, o desejo, e assim por diante (CERBONE, 2012, p. 28).

Dentro da pesquisa, o momento eidético equivale a, após as pessoas entrevistadas emitirem suas impressões, visões e interpretações sobre o fenômeno, o pesquisador inicia um processo de limpeza, retirando tudo que não se refere a ele, o fenômeno, enquanto o contorna, buscando a essência dada através das significações que lhe foram atribuídas.

Por fim, cheguei ao terceiro momento, a redução transcendental, quando as descrições dadas pelos sujeitos foram interpretações, Bicudo (2011), afirma que ao descrever um objeto, o indivíduo também interpreta, a autora chama de interpretação da interpretação. Para isso,

É notável, com efeito, que em Aristóteles a hermenéia não se limita à alegoria, mas diz respeito a todo o discurso significante; ainda mais, é o discurso significante que é hermenéia, que “interpreta” a realidade, exactamente na medida em que diz “qualquer coisa de qualquer coisa”; existe a hermenéia porque a enunciação é uma apreensão do real por meio de expressões significantes, e não um extracto de supostas impressões vindas das próprias coisas. (RICOEUR, 1978, p. 6)

Desse modo, as significações dadas pelos sujeitos pesquisados foram descrições sobre o fenômeno e, para estas, se dirigiram o meu olhar interpretativo, não para o fenômeno em si, mas para o que me foi apresentado a seu respeito. Para a interpretação das interpretações, como diz Bicudo (2011), que me chegaram, a hermenêutica, como se pode ver citada repetidamente no excerto acima, adequou-se bem a este estudo, como sabiamente arremata Bicudo (2011, p. 47), “Sabendo que a linguagem é polissêmica, o procedimento hermenêutico mostrou-se significativo na busca do entendimento daquele constructo”.

A abordagem fenomenológica foi usada nesse estudo e sintetizada através das matrizes ideográficas e nomotéticas especialmente no terceiro capítulo que foi constituído das significações dadas pelos entrevistados ao fenômeno que é conhecer as principais contribuições da poesia para o processo de ensino e aprendizagem escolar da Língua Portuguesa nas séries finais da Educação Básica.

2.3 O CAMINHAR POR CAMINHOS JÁ CAMINHADOS

[...]
Olho pra mim mesmo e procuro
E não encontro nada
Sou um pobre resto de esperança
À beira de uma estrada....
 [...] ³²

O percurso metodológico dessa pesquisa, como já citado nesse capítulo, foi permeado de pedras, mas elas não me fizeram tropeçar, ao contrário, conduziram-me pela direção mais adequada, impedindo-me de escorregar e vagar sem rumo, mesmo que por vezes, pareci fatigada e cansada, como na canção de Erasmo, o desejo de realizar uma sólida pesquisa me fez sair e percorrer o caminho que já foi caminhado por muitos, mas se fez necessário percorrê-lo para preencher e, contrariando a canção, validar a minha estada na estrada. À frente, balizando, estava mais uma pedra, firmemente fixada ela levou essa pesquisa ao fazer bibliográfico que:

[...] é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou categorias já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados (SEVERINO, 2016. p.131)

³² Sétima estrofe canção *Sentado à beira do caminho* composta por Erasmo Carlos. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/erasmo-carlos/775177/>.

Em conformidade com o autor, essa dissertação também possuiu em sua configuração a pesquisa bibliográfica, isso pode ser facilmente percebido no primeiro capítulo, que constituiu o marco teórico, onde, munidos das ideias de vários nomes consagrados, tanto da área da Pedagogia quanto da Língua e Literatura Portuguesa, elenquei e construí um cabedal de noções e conceitos acerca da poesia e do fazer poético enquanto produtor de conhecimento. Corroborando e ampliando a citação acima pode-se ler ainda sobre esse tipo de pesquisa:

Trata-se de levantamento de referências já publicadas, em forma de artigos científicos (impressos ou virtuais), livros, teses de doutorado, dissertações de mestrado. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com o que foi escrito sobre determinado assunto [...] (MARCONI e LAKATOS, 2021, p. 33).

As autoras ampliam, em relação a Severino (2016), as fontes primárias da pesquisa bibliográfica, acompanhando as novas disponibilidades trazidas pela tecnologia, principalmente em relação à quantidade de documentos que atualmente está disposta por meio da internet e que foram bem-vindos a esse estudo.

Além do marco teórico se firmar sob a tutela da pesquisa bibliográfica, o quarto e último capítulo dessa dissertação também fez uso dessa firmada pedra para se construir pois, foi também através de livros, artigos, projetos postos em plataformas virtuais que apontei alguns procedimentos e técnicas que possam auxiliar o professor de Língua Portuguesa/Literatura a iniciar ou fomentar o trabalho com a poesia em sala de aula do Ensino Médio. Cabe mencionar ainda que este último capítulo mencionado foi constituído também de relato de estratégias utilizadas por mim em sala de aula nessa etapa de ensino.

2.4 QUERÍAMOS A PEDRA FILOSOFAL³³, MAS O QUE TEMOS É A PESQUISA DOCUMENTAL

*Eles não sabem que o sonho
é uma constante da vida
tão concreta e definida
como outra coisa qualquer,
como esta pedra cinzenta
em que me sento e descanso,
como este ribeiro manso
em serenos sobressaltos,
como estes pinheiros altos
que em verde e oiro se agitam,*

³³ Referência à pedra filosofal, um objeto ou substância lendária com poderes incríveis, capaz de transformar qualquer metal em ouro.

*como estas aves que gritam
em bebedeiras de azul.
[...]³⁴*

Meu caminhar no construir dessa pesquisa quase me esgotou, mas não se esgotou e, à frente, mais uma pedra, poderia ter me assentado nela para um descanso, como foi proposto pelo trecho do poema de abertura, mas, ao perceber o seu entorno, renovei as forças e caminhei com mais precisão, orientada pela pedra documental, não a filosofal habitante dos sonhos, assim, pude dizer que além da pesquisa bibliográfica, coube nessa dissertação a pesquisa documental que:

[...] tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, de documentos impressos, mas sobretudo, de outros tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nesse caso, os conteúdos dos textos que ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise. (SEVERINO, 2016, p. 131).

Tomando o estabelecido por Severino (2016), esta pesquisa fez uso de documentos que, pela sua constituição e finalidade asseguram subsídios para uma investigação significativa. Dessa forma, estiveram presentes nessa escrita documentos primários, conforme Chizzotti:

Os *documentos primários*, contendo informações originais estão em:
_publicações em série: revistas, jornais, anuários e boletins;
_livros: publicações encapadas com editor, lugar e data;
_relatórios emitidos ou difundidos por um órgão responsável;
_teses e trabalhos universitários para obtenção de nota e graus;
_patentes de títulos de propriedade;
_atas de congresso e comunicações apresentadas em congresso etc.
(CHIZZOTTI, 2017, p. 138 – grifo do autor).

A partir da listagem apresentada, para fundamentar e legitimar esse trabalho, encontraram-se nele artigos publicados em jornais e revistas, especialmente as digitais, livros tanto impressos como também os digitais, assim como documentos oficiais como a BNCC e outros que integraram essa escrita.

³⁴ Primeira estrofe do poema *Pedra Filosofal* de António Gedeão, pseudônimo do poeta português Rómulo Vasco da Gama de Carvalho. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/1489/pedra-filosofal>.

2.5 PESQUISA DE CAMPO: os entrenós entre pesquisador e a realidade pesquisada

[...]
*Outra educação pela pedra: no Sertão
 (de dentro para fora, e pré-didática).
 No Sertão a pedra não sabe lecionar,
 e se lecionasse, não ensinaria nada;
 lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
 uma pedra de nascença, entranha a alma.*³⁵

Na vivência diária, as pessoas estão atuando e interagindo constantemente, exceto os indivíduos que, por alguma razão desconhecida, preferem viver isolados, a maioria está, de maneira cotidiana, sempre em contato e com trocas mútuas, parti dessa afirmação para dizer que integrou o processo de pesquisa as abordagens qualitativa e fenomenológica, que desembocou numa investigação em que diálogo entre pesquisador e pesquisado, atores desse movimento de busca, esteve sempre presente, conforme salienta Gomes:

O trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, e também visa estabelecer uma interação com os diferentes “atores” (pessoas com as quais vamos trabalhar) que fazem parte da realidade. Assim sua finalidade é construir um conhecimento empírico, considerado importantíssimo para quem faz pesquisa social. (GOMES, 2016, p. 56 – grifos do autor)

Como já sinalizado, para a apropriação do que é o ensino e a aprendizagem através da poesia, a pesquisa de campo foi feita com cinco professoras de Língua Portuguesa da Escola Estadual Gonçalves Dias, conforme autorização prévia da gestão da referida escola através do *Termo de Anuência* e livre aceite por parte das docentes, as mesmas assinaram o *Registro de Consentimento Livre e Esclarecido – RCLE*, ambos se encontram anexados ao final dessa dissertação. O terceiro capítulo dessa pesquisa foi constituído pelas significações dadas. Gomes ainda destaca:

Embora haja muitas formas e técnicas de realizar o trabalho de campo empírico, dois são os instrumentos principais: a observação e a entrevista. Enquanto a primeira é feita sobre tudo aquilo que não é dito, mas pode ser visto e captado por um observador atento e persistente, a segunda tem como matéria-prima a fala de alguns interlocutores (GOMES, 2016, p. 57/58).

Coube então ponderar que a atual crise sanitária provocou algumas alterações no campo de pesquisa, antes, o contato direto com o sujeito, o estar no ambiente em que a entrevista seria

³⁵ Segunda estrofe do Poema *Educação pela Pedra* de João Cabral de Melo Neto. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/11963/a-educacao-pela-pedra>.

feita, a escola, a sala de aula, em suma, todo o espaço que envolvia o fazer educacional foi transformado em ambiente virtual e, de certa maneira, impessoal. Dito isto, fez-se necessário dizer que o contato com os sujeitos e as conversas observacionais aconteceram através de mensagens pela plataforma WhatsApp. A apreensão de algumas nuances para a percepção do que salienta Gomes (2016), como captação do que não é dito foi, de certa maneira prejudicada, as conversas para explicação e convite para participar dessa pesquisa foram muito pontuais e rápidas, restou-me quase que somente a entrevista como meio de aquisição das significações.

É ainda Gomes (2016, p.58), quem revela que a entrevista é “técnica privilegiada de comunicação”, uma vez que “tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo”, ou seja, é um meio de dialogicidade entre os interlocutores onde a conversa pode fluir com leveza e espontaneidade, facilitando a interação e propiciando rica contribuição ao que está sendo pesquisado. Contudo, aqui também o tempo pandêmico atual provocou mudança, uma vez que não foi possível pesquisador e pesquisados estarem frente a frente. Dessa maneira, restou-me o envio do *Roteiro de Entrevista* – que também se encontra em anexo – através da plataforma *Google Forms*, mas para tentar amenizar o efeito negativo dessa modalidade, o *Roteiro* constou de questionamentos abertos onde o informante foi “convidado a falar livremente sobre um tema” (GOMES, 2016, p.59).

Com a intenção de, mesmo sofrendo alterações substanciais no processo, conseguir doações, significações que respondessem quais as contribuições da poesia para o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa nas séries finais da Educação Básica, que primei por esse enfoque de pesquisa de campo. Essa foi a terceira pedra que guiou esse caminhar metodológico, mas agora associada à pedra de João Cabral, a que diz, que vem de dentro para fora, como ele apresentou no trecho de abertura desse tópico, a pedra que não ensina nada, a pedra que cada um é, que nasce dentro, é essa pedra de dentro que busquei captar na pesquisa de campo.

2.5.1 O campo da pesquisa

*És engraçada e formosa
Como a rosa,
Como a rosa em mês d'Abril;
És como a nuvem doirada
Deslizada,
Deslizada em céus d'anil*

[...]³⁶

Santo de casa não faz milagre assim assegura a sabedoria popular, contudo estar em casa pode trazer tranquilidade e paz, foi daí que brotou um trabalho rico e primoroso, não que eu audaciosamente assim conceituei essa escrita, mas assim a desejei e ainda desejo. Ao principiar em falar no campo de pesquisa, salientei de que ele foi na minha casa, o espaço onde se consolidou a problemática em torno da qual girei, como em uma ciranda. Descobrir as principais contribuições da poesia para o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa nas séries finais da Educação Básica não poderia ter acontecido em outro ambiente se não na Escola Estadual Gonçalves Dias, lugar onde, aqui pedi licença para enfatizar o uso da primeira pessoa e, fazendo uso do poema de abertura, parafraseio-o canto a minha casa como uma rosa, descerro-a sob o céu de infinito anil.

Situada na avenida Getúlio Vargas, número 4333, no bairro Canarinho, fundada em vinte quatro de março de 1977, assim, posso dizer que o GD, como é popularmente conhecido, é uma jovem escola. Segundo o Projeto Pedagógico (Roraima, 2021), possui trinta turmas, sendo dezoito no turno matutino e doze no vespertino, todas de Ensino Médio, não funciona no período noturno. Essas trinta turmas somam um total de 877 alunos, configurando uma escola de médio porte. A parte administrativa é composta por um gestor, um coordenador pedagógico, um secretário, seis auxiliares de secretaria e duas orientadoras educacionais. A escola possui ainda três laboratórios: informática, física e química. Conta também com uma biblioteca e uma sala multifuncional.

O contexto pandêmico trouxe alterações significativas em todos os setores da sociedade, isso já foi dito e redito, a escola antes alegre com o burburinho dos alunos nos pátios, salas e corredores, agora ecoa vazia. Vazio também ficou o quadro de funcionários, em vista disso, a escola conta com apenas uma merendeira, uma zeladora, três assistentes de alunos e dois porteiros (RORAIMA, 2021). Em relação ao quadro de professores não houve enxugamento, pois as aulas continuam acontecendo, desse modo, são quarenta no efetivo desempenho de sua função, em Língua Portuguesa, área em que se desenvolveu essa pesquisa, são sete em pleno exercício (RORAIMA, 2021). A instituição conta ainda com o Conselho Escolar que possui poder fiscal e deliberativo.

A escola desenvolve projetos que se voltam para a autonomia do aluno, tentando imergi-lo em um processo participativo que promova a emancipação. Além do projeto *Escola Leitora*,

³⁶ Primeira estrofe do poema *A Leviana* de Gonçalves Dias. Disponível em: https://poesia.fandom.com/pt/wiki/A_Leviana.

quando uma vez por bimestre todos os setores param e se dedicam uma hora/aula a leitura, há projetos desenvolvidos que valorizam e buscam a formação efetiva e emancipatória do educando:

Gincana Estudantil do GD, Copa GD, A Profissão dos Meus Sonhos, GD em Movimento, Show de Talentos, Amostra de Química, Feira de Ciências e Tecnologias, Adolescência e Sexualidade, Saúde e Prevenção, Projeto Aluno Monitor, Fanzine, [...] Sarau literário e Bazar da troca, 1ª Olimpíada Brasileira de Satélites MCTI (RORAIMA, 2021, p. 13).

Dentre os projetos elencados, observei que alguns envolvem a esfera artística, isto posto, entendi que o ensino e a aprendizagem através da poesia encontrarão terreno fértil *nessa casa deslizada no céu d'anil* que, para completar, como assegura o lugar-comum, possui o nome de um grande poeta brasileiro, isso corrobora minha intenção de promover a poesia como uma das protagonistas no desenvolvimento pleno do indivíduo.

2.6 DESENHO GERAL DA PESQUISA

*Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo
E com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo
Corro o lápis em torno da mão e me dou uma luva
E se faço chover, com dois riscos tenho um guarda-chuva
[...]³⁷*

Foi através da sabedoria popular que inicio a escrita desse subtópico, assim pude dizer sem pestanejar que “os fins justificam os meios” e, em se tratando desse estudo, os seus objetivos e finalidade justificaram a abordagem, os tipos e estratégias de pesquisa adotadas. Assim como na canção, o desenhar se mostra como algo inerente ao indivíduo, preenchendo-o e ganhando vida, essa pesquisa adquiriu personalidade, vida própria através do desenho.

As pedras postas no meu caminho foram fincadas e fixadas por nomes que deram ao fazer metodológico grande sustentação. Embasados em Bicudo (2011), Cerbone (2012), Chizzotti (2017), Husserl (2020), Marconi e Lakatos (2021) e Severino (2016). O mapa conceitual a seguir apresenta a relação entre problema de pesquisa, metodologia e método adotados.

Para uma melhor visualização do desenho da pesquisa, o mapa conceitual a seguir dispõe graficamente como o fazer metodológico se deu.

³⁷ Primeira estrofe da canção *Aquarela* escrita por Toquinho. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/toquinho/49095/>.

Quadro 1 - Mapa conceitual da pesquisa: título, problema e metodologia



Fonte: Jacilene Silva da Cruz

2.7 OS SUJEITOS DA PESQUISA: OS CAMINHOS QUE VÊM

*Antes, todos os caminhos iam.
Agora todos os caminhos vêm
A casa é acolhedora, os livros poucos.
E eu mesmo preparo o chá para os fantasmas.³⁸*

O Dicionário Aurélio Digital, que foi usado para auxiliar na compreensão de alguns termos nessa pesquisa, traz para a palavra “sujeito” vinte definições. A definição de número onze diz que “é o termo da oração a respeito do qual se enuncia algo.”, para os estudos com a linguagem, essa é a definição ideal, porém para essa pesquisa, a definição que melhor lhe cabe é a de número treze, associada à filosofia: “Na relação de conhecimento, o correlato do objeto, isto é, o que conhece, em oposição ao que é conhecido: o pensamento, a percepção, a intuição etc.” Oliveira (2021, s/p) amplia essa definição quando diz que sujeito é a consciência que conhece algo e lhe atribui significado. Este estudo não se ocupou diretamente com o trato gramatical ou linguístico, assim, contrapondo as definições, nesse tópico, interessou-me o sujeito que conhece, que tem percepção, a consciência que conhece, pois foram estes que me presentearam com as significações, que fizeram doações a respeito do fenômeno, afinal, como está posto mais adiante, eles o conhecem de perto. O poema de abertura traduz bem sobre esse momento: *Agora todos os caminhos vêm*, assim, mesmo que o primeiro momento seja de ida aos sujeitos para obter deles colaborações, no segundo, elas vieram até mim, foi um pequeno momento em que o caminhar se inverteu e eu recebi de presente os significados e a essência do fenômeno embrulhados em papel colorido, juntos. Nessa fusão de definições dicionarísticas, poemas *quintaneados* e filosofia husserliana, abri espaço para caracterizar os sujeitos desse estudo.

A princípio, foi importante que os sujeitos fossem professores formados em Letras - Língua Portuguesa e Literatura ou equivalente, efetivos da rede estadual de ensino, que estivessem em exercício, também foi importante que este professor lecionasse no Ensino Médio a disciplina de Língua Portuguesa. O problema dessa pesquisa surgiu na observação de um fenômeno que acontece nessa etapa da Educação Básica: os alunos estudam e têm uma ampla teorização sobre a poesia e a história literária nessa disciplina, mas não produzem esse gênero textual, dessa maneira, ser professor de Língua Portuguesa no EM foi fundamental e se manteve dentro da visibilidade do fenômeno. Em seguida, foi necessário que o “significador” estivesse disposto a participar desse processo de doação de significações, afinal a doação não pode ser

³⁸ Poema *Envelhecer*, de Mário Quintana. Disponível em: <https://poetisarte.com/autores/mario-quintana/envelhecer/>.

imposta ou coagida, se assim o fosse o processo se tornaria contraditório por si mesmo e perderia sua validade. Por fim, valeu salientar que os sujeitos dessa pesquisa constituíam o quadro de docentes da Escola Estadual Gonçalves Dias. Das sete professoras que estavam no quadro da referida instituição, cinco delas contribuíram com a pesquisa. Embora as significações devessem ser obtidas através da doação, como já apontado nesse mesmo parágrafo, foi encaminhado aos sujeitos dessa pesquisa o *Registro de Consentimento Livre e Esclarecido – RCLE*, conforme já foi mencionado. Em também cumprimento à legislação vigente, esta pesquisa possui *Certificado de Apresentação para Avaliação Ética – CAAE* – de número 50914721.8.0000.5621 e o *Parecer* encontra-se no anexo A

Para Chizzotti (2017), a pesquisa qualitativa abriga uma série de correntes bem diferentes das da pesquisa experimental, enquanto a segunda trabalha com amostragem que representa um todo populacional, a primeira busca legitimar seu conhecimento recusando o modelo preconizado pelas ciências naturais e:

O número de sujeitos significativos não segue uma norma, como ocorre com a pesquisa quantitativa que se vale da Estatística para definir a amostra. Fenomenologicamente, não se procede por amostragem, mas sabemos que quanto mais o número de sujeitos, maior será a variabilidade das experiências vividas (BICUDO 2011, p. 56).

O que de fato importa é que sejam “autores de um conhecimento que deve ser elevado pela reflexão coletiva ao conhecimento crítico” (CHIZZOTTI, 2017, p. 103), nesses termos, troca-se a quantidade de contribuintes pela qualidade da contribuição doada na “relação dinâmica entre pesquisador e pesquisado” (CHIZZOTTI, 2017, p. 104), esta também não tem como ser medida.

Depois do quarto critério ter sido apresentado no parágrafo que antecedeu a este, finalizei esse tópico reconhecendo ser relevante me manter dentro dos preceitos das abordagens qualitativa e fenomenológica em todas as partes desse estudo, porém julguei que, na relação entre pesquisador, sujeitos da pesquisa e significações doadas, essas orientações são guardadas com muito mais intensidade, pois a vida presente nesse momento vai e vem em um caminhar inefável.

2.8 A REUNIÃO E A INTERPRETAÇÃO DAS SIGNIFICAÇÕES

*O País da cor é líquido
E revela-se
Na anilina dos vasos da farmácia.
Basta olhar, e flutuo sobre o verde*

*Não verde-mata, o verde-além-do verde.
[...]*³⁹

Neste tópico, apresento como aconteceram e quais foram as estratégias e meios utilizados para reunião das significações necessárias a este estudo, ousei renomear alguns termos, a fim de chegar no além-fenômeno, como o verde drummondiano, pois o que comumente ocorre é a utilização de termos herdados das ciências naturais, intencionei inaugurar palavras que melhor se aconcheguem às abordagens qualitativa e fenomenológica utilizadas.

2.7.1 A reunião das significações

[...]
*Existe alguém em nós
 Em muito dentre nós esse alguém
 Que brilha mais do que milhões de sóis
 E que a escuridão conhece também
 Existe alguém aqui
 Fundo no fundo de você de mim
 Que grita para quem quiser ouvir*
 [...]

⁴⁰

Esse estudo foi um todo que se fez existir pelas partes que se complementaram, ou seja, a qualitativa com abordagem fenomenológica e tipos de pesquisa bibliográfica e documental que, nesse trabalho, se fundiram como os *nós* da canção de Caetano, ao ponto d’eu já não saber diferenciá-los. Isso posto, iniciei esse tópico me referindo à parte bibliográfica, ou seja, ao primeiro e último capítulo, que foram constituídos a partir da leitura aprofundada de livros, artigos científicos, periódicos, dissertações e teses a fim de apreender destes, os parâmetros e ideias necessárias à fundamentação mais esclarecedora possível, dessa maneira “[...] a bibliografia quer indicar que o pesquisador pode encontrar uma farta documentação para desenvolver a própria pesquisa e resolver os problemas teóricos e práticos que a investigação exigir.” (CHIZZOTTI, 2017, p. 157).

Além da pesquisa bibliográfica, fiz o uso da pesquisa documental ao direcionar o olhar para as significações dadas pelos sujeitos desse estudo ao ensino e a aprendizagem através da poesia, para a consecução desse intento, serviram como *água direto da fonte* as cinco professoras de Língua Portuguesa da Escola Estadual Gonçalves Dias. A seleção das

³⁹ Primeira estrofe do Poema *Água-cor* de Carlos Drummond de Andrade. Disponível em: <http://acantos-07.blogspot.com/2007/06/gua-cor-o-pas-da-cor-lquido-e-revela-se.html>.

⁴⁰ Terceira estrofe da canção *A luz de Tieta* de Caetano Veloso. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/a-luz-de-tieta/>.

participantes se deu através da coordenação escolar que intermediou o contato com as professoras, uma vez que, apesar de também estar lotada na escola campo da pesquisa, não conhecia todas as que se encaixaram no perfil requerido por esse estudo. Ocupei-me também em enviar ao gestor escolar o *Termo de Anuência* o qual foi assinado e se encontra anexado a essa dissertação, como já mencionado.

A consumação do ato de doar significações se deu depois que as professoras foram convidadas a participar de entrevista, em que “o sujeito poderá elaborar as respostas com suas próprias palavras a partir de sua elaboração pessoal” (SEVERINO, 2016, p. 134). O *Roteiro de Entrevista* foi previamente testado em um grupo menor, em seguida foram feitas as alterações e revisões necessárias, depois foram direcionadas aos sujeitos da pesquisa, desse modo o que foi doado pelos sujeitos pode ter consigo uma grande carga de significações, afinal, na pesquisa qualitativa, o foco principal é “a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que se pretende investigar” (GOMES, 2016, p. 72).

Coube assegurar que “Apesar de todos os esforços e cuidados, sempre haverá dificuldades típicas das interações no trabalho de campo” (GOMES, 2016, p. 60), A minha intenção, creio que da maioria dos pesquisadores, é de minimizar ao máximo os contratempos no processo de contribuição para a pesquisa, essa intenção foi percebida pelos sujeitos, uma vez que obtive respostas onde ficou clara a reflexão dos mesmos sobre as práticas e fui apresentada com doações que asseguraram uma boa compreensão da compreensão da poesia no ensino e na aprendizagem do aluno.

2.7.2 A interpretação das significações

[...]
 E o azul é uma enseada
 Na redoma.
 Quisera nascer lá; estou nascendo.
 Varo a lágrima de ouro do amarelo.
 A cor é existente; o mais é falácia.⁴¹

Para compreender como foi o tratamento das significações, fez-se necessário lembrar que esse fazer metodológico se sustentou sob a égide qualitativa e o prisma fenomenológico, assim, em especial a última abordagem me encaminhou para o distanciamento das falácias, para a essência da cor existente, como a que chegou Drummond, dessa maneira, a condução que foi

⁴¹ Segunda estrofe do Poema *Água-cor* de Carlos Drummond de Andrade. Disponível em: <http://acantos-07.blogspot.com/2007/06/gua-cor-o-pas-da-cor-lquido-e-revela-se.html>.

dada a parte documental se voltou para comportamentos e atitudes que se harmonizaram com essas abordagens. Primeiro é conveniente voltar a atenção para Gomes (2016), que apresenta a diferenciação entre as palavras *análise*, *interpretação* e *descrição*, sendo esta última a apresentação da opinião do sujeito da maneira mais fiel possível, enquanto a primeira é uma espécie de decomposição dos dados e, a segunda pode completar as duas, definindo-se como a busca de “sentidos das falas e das ações para se chegar a uma compreensão ou explicação que vão além do escrito [...]” GOMES, 2016, p. 73).

Para chegar à amplitude interpretativa, passei pelas reduções que são inerentes à fenomenologia, então, o primeiro passo, a primeira atitude diante das significações reunidas foi a da faxina da mente, da aspiração das impurezas, dos excessos que contaminam o olhar e podem, inevitavelmente, corromper o que está sendo olhado. A intenção foi de deixar as significações se mostrarem para um olhar puro, é isso que essa abordagem denomina de *epoché*, “a descrição, como o significado da própria palavra, descreve, diz do ocorrido como percebido. Não traz julgamentos interpretativos” (BICUDO, 2011, p. 38). É a maneira fiel, na sua maximização, como aponta Gomes (2016), citado no parágrafo anterior. Dentro da construção dessa dissertação, esse olhar foi posto sobre a matriz ideográfica, onde estavam reunidas as significações doadas pelos sujeitos.

O segundo passo dentro do caminhar com as significações foi o que se intencionou chegar até a essência do fenômeno, foi o circular, quantas vezes foram necessárias, até “[...] reconhecemos uma identidade dentro da multiplicidade de manifestações [...]” (SOKOLOWSKI, 2014, p. 189). Essa identidade foram as unidades de significações que me foram doadas e sintetizadas, ainda em processo de redução, agora denominado eidética. Para uma melhor visualização, dispus essas unidades em matrizes nomotéticas, a fim de propiciar uma melhor interpretação que foi a parte final desse processo. Até aqui, o olhar fenomenológico nos levou a reduções, a descrições fiéis como avalizou Gomes (2016).

Com o intuito de organizar assertivamente para a interpretação, usei no processo de redução caminhos que se complementaram, assim, abri espaço para falar um pouco sobre as matrizes ideográficas e nomotéticas:

O procedimento mencionado de análise de descrições abrange dois modos: análise ideográfica e análise nomotética. Ambas efetuam reduções sucessivas, indo em direção às sínteses mais abrangentes do dito e interpretado, buscando as estruturas das experiências vividas que revelam o modo de ser do fenômeno (BICUDO, 2011, p. 58).

A matriz ideográfica constituiu a primeira estruturação do que foi doado pelos sujeitos da pesquisa, nela o noema, o experienciado, é posto, “Não uma cópia de um objeto, nem um substituto para um objeto, nem um sentido que nos relaciona ao objeto; é o objeto mesmo, mas considerado desde o ponto de vista filosófico” (SOKOLOWSKI, 2014, p. 69). Assim a análise ideográfica “revela a estrutura do discurso do sujeito, evidenciando os aspectos noemáticos da descrição” (BICUDO, 2011, p. 58).

Além da matriz ideográfica, a nomotética surgiu nesse trabalho apresentando a síntese das descrições elaboradas pelos sujeitos, ela “indica o movimento de reduções que transcendem o aspecto individual da análise ideográfica” (BICUDO, 2011, p. 58). Foi onde se materializaram as convergências e divergências atribuídas ao fenômeno, esse passo foi importantíssimo para as interpretações que constituíram o terceiro momento que foi a interpretação do significado que foi dado ao fenômeno de pesquisa que são as contribuições da poesia para o processo de ensino e aprendizagem escolar da Língua Portuguesa nas séries finais da Educação Básica.

O olhar redutor parou por aqui pois, a partir desse momento, foram abertos caminhos para a interpretação e, “A análise hermenêutica de textos escritos em linguagem proposicional foca palavras que dizem e o modo de dizer no contexto interno e externo ao próprio texto” (BICUDO, 2011, p. 49). A necessidade da hermenêutica se deu porque:

A descrição não é suficiente, embora seja a que revele as vivências. Como já afirmamos em parágrafos anteriores, ela é efetuada mediante a linguagem, em quaisquer que sejam suas modalidades de expressão. Essa facticidade solicita um trabalho interpretativo hermenêutico, visando compreender sentido, significação e significado apontado na descrição (BICUDO, 2011, p. 46).

Foi para a efetivação que adicionei à interpretação a análise de conteúdo que segundo Bardin (2016), é um conjunto de técnicas que analisam as comunicações, manipulam a mensagem propriamente dita, ou seja:

Trata-se de compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto dentro das comunicações” e “[...] atua sobre a fala, sobre o sintagma. Ela descreve, analisa e interpreta as mensagens/enunciados de todas as formas de discurso, procurando vê o que está por detrás das palavras (SEVERINO, 2016, p.129).

Assim, primeiro fiz uma leitura para conhecer as significações dadas ao fenômeno:

É a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira

a conduzir a um esquema preciso de desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise (BARDIN, 2016, p. 125).

Portanto, o momento em que significações e interpretador se olharam pela primeira vez, foi quando se efetuou o conhecer e o ser conhecido, embora tenha existido um pequeno estranhamento, aos poucos a intimidade se consolidou e iniciou o tempo de “descobrir os “núcleos de sentido” que compõem a comunicação” (BARDIN, 2016, p.135 – grifo da autora). Findou com a interpretação quando a pesquisadora, eu, tive em mãos as significações doadas e “pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos – ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas” (BARDIN, 2016, p. 131). Todos esses métodos aqui somados me levaram a “Transcender, assim, o imediato, não nos permitindo cair na armadilha da interpretação apenas pragmática” (BICUDO, 2011, p. 49).

3 SIGNIFICAÇÕES SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM ATRAVÉS DA POESIA

*cruzo as mãos
sobre as montanhas
um rio esvai-se*

*ao fogo do gesto
que inflamo*

*a lua eleva-se
na tua frente
enquanto tateias a pedra
até ser flor⁴²*

Desempenhar o ofício de ser professor consiste em tarefa agridoce, mesmo munido de conhecimentos e técnicas indispensáveis, ministrar aulas sempre exige um quê de arte. Naturalmente, o professor é um artista, e como tal envereda-se, mesmo sem querer, por procedimentos que suavizem e tornem mais fortes os fios invisíveis que unem o ensinar e o aprender. O professor é o eu lírico da epígrafe, que inflama com um gesto, que alisa a pedra até esta ser flor. Isso posto, pude dizer que artistas são as professoras que foram os sujeitos dessa pesquisa, coube-me então, iniciar esse terceiro capítulo dizendo que ele traz o resultado da união entre o sujeito e o objeto de pesquisa: as professoras de Língua Portuguesa da Escola Estadual Gonçalves Dias, e a impressão delas sobre o ensino e a aprendizagem através da poesia, apresentaram-me com as contribuições desse gênero para o processo de ensino e aprendizagem escolar da Língua Portuguesa nas séries finais da Educação Básica.

Dividido em dois subcapítulos, sendo que o primeiro se ocupou em significar qual o papel didático da poesia, a relação desta com o conhecimento, com o currículo, abrangendo um todo no que se referiu ao processo de ensino e aprendizagem. Já o segundo trouxe as significações que abarcaram as contribuições da poesia no processo de aprendizagem, como foi o trabalho com esta ferramenta e como os alunos se envolveram em propostas onde a poesia foi a mola propulsora do processo.

Ancorada principalmente nos *caminhos que vem*, nas apresentações dadas, bem como em alguns autores como Averbuck (1993), Ferreira (2021), Snyders (1993), Zilberman (2021), entre outros, intencionei nesta escrita compreender, de maneira empírica, quais as principais contribuições da poesia para o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa no finalzinho da Educação Básica. Dessa maneira, foi através da percepção que os sujeitos têm

⁴² Poema *Promessa de uma noite*, de Mia Couto, disponível em <https://poetisarte.com/autores/mia-couto/promessa-de-uma-noite/>.

sobre o papel didático da poesia enquanto construtora de conhecimento e das descrições destes mesmos sujeitos sobre as contribuições desse gênero tanto no ensino quanto na aprendizagem que se construiu esse capítulo.

3.1 DA REFLEXÃO À EMANCIPAÇÃO: a didática poética em significações

*Tenho em minhas mãos
o poder do verso, da rima
e a maldição do poema.
Resta-me prender as palavras
ou soltar as algemas.
[...]⁴³*

*Tenho apenas duas mãos/e o sentimento do mundo*⁴⁴, é assim que Drummond inicia um de seus famosos poemas, enquanto aqui em Roraima, a poeta Rosidelma Fraga no texto da epígrafe diz que tem em suas mãos o poder do verso, da rima e, como sina, escrever poemas. Em suas mãos também está contido o sentimento do mundo que Drummond carrega, que eu carrego, que os professores e alunos também. O sentimento de mundo e a maldição do poema se tornam inatos quando, sem direito a voltar atrás, passo de leitor de mundo a leitor das palavras, essa passagem não significa retrocesso, mas um acréscimo na capacidade leitora. Nesse tópico, segui além das minhas experiências pessoais e principiei a compreensão do fenômeno que é o ensino e a aprendizagem através da poesia, por entre as experiências dos sujeitos de pesquisa, aqui coube abrir um parêntese e dizer que, embora sejam todas mulheres, a conotação não me permitiu chamá-las de “sujeitas” da pesquisa. Parêntese fechado, retornei a ida à essência e para que isso ocorresse, após as entrevistas categorizadas, confeccionei as matrizes ideográficas (Apêndice B) e, na sequência, as matrizes nomotéticas que contém as leis estabelecidas por quem convive diretamente com o objeto dessa pesquisa, o fenômeno.

Esse momento foi o terceiro estágio da *epoché*, sendo assim, parti para as interpretações do que me foi apresentado sobre o objeto de pesquisa. Indo do particular para o geral, nas matrizes usadas para a interpretação (nomotéticas) está o pensamento de milhares de sujeitos, dito por seus *representantes legais*, os entrevistados. Esse tópico está dividido em três momentos: primeiro abordei sobre o papel didático da poesia, a importância desta na produção do conhecimento, segundo a relação entre ensino, aprendizagem, poesia e currículo, já no

⁴³ Primeira estrofe de *Rascunho de Amor* de Rosidelma Fraga. – FRAGA, Rosidelma. **Amor Amante**. Carlini e Caniato Editorial. Cuiabá, 2018.

⁴⁴ Dois primeiros versos de *Sentimento do Mundo* de Carlos Drummond de Andrade. Disponível em: <https://www.poesiaprimata.com/carlos-drummond-de-andrade/carlos-drummond-de-andrade-sentimento-do-mundo-1940/>.

terceiro e último, falei a respeito da poesia no processo de ensino escolar. Ajudaram-me nesse tópico de interpretações autores como Zilberman (2021), Macedo (2021), Snyders (1993), Freire (2019), entre outros. A partir de agora os convido para ir à escola com a poesia.

3.1.1 A poesia foi à escola e voltou toda contente: o papel didático e a produção do conhecimento

[...]
Pra se ver a luz demora
E o escuro me namora sem pudor
Deixo flores pela estrada afora
Migalhas no chão pr'eu não me perder
 [...]⁴⁵

Na primeira parte dessa pesquisa, na fundamentação teórica, apresentei as funções didáticas da poesia embasada em autores como Zilberman (1993) e (2009), Silva (2011), entre outros que destacaram ser este gênero literário um potente meio de formação do leitor. Neste subtópico, esteei-me nas descrições para chegar à interpretação das significações dadas pelos sujeitos, sobre o papel didático da poesia enquanto produtora de conhecimento, que constitui o primeiro objetivo específico desse trabalho. Cabe ressaltar, também como já salientei anteriormente, que não objetivo, ao aproximar poesia e didática, formar pequenos poetinhas, ao contrário, intencionei apresentar como o ensino e a aprendizagem através da poesia pode ser significativo e efetivo, ou seja, uma possibilidade viável para o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa/Literatura no finalzinho da EB. As descrições dadas pelos sujeitos foram dispostas em matrizes nomotéticas sob a forma de lei (nomos = lei), para melhor visualização. A interpretação se fez sob o auxílio da hermenêutica e análise conteúdo conforme posto na metodologia. No quadro 1, bem como nos demais, encontram-se as vozes das professoras, significantes dessa pesquisa

Quadro 2 - O significado didático da poesia em sala de aula

CATEGORIAS	CONVERGÊNCIAS e DIVERGÊNCIAS	SIGNIFICAÇÕES CATEGORIZADAS
Papel didático da poesia	RE1, RE4	Promove a reflexão de conteúdo.
	RE2, RE4	Abre espaço para visão artística.
	RE3, RE2,	Forma o escritor.
	RE5, RE2	Define o leitor.

Fonte: Jacilene Silva da Cruz

⁴⁵ Quatro primeiros versos da terceira estrofe da Canção *Balada do oitavo andar* de Zeca Baleiro. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/zeca-baleiro/balada-do-oitavo-andar/>.

O quadro 1, que consiste na primeira matriz nomotética, como já disse anteriormente, levou-me a aferir que, segundo RE1 e RE4, a poesia em sala de aula, como ferramenta didática, promove, leva o aluno a refletir, ou seja, induz o pensar. Essa indução abre caminho para que fosse estabelecida uma relação direta entre o indivíduo e o texto, isso é corroborado através da própria respondente 1 ao ressaltar que “[...] Fazendo uma releitura, caso esta pertença ao passado, como seria escrita hoje” (RE1, 2021, s/p), automaticamente, usei com cuidado esse advérbio, talvez fosse melhor, de forma dinâmica e natural, o aluno é levado a ter um posicionamento, reconhecer que está diante de uma opinião, questionamento ou situação histórica e pessoal adversa ou semelhante a sua, e exige dele ser sujeito de si e, para isso, é antes necessário ler-se e reconhecer-se. Principia aí uma tomada, através do texto poético e lógico, literário pois, “A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, na medida em que permite ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade, sem perder de vista sua subjetividade e história” (ZILBERMAN, 2008, p.23). Reconhecer-se sem se perder, é isso que a entrevistada sugere quando diz que o texto poético leva a reflexão, quando estabelece uma ponte entre o eu lírico no passado e o eu leitor no presente.

Além da reflexão enquanto estratégia, RE2 e RE4 trazem a visão artística do aluno como papel didático que a poesia pode desempenhar, assim ao refletir sobre a prática pedagógica com a poesia, os sujeitos de pesquisa afirmam que “A poesia permite sonhar com as palavras, momento em que posso observar interpretação e criatividade” (RE4, 2021, s/p), e que “A poesia abre espaço para a visão artística do aluno, [...] e a produção dos próprios poemas” (RE2, 2021, s/p), essa etapa de abrir espaço para a visão artística e criação da própria arte, da arte pessoal, levou-me a invocar Snyders (1993), quando ele se refere ao prazer que a escola não permite que o aluno viva na ânsia de formá-lo adulto para o trabalho. Ao dizer que a poesia abre espaço para a criação do aluno e que este pode produzir seus próprios poemas, os sujeitos comungam com Snyders quando ele afirma que

Há algo irrefutável quando se opõe o princípio do prazer ao princípio da realidade, quando se repete para o jovem que ele deve trabalhar agora a fim de assegurar seu sucesso futuro, que ele deve se organizar em função dos objetivos a longo prazo, adiar prazeres imediatos com vista a obter satisfações mais importantes e mais duradouras [...] O perigo é que acabem desvalorizando as alegrias da juventude. (SNYDERS, 1993, p. 31).

Nesse mesmo pensamento, pude trazer à baila as significações de RE3 e RE2 quando estas descrevem a poesia como meio, ferramenta que possibilita formar o escritor, fazendo uma

confluência entre as alegrias da juventude que se perdem se não valorizadas pela escola, o *escritor* formado a partir do trabalho com a poesia as carrega, expõe-nas em seus textos e, na adolescência, para muitos, turbulenta, também pode integrar a escrita do aluno, seja ela de poemas ou de prosa, mas que sejam textos. Silva (1997), pondera que na escola não se produzem textos, mas sim redações. Nesse sentido, coube-me reforçar a necessidade da produção textual em que o aluno se reconheça e, aproveitando o ensejo, parafraseio Drummond, produções em que todos os alunos se reconheçam⁴⁶.

Para finalizar esse primeiro quadro de significações, RE5 e RE2 me trazem as experiências que definem como leitor, ou seja, o texto poético, quando abordado para além do pretexto (LAJOLO, 1993, pp. 52-53), é fundamental na definição e formação do leitor. Na voz desta está a complementação sobre a relação leitor-texto:

É muito importante indagar sobre os modos de interação entre o texto poético e os estudantes, sobre os significados e os sentidos atribuídos pelos estudantes na leitura do texto poético e sobre a própria fruição poética advinda dessa interação. [...] A leitura literária deixa em cada um de nós uma bagagem de experiências que nos define como leitores e que se refletem em nossa formação humana e profissional. (RE5, 2021 s/p).

A fala da entrevistada, ao abordar os modos de interação entre o texto poético e os estudantes, aponta dois momentos complementares e importantes em relação à leitura poética: a fruição e a formação humana e profissional. O primeiro ponto se refere aos sentidos atribuídos no ato da leitura, a fruição que é um ir e vir prazeroso que desemboca ou termina na satisfação. Aqui, inevitavelmente, fui impelida a estabelecer comparação com ato sexual, uma vez que o ápice da fruição é o gozo, a plenitude. Ora satisfeito, as marcas desta ficam e se estendem para a definição enquanto leitor, direciona e orienta para a vida. Se houve o gozo, bons leitores, ávidos, vivos e donos de si, existirão e exigirão mais da vida, contribuindo para a formação humana e profissional.

O reconhecimento da poesia como importante ferramenta didática que favorece e acrescenta possibilidades ao ensino e a aprendizagem pelas entrevistadas, permitiram-me construir uma ponte e interligar o que foi apresentado na fundamentação teórica e o que nesse subtópico foi colocado. São intersecções que revelou haver um sólido conhecimento sobre este importante gênero literário. Nos ombros dos gigantes em que me assentei, estavam a formação do leitor, o agregar conhecimento, a fusão entre realidade e invenção, o desenvolvimento da

⁴⁶ Segundo e terceiro verso da primeira estrofe de *Canção Amiga* de Carlos Drummond de Andrade. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/carlos-drummond-de-andrade/1221849/>.

segurança ao mesmo tempo que a sensibilidade e socialização. Os sujeitos dessa pesquisa, que igualmente são gigantes em seu fazer pedagógico diário, trouxeram-me a reflexão, a visão artística, a formação do leitor e do escritor. As significações complementaram a pesquisa bibliográfica da mesma maneira que esta dá suporte e viabiliza o ler e o fazer poético enquanto didática, mas essa didática não se encerra em si, abre possibilidades para a produção do conhecimento que são as significações descritas no quadro 2.

Quadro 3 - A importância da poesia na produção de conhecimento escolar.

CATEGORIAS	CONVERGÊNCIAS e DIVERGÊNCIAS	SIGNIFICAÇÕES CATEGORIZADAS
Poesia na produção de conhecimento	RE1, RE2, RE3	Incentiva à leitura, à criatividade e à reflexão.
	RE3	Torna a aula significativa.
	RE5	Desenvolve o ser humano.
	RE4	A escola se preocupa com o aprendizado.

Fonte: Jacilene Silva da Cruz

Intencionei, no primeiro objetivo específico dessa pesquisa, identificar o papel didático da poesia enquanto produtora de conhecimento, posso dizer que já está garantido e de *papel passado*, envolto no objetivo, que a poesia produz conhecimento. Konder pondera que “A atividade sensorial criadora do homem como artista não forma apenas objetos para o sujeito humano: forma igualmente, um sujeito especial para os objetos [...]” (KONDER, 2013, p.18). Tendo como ponto de partida as palavras de Konder, iniciei a interpretação do quadro 2 através do que foi definido por RE1, RE2 e RE3 quando estas descrevem que na produção do conhecimento escolar, a poesia é importante por incentivar à leitura, à criatividade e a reflexão. Esses três pilares apresentados pelas respondentes associados ao que Konder (2013), disse, deram-me uma maior compreensão do poder da arte e conseqüentemente do texto poético, pois este não é um ajuntado mecânico de métrica e rimas, mas um meio de formação do homem para si. Esse para si, pude atribuir ao seu bem-estar físico e intelectual, esses dois não podem ser separados, pois a poesia agrega um ao outro. Ao incentivar a leitura, a poesia traz conhecimento, ao acionar a criatividade, o texto poético permite ao indivíduo ver além do que lhe é posto como definitivo, o ver por trás dos falsos horizontes que são estabelecidos, ao permitir a reflexão, ela, a poesia, possibilita um conhecimento de si e do outro, um se reconhecer e situar em relação ao outro, ampliando a percepção de mundo e propiciando a formação do ser especial. RE2 valida esse raciocínio quando pontua que “a poesia pode ampliar a percepção do que está ao redor, uma vez que estimula uma análise mais aguçada do texto e da realidade.” (RE2, 2021, s/p), está aí a confirmação da formação do sujeito especial.

A respondente 3 acrescenta ainda que a importância da poesia como produtora de conhecimento torna a aula significativa, ainda em confluência com a formação do sujeito especial através do homem artista, significar a aula é carregá-la de vida, principalmente a dos alunos, quando a produção do conhecimento se alinha e se alia com a significação da aula, a efervescência, a energia, o mundo dos alunos integram o fazer pedagógico e se vendo representados, protagonistas do ensino, a aprendizagem está assegurada. Segundo RE3,

[...] a poesia abre possibilidades de chamar a atenção para esses conteúdos porque torna a aula significativa, já que é um texto que mexe com os sentimentos. Sentimentos que podem ser de deleite ou de sofrimento, [...] o importante mesmo é a discussão dialógica em torno da compreensão do tema que essa poesia aborda, as muitas possibilidades de interpretação, transformação do pensamento e aquisição de novos conhecimentos. (RE3, 2021, s/p – grifo meu).

Os substantivos que a entrevistada usa para chegar até a aquisição de novos conhecimentos revela que estes não vêm sozinhos nem servem a poucos, mas integrados e coletivos. Ao dizer que a discussão dialógica é o recurso pedagógico para se chegar ao tema que a poesia aborda, RE3 denota que, como uma espécie de rolo, não compressor, o dialogismo vai carregando consigo um pouquinho de cada um que se abre à poesia ao mesmo tempo que o distribui. Ao trazer a essa dissertação o dialogismo como prática para trabalhar a poesia e a aquisição de conhecimentos através desta, não pude me furtar em trazer Freire a essa significação: “Quanto mais investigo o pensar do meu povo com ele, tanto mais nos educamos juntos”. (FREIRE, 2019, p. 142), assim, coube-me confessar a extrema satisfação que tive em trazer a abordagem dialógica para dentro dessa pesquisa.

Continuando na interpretação das leis postas no quadro 2, cheguei ao desenvolvimento humano apontado por RE5 ao trazer a questão da humanidade que deveria pertencer a toda a espécie humana, parece redundante, mas não o é, pois em diversos momentos é possível verificar que a desumanidade tem dominado as relações entre os seres. Em termos mais precisos, ela diz: “[...] Na verdade, muitos educadores sabem sobre a importância da leitura da poesia durante o desenvolvimento escolar e humano dos alunos. [...]” (RE5, 2021, s/p), se há uma marcação afirmativa, pude afirmar que há a negativa também, assim, se me preocupo em desenvolver sentimentos de humanidade, é porque a desumanidade tem deixado sua marca na circunferência do planeta. A esse propósito, Adorno colabora com RE5 ao dizer que “A tese que gostaria de discutir é a de que desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia”. (ADORNO, 2000 p. 155). A barbárie em que emerge da humanidade e para ela mesma se volta, infelizmente não de maneira individualmente reflexiva, pode ter na arte o seu

ponto de início e fim. Baseado nessa última afirmação questioneei: a causa da barbarização humana seria a falta, o afastamento da arte? Quem me dá uma possibilidade de resposta é Macedo.

Na escola ou fora dela, a experiência estética, na qual se inclui a leitura literária, precisa ser mais reconhecida e valorizada como modo de “humanizar as relações enrijecidas pela absolutização das mercadorias (Paulino, 2004, p. 60)” (MACEDO, 2021, p. 47)

Humanizar as relações enrijecidas porque o homem virou mercadoria, perdeu os sentidos, os sentimentos e a sensibilidade que o fazia não-coisa e reconhecer a arte, aqui a literatura poética, como importante na inversão desse processo, fundido à afirmação de RE5 e de Macedo, está respondido o questionamento.

Para finalizar a interpretação das significações do quadro 2 que se referem a importância da poesia na produção do conhecimento, trouxe o que postula RE4 que, apesar de não convergir diretamente com as demais descrições, no primeiro momento aponta que há no contexto educacional a preocupação com o aprendizado, mas que é muito difícil despertar o aluno para tal, pois a celeridade e disponibilidade de informações que a tecnologia traz, impede que se desperte o interesse pelo conhecimento mais amplo e menos pontual, em suas palavras: “Está difícil despertar o aluno para a busca do conhecimento. O contexto educacional deixa claro uma preocupação relacionada ao aprendizado, não só dá poesia,” (RE4, 2021, s/p). Talvez a significante destaque a dificuldade em despertar o interesse do aluno pelo fato de a escola a considerar inútil a poesia justamente por não “ser um objeto da cultura concebido à vida funcional.” (BUARQUE e BARROS, 2012, p. 80), ou seja, a dificuldade em despertar o conhecimento através da arte poética se dar justamente por ela ser vista como ornamento, frivolidade.

O conhecimento é uma luz que por vezes demora a chegar, como diz a epígrafe desse subcapítulo, demora e, infelizmente, na maioria das vezes, não chega aonde deve, e o que resta é tatear no escuro a fim de encontrar a possível saída, caminhar por caminhos incertos, apenas sobrevivendo. As significações por ora interpretadas mostraram que há o reconhecimento, por parte das professoras, sobre a importância didática da poesia e que esta é valorosa ferramenta na produção do conhecimento, mas este, em constante transformação, espécie de *metamorfose ambulante*⁴⁷, como diria Raul, se perde entre conteúdos obrigatórios, planejamentos, carga-

⁴⁷ Título de uma das canções composta pelo eterno Raul Seixas.

horária, formação deficitária (não abordada nesse trabalho, mas é fato incontestável), sufocam o fazer poético e o relegam ao campo da inutilidade e levam a aceitar às migalhas que para a juventude são deixadas. Importante nessa trajetória da inutilização está o currículo, é dele que me ocupei do próximo subtópico.

3.1.2 Cadê a poesia que deixei aqui?!⁴⁸ O currículo comeu! Significações

[...]
Onde queres o ato, eu sou o espírito
E onde queres ternura, eu sou tesão
Onde queres o livre, decassílabo
E onde buscas o anjo, sou mulher
Onde queres prazer, sou o que dói
E onde queres tortura, mansidão
Onde queres um lar, revolução
E onde queres bandido, sou herói
 [...]⁴⁹

Longe de ser um roteiro de conteúdo a ser seguido, o currículo é uma complexa rede de saberes onde as relações de poder são impostas ao mesmo tempo que combatidas, assim posso reescrever o que Lopes (1993), assegura ser a escola um lugar em que alguns saberes são validados e outros invisibilizados. Assim como a poesia de Caetano que aporta em antíteses, o currículo é um espaço onde forças opostas se ladeiam, como uma disputa de cabo de guerra, tendo de um lado Davi e do outro Golias, porém por estar com as duas mãos segurando a corda, Davi não pode pegar o badogue⁵⁰ e atirar a pedra⁵¹.

Metáforas a parte, o currículo é importante nessa pesquisa não apenas por ser um dos tripés da linha de pesquisa que faço parte, *Formação, Trabalho Docente e Currículo*, mas por determinar o caminhar dos gestores, professores e alunos no processo sistematizado de ensino que acontece na escola, por esta razão, dediquei um subcapítulo para tratar diretamente da relação entre o ensino, a aprendizagem, a poesia e o currículo. A matriz nomotética a seguir trata dessa questão.

⁴⁸ Título inspirado na brincadeira infantil *O gato comeu*.

⁴⁹ Terceira estrofe da letra da música “O queres” de Caetano Veloso. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44758/>.

⁵⁰ O mesmo que estilingue, baladeira, é assim chamado no meu interior do interior da Bahia.

⁵¹ Alusão feita à história de Davi e Golias presente na mitologia cristã.

Quadro 4 - Relação entre ensino e aprendizagem, poesia e currículo

CATEGORIAS	CONVERGÊNCIAS e DIVERGÊNCIAS	SIGNIFICAÇÕES CATEGORIZADAS
Ensino e aprendizagem, poesia e currículo.	RE1	Serve para aumentar o vocabulário.
	RE1	Aprofunda o conteúdo gramatical.
	RE2	Como objeto de análise para o letramento literário.
	RE3, RE4, RE5	Fomentar a prática da pluralidade cultural.

Fonte: Jacilene Silva da Cruz

O lugar-comum me disse que a vida é feita de escolhas, embora não concorde de maneira integral com essa afirmação, pude dizer que o professor, respeitando contextos e particularidades, escolhe *como* ensinar. Essa escolha tem relação direta com o currículo. Dito isto, lancei mão das duas significações dadas por RE1 sobre a relação percebida por ela, professora de Língua Portuguesa/Literatura da Escola Estadual Gonçalves Dias, que ao estabelecer como relação o enriquecimento do vocabulário e o aprofundamento do conteúdo gramatical associa o currículo à listagem de conteúdos, revelando uma faceta fortemente usada pelos professores, principalmente os de Língua, onde a poesia é sempre pretexto para algo externo a ela, externo e extenuante, pude assim dizer. Lajolo (1993), aborda esse assunto em *O texto não é pretexto* quando diz que um texto é um encontro entre o escritor e o leitor e que não deve servir de pretexto para nada. Embora possa ser despertado a partir do texto questões que tangem ao trato linguístico, a poesia não deve ser levada para as classes, especialmente as de Ensino Médio, onde é o meu lugar de fala e sei que há um *friviar*⁵² de emoções, como meio para trabalhar questões gramaticais. A significação aqui pontuada revela um dos tentáculos do currículo tradicional, onde o ensino ainda se pauta em normas que projetam um mecanicismo do pensamento e nas ações dos indivíduos.

A respondente 2 apresenta uma significação que trouxe para essa pesquisa o letramento literário, a descrição feita mostra que a relação entre ensino, aprendizagem poesia e currículo serve como objeto de análise para o letramento literário. Fez-se oportuno então abrir espaço nessa escrita e dizer que entre os vários tipos de letramento, o literário é aquele que intenciona escolarizar a literatura. No Ensino Fundamental e especialmente no Ensino Médio, onde há a especificidade da disciplina, esta se encontra fragmentada em períodos, Cosson diz que “a leitura literária conduz a indagações sobre o que somos e o que queremos viver, de tal forma que o diálogo com a literatura traz sempre possibilidade de avaliação dos valores postos em uma sociedade” (COSSON, 2021, p. 50), assim RE2 questiona a leitura feita na escola ao

⁵² Palavra que ouvi primeiro dos lábios de minha mãe e, de acordo com ela e o dicionário informal da Língua Portuguesa, significa coçar, agitar, mexer.

mesmo tempo que apresenta o letramento literário como medidor do que tem sido feito, pude personalizar mais essa ideia através de questionamentos: *o tipo de leitura que tenho sugerido ao meu aluno tem permitido a ele se indagar sobre o que é e o que quer viver?* Ao abrir precedente para essa questão, a entrevistada determina ser o letramento literário o fio tênue que estabelece ligação entre os quatro pontos categorizados nessa terceira matriz: ensino, aprendizagem, poesia e currículo. Este último, sob o viés apontado pela professora, não se aporta na nocividade do tradicionalismo, ao contrário, está voltado para a perspectiva crítica, uma vez que ao se questionar, o aluno questiona todo o sistema.

Encerrando as significações da terceira matriz, RE3, RE4 e RE5 trazem a pluralidade cultural como ponto a ser (re)significado através do trabalho com a poesia em sala de aula, ressaltam a diversidade cultural existente no país e, em especial aqui em Roraima. Considerar as diferentes culturas é trazer temas que são julgados polêmicos, tabus ou que, de forma proposital, são apagados da memória individual e coletiva. O texto poético “nos permite entrar em contato com uma infinidade de temas: “justiça social, questões de gênero, ética, violência, entre outros.”” (RE3, 2021, s/p), soma-se a isso que os “[...] planos de ação para o aprendizado devem seguir a realidade cultural em que está atuando [...]” (RE5, 2021, s/p) e “A poesia precisa ser norteada aos objetivos propostos no currículo, e assim desenvolver o ensino que leve à aprendizagem.” (RE4, 2021, s/p). Para fechar e concluir essa ideia, eu trouxe a essa conversa o que diz a atual *mãe* dos currículos:

No tratamento dessas categorias no Ensino Médio, a heterogeneidade de visões de mundo e a convivência com as diferenças favorecem o desenvolvimento da sensibilidade, da autocrítica e da criatividade, nas situações da vida, em geral, e nas produções escolares, em particular. Essa ampliação da visão de mundo dos estudantes resulta em ganhos éticos relacionados à autonomia das decisões e ao comprometimento com valores como liberdade, justiça social, pluralidade, solidariedade e sustentabilidade. (BRASIL, 2018, p. 557).

O que está posto na BNCC entra em confluência com o que dizem os sujeitos dessa pesquisa: o fomentar a prática da pluralidade cultural. A minha retórica pergunta foi: há outro gênero literário onde posso encontrar mais riqueza e permissividade para trabalhar a pluralidade que existe nas sociedades e na nossa de maneira bem específica que o texto poético? Abrir as aulas para a poesia, é deixar entrar todas as diferenças que unem e podem unir os povos diferentes que constituem o local em que se vive. Seria interessante pegar a língua que já roçou com a de Camões⁵³ e deixá-la se envolver, roçar, entrelaçar e se misturar com outras que a

⁵³ Alusão ao primeiro verso da primeira estrofe da música *Língua* de Caetano Veloso.

circundam: a dos filhos dos povos originários, dos imigrantes venezuelanos, haitianos, guianenses e dos diversos cantos do Brasil que chegam e fazem de Boa Vista uma pequena *esquina do mundo*⁵⁴.

Relacionar os quatro pilares desse subtópico: ensino, aprendizagem, poesia e currículo através das significações dadas me permitem perceber que, deixando de lado o *texto como pretexto*, os caminhos entre eles se cruzam e a poesia é a articuladora do ensino que proporciona aprendizagem libertadora, que seja ouvir e dizer. Ela traz, inerente a si, as particularidades de quem a escreveu e ao se ver espelhado nela, o vívido adolescente se sente capaz de se mostrar. A BNCC, norteadora curricular, nas suas entrelinhas, louva e apregoa o desenvolvimento da autonomia que, segundo Ferreira (2021, s/p), na definição 6, consiste no “modo de ensino, baseado em princípios da filosofia freiriana, a qual visa a emancipação intelectual e a aprendizagem com liberdade e autonomia⁵⁵”. O texto poético pró-autonomia instrumentaliza o aluno com as condições de se fazer autônomo, pois se verá representado e poderá se representar.

O currículo que rege todas as instâncias do ensino, como já dito no referencial teórico, funciona, em sua vertente tradicional, como um larápio, um gatuno que chega para levar aquilo que é do aluno por direito: a poesia que acompanha a humanidade desde os primórdios e ao ser individual desde antes do seu nascimento. O título desse subtópico remeteu a essa subtração imoral, a essa perda irremediável. O subtópico que trago a seguir, ocupou-se da interpretação das matrizes postas no quadro quatro que, em consonância com o fenômeno de pesquisa, coloca em voga o ensino e a aprendizagem através da poesia.

3.1.3 Mirando o alvo e acertando em seu derredor: significações das contribuições da poesia no processo de ensino e aprendizagem

[...]
*Eu sempre quis acertar
 só me faltou pontaria
 eu nunca soube cantar
 mas sempre tive mania
 nunca brinquei carnaval
 e nem saí da folia
 [...]*⁵⁶

⁵⁴ Não achei a definição exata dessa expressão, mas já ouvi várias vezes, assim, traduzo como o lugar onde povos diversos de lugares também diversos se encontram.

⁵⁵ Ainda segundo Ferreira, na definição 1, *autonomia* é a faculdade de governar a si.

⁵⁶ Seis primeiros versos da segunda do poema *Refém* de Cacaso. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/12546/refem>.

O ensino de Língua/Literatura na Educação Básica, especialmente o EM, donde falo com propriedade, é seccionado, como já foi expresso no referencial teórico dessa dissertação e corroborado aqui por Leite (1997), quando ela diz que, embora reunidas numa mesma disciplina, Língua e Literatura constituem disciplinas separadas, mesmo tendo o mesmo professor. O fato que não pode ser contestado é que o texto literário tem lugar nos planejamentos e no desenrolar das aulas, mas o *que* faz o texto literário ali, *como* ele é trabalhado e *qual* a sua finalidade *são outros quinhentos*. O importante é mirar o texto poético, mas não o acertar precisamente, deixar que ele se espraie e aproveitar tudo o que pode doar e eu, professora, e os alunos possamos sentir e sorver. A epígrafe desse subtópico traduz muito bem esse momento, afinal não só os pássaros com belo canto têm o direito de cantar. Acredito que expliquei metáfora com metáfora⁵⁷, então, tento mais uma vez: não apenas os que não titubeiam têm o direito a ler, não só renomados escritores têm o direito de escrever, uma vez alfabetizado, não se *desalfabetiza* mais.

Voltei a separação do ensino de Língua/Literatura já prenunciada no parágrafo anterior, aos planejamentos onde é dito o que fazer com os textos (literários) e, lógico, a poesia de maneira específica, para compreender como esta contribui no processo de ensino e aprendizagem escolar. No quadro 4, estão dispostas as significações dadas pelos sujeitos dessa pesquisa.

Quadro 5 - As contribuições da poesia no processo de ensino escolar

CATEGORIAS	CONVERGÊNCIAS e DIVERGÊNCIAS	SIGNIFICAÇÕES CATEGORIZADAS
Poesia no processo de ensino escolar.	RE1, RE2, RE5	Incentiva o aluno a ler, refletir, criar e conhecer outras realidades.
	RE3	Dá significado à aula.
	RE3	Explora questões linguísticas.
	RE4	Suaviza o contexto de ensino.
	RE5	Equilibra conhecimento literário e científico.

Fonte: Jacilene Silva da Cruz

Entendo que ensinar é ter espasmos, não aqueles que invalidam o músculo, mas os que trazem a rápida, ou não tão rápida, percepção de que ainda *estou viva*. Assim como viver, ensino por compreender que ele é vivo, quando o penso através da poesia deixo de vê-lo estático e acredito ser o ensino de Língua/Literatura o “vivenciamento da obra literária enquanto experiência transformadora e não simplesmente como assimilação de mecanismos codificados

⁵⁷ Expressão citada pela professora Rosidelma Pereira Fraga na qualificação dessa dissertação.

de escuta e apreciação”. (OSAKABE, 1997, p. 28). Dito isso, iniciei a interpretação das significações dadas sobre as contribuições da poesia no processo de ensino escolar, trazendo a convergência entre as respondentes 1, 2 e 5 quando dizem que a poesia incentiva o aluno a *ler, refletir, criar e conhecer outras realidades*. É interessante a gradação com que as professoras colocaram os verbos: *leio, reflito, crio* e, por fim, *conheço*. Leitura e reflexão são dois pontos que se cruzam automaticamente, mais uma vez, peço licença para usar esse advérbio, não o uso com o sentido de que não tenha a interferência da inteligência (FERREIRA, 2021, s/p), mas com a ideia de que as duas ações são correlatas, desse modo, a leitura leva a reflexão, que lhe é companheira fiel. Eu poderia aqui, em clássico axioma cartesiano dizer, *leio, logo reflito*, acreditei que o contrário também é válido. O importante é reconhecer os dois atos como complementares, permitir a leitura e a fluidez desta, é induzir o pensamento sobre si e sobre o outro. Na sequência, as professoras trazem à gradação, o verbo criar, postulando assim que esta ação é fruto do refletir, este também significa, “reproduzir a imagem, espelhar” (FERREIRA, 2021, s/p). A criação é consequência da reflexão, do se projetar, do se colocar diante do que por ora está posto. O aluno conhece outras realidades ao mesmo tempo que conhece a sua, assim, o *ver-a-si* é diretamente proporcional ao *ver-o-outro*, criar a partir do outro é também criar a partir de si, o para o outro é para si, formando um círculo de ações em que não há um sem o outro. Ler, refletir, criar e conhecer configuram estágios e estados de autopercepção.

Voltei ao quadro 4 para me reportar ao que disse RE3 no que compete as contribuições da poesia para o processo de ensino escolar, vale a pena lembrar que os sujeitos dessa pesquisa são professoras do Ensino Médio da Escola Estadual Gonçalves Dias e que, o objetivo geral dessa pesquisa é conhecer as principais contribuições da poesia para o ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa nessa etapa educacional. Após o (re)situar dentro da pesquisa, retornei a respondente 3 que me apresenta duas significações distintas que à primeira vista podem parecer opostas, mas não o são na essência. Primeiro, ela diz que o texto poético da significação à aula, antes de me deter em interpretá-la diretamente, Osakabe (1997), chama a atenção sobre o tipo de texto que os alunos escrevem na escola, neles predomina a expurgação do sujeito, pois deve ser impessoal, verbo em terceira pessoa indeterminada e, o pior, correndo o risco de sequer ser lido pelo professor, ou seja, é de ninguém para ninguém. É nesse contexto que a poesia é bem-vinda, por falar do eu, dos incontáveis *eus* que vão diariamente às escolas, Leal (2015), diz que o poema exige um olhar mais atento, aguça o intelecto, entrelaça emoções, questiona e transforma a realidade. Antes de me questionarem se tenho pretensões em abolir o ensino de Língua e a preparação do aluno para escrever redações para vestibulares e ENEM, antecipei-me e tomei como minhas as palavras de Possenti (1997, p. 33), “O objetivo da escola é ensinar

o português padrão [...] ou de criar condições para que ele seja apreendido”. Britto (1997), diz que uma das maiores dificuldades é que nas redações os estudantes falam para ninguém ou, mais exatamente, não sabem a quem se fala. Voltei para a atribuição de dar significação à aula apresentada por RE3 para o texto poético, ao propô-la como contribuição para o processo de ensino, tive a convicção de que longe de ser uma instância que não tem relações com o ensino de língua, a poesia é altamente trabalhada através de várias vertentes e conteúdos gramaticais, como destacou Leal (2015). Ainda sobre dar significado a aula e em tom de autodefesa, para que a escrita tenha sentido, o aluno deve ter consciência de que aquele texto é dele e para quem ele vai escrever, ou seja, apenas para que o professor dê uma nota fica muito aquém do que é a entrega de si no ato da escrita. Sonho com o dia em que os exames solicitarão dos candidatos uma escrita com propriedade, domínio da língua vigente e não a arcaica, mas que o gênero de escrita seja livre.

Ainda sobre as significações de RE3, esta postula a exploração de questões linguísticas como uma das contribuições da poesia, embora eu não seja muito simpática a esse tipo de abordagem, não o rechacei totalmente aqui, acredito que é possível instigar questões linguísticas ao se propor um trabalho com o texto poético, o que não aceito é que esta seja a única abordagem feita, ou que esse gênero surja nas aulas apenas com essa finalidade, afinal “a linguagem poética é das mais elaboradas formas de expressão verbal” (AVERBUCK, 1993, p.72), se há como, sem reduzi-la a regras, suscitá-las e explicitá-las que assim seja, mas sem tirar do norte que, por si só a poesia já revela um trabalho com a linguagem, o *corpus* poético é a língua em seu estado mais natural e espontâneo possível.

Na sequência das significações, RE4 apresenta a suavização do contexto de ensino como uma das contribuições da poesia para o ensino escolar da Língua Portuguesa, isso me levou a questionar: como é o contexto de ensino? Por que ele precisa ser suavizado? Para chegar a respostas, caminhei desde a estrutura física escolar até as questões de ordem pessoal que envolvem os alunos. Borges (2004), ao se reportar a constituição espacial das escolas diz que elas se configuram em ambiente parecido com uma prisão, são longos corredores onde ficam de um lado as salas de aula, as vezes frente a frente, outras, ao sair delas os alunos se deparam com cobogós, em ambos os casos, os alunos, geralmente de suas salas, veem paredes que se mostram em pintura, quando pintadas, que representa a cor de quem governa, de quem manda. Dessa forma, de maneira bastante plástica, apresento a primeira razão para que o ambiente escolar seja suavizado.

Outra necessidade de dulcificar o ambiente de ensino é o que se refere às relações vividas dentro das escolas, Zilberman (2021, p. 8), afirma que “A escola ajustou-se às

repartições da sociedade, oferecendo produtos distintos para camadas sociais distintas [...]”, assim se desenvolvem as relações de superioridade, o que já pontuei na primeira parte dessa dissertação como sendo o currículo oculto. A escola se organiza tanto na questão espacial quanto na interação interpessoal verticalmente, é só observar ao entrar na maioria dos estabelecimentos de ensino, primeira e melhor sala é a que se encontra a direção e os *sus*-diretores, daí seguem outros membros do corpo escolar até chegar aos alunos, de igual modo se dispõem as relações sociais, por ordem de importância. E onde entra a literatura e a poesia em tudo isso? Zilberman me responde: “É também palavra de ordem, pois o nome da luta pela literatura na sala de aula e na vida escolar que o livro se organiza. A resistência é o ponto de partida da militância”. (ZILBERMAN, 2021, p. 10), e ainda mais: “A parceira principal desta militância é a literatura [...] uma literatura que não se acomoda a propósitos ou intenções de fora do campo da cultura e da arte [...]. (ZILBERMAN, 2021, p. 10). A poesia, com o poder e o conhecimento enquanto arte que lhe é inerente, chega para suavizar esses dois pontos aqui apresentados.

Seguindo as razões pelas quais, conforme estabelecido por RE4, a poesia serve para suavizar o contexto de ensino, entrei com muito prazer nas salas de aula e apresentei três aspectos que necessitam ser polidos. Primeiro o relacionamento entre os alunos, mesmo estudando em instituições públicas, não pertencem a mesma realidade social e as relações nem sempre são pacíficas, há competição, disputa, solidão, inaptidões, sexualidade, afinidades e tantas questões que os separam e aproximam. Somei a esses pontos o ensino distante da realidade, aquela velha história do *Ivo viu a uva*. O último aspecto que apontei foi a quantidade de disciplinas, exemplifiquei com a minha vivência enquanto professora: geralmente dou aula para duas séries distintas, quando dou duas aulas seguidas em uma série e passo para outra, tenho que fazer uma adaptação mental, preciso de um tempo para o cérebro reagir e entrar no que está sendo abordado naquela turma que é diferente das primeiras, adiciono a isso a personalidade de cada turma, elas são distintas, ao entrar em uma, preciso de um tempo de adequação. O aluno também passa por isso, são no mínimo quatro professores diferentes cada dia, eles têm que se adequar às personalidades, conteúdos, abordagens, humores também distintos, a poesia no processo de ensino ajuda a suavizar também essas questões.

A poesia chega nas salas classes lotadas de diferenças como alívio, momento de entrega, de olhar para si, relaxar, do ser livre. Macedo (2021), diz que leitura é liberdade e Candido (2011, p.177) corrobora dizendo que “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de viver dialeticamente com seus problemas”. A professora entrevistada foi também precisa na sua colocação: “A poesia permite ao aluno novas

interpretações, coloca suavidade no contexto e facilita a participação daqueles que buscam expor suas percepções, desenvolve a criação. (RE4, 2021, s/p).

A fim de encerrar a interpretação desse quadro que se refere à poesia e ao processo de ensino, a última significação descrita mostra a possibilidade de equilibrar conhecimento literário e científico. Zilberman (2008), traz a informação de que a literatura entra na escola desde a sua instituição, porém Averbuck (1993), também me diz que a arte perdeu seu poder central, o prestígio na sociedade e, como aqui já ponderei através de Drummond (1974), a escola sufoca a imaginação, desterra o ser fabulado da mente que o cria, resta então como possibilidade de prestígio de ascensão econômica e social o conhecimento científico que carrega consigo a formação humana voltada para o trabalho. Quando RE5 diz que “[...] a poesia pode prevalecer em nosso cotidiano como uma importante ferramenta de ensino, proporcionando-nos um equilíbrio em uma sociedade que se apoia em conhecimentos científicos”. (RE5, 2021, s/p), remonta ao que abordei inicialmente nesse parágrafo e ainda acrescenta que, numa referência bem contemporânea, urge desrobotizar a escola, humanizá-la com indivíduos que não apenas sobrevivam, mas que interajam mais (FREIRE, 2019). O equilíbrio proposto pela entrevistada entre ciência e poesia fez com que eu conseguisse aproximar a banda Titãs do pensamento freiriano quando eles cantam:

Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de que?
Você tem fome de que?
A gente não quer só comida,
A gente quer comida, diversão e arte.
A gente não quer só comida,
A gente quer saída para qualquer parte.
A gente não quer só comida,
A gente quer bebida, diversão, balé.
[...]
A gente não quer só comer,
A gente quer comer e quer fazer amor.
A gente não quer só comer,
A gente quer prazer pra aliviar a dor.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer dinheiro e felicidade.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer inteiro e não pela metade.
(FROMER, ANTUNES, e BRITO, 1997, s/p).

Também mereceu esse cafuné feito por Freire em Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto, os irmãos compositores Marcos e Paulo Sérgio Valle por terem feito perceber que:

[...]
 Eu não vejo além da fumaça
 O amor e as coisas livres, coloridas
 Nada poluídas
 Ah, Eu acordo pra trabalhar
 Eu durmo pra trabalhar
 Eu corro pra trabalhar
 [...]
 (VALLE e VALLE, 1996, s/p).

Tornei bastante musical este final de interpretação, quiçá a música suavize as minhas angústias, espero que ela me encha de ideias, mas o importante aqui foi ressaltar o diálogo entre os três textos por último citados e a descrição feita por RE5, foi dizer que a entrevistada, carregada de, entre outros, saberes de sua prática cotidiana, enxerga o ensino impregnado de ciência, como se apenas esta fosse suficiente para a formação humana. As letras das músicas defendem também essa ideia, quando os Titãs dizem que comida não é suficiente para alimentar o indivíduo, que não se leva para a escola apenas conhecimentos que formem para comprar o essencial. Para viver o homem precisa alimentar suas outras fomes. O resultado da falta de equilíbrio defendido pela professora é a formação que faz com que não se enxergue além da fumaça, que o ser humano nasça só para trabalhar, que não veja o amor e as coisas livres, como escreveu os irmãos Valle.

Para o processo de ensino escolar, a poesia alimenta desde questões linguísticas que partem de perspectiva mais tradicional até as diversas fomes sentidas pelo indivíduo, voltando-se para abordagens mais críticas. É com essa fome que parti para tratar da poesia no processo de aprendizagem escolar, no entanto, como alguns sujeitos deram respostas muito próximas para as contribuições da poesia no ensino e na aprendizagem, antes de apresentar o quadro 5, fiz um paralelo entre o que é ensino e aprendizagem, mostrei onde se distanciam e que, muito antes do infinito, esses processos se tocam.

Ferreira (2021), ao conceituar ensino, diz que este está voltado para a transmissão de algo, assim o ensino é sempre ação que busca um alvo e a aprendizagem é sempre o alvo. A partir dessas definições pude dizer que, para Ferreira, o professor é a ação, ativo e o aluno é o receptáculo, passivo, pude dizer também que sob essa ótica, ensino e aprendizagem são diferentes, o primeiro é a seta e o segundo o alvo. Diferente disso, para Kubo e Botomé:

Ensinar define-se por obter aprendizagem do aluno e não pela intenção (ou objetivo) do professor ou por uma descrição do que ele faz em sala de aula. A relação entre o que o professor faz e a efetiva aprendizagem do aluno é o que, mais apropriadamente, pode ser chamado de ensinar. Nesse sentido, ensinar é o nome da relação entre o que um professor faz e a aprendizagem de um aluno. (KUBO e BOTOMÉ, 2001, s/p).

Na ponderação feita pelos autores, a aprendizagem está contida no ensino, este último só existe se a primeira já tiver existido, o professor só praticou o ato de ensinar se o aluno aprendeu, nesse caso, os dois processos são contíguos.

Quadro 6 – As contribuições poesia na aprendizagem escolar

CATEGORIAS	CONVERGÊNCIAS e DIVERGÊNCIAS	SIGNIFICAÇÕES CATEGORIZADAS
Poesia na aprendizagem escolar.	RE1, RE2	Incentiva o aluno a ler, refletir, criar e conhecer outras realidades.
	RE3	Desenvolve o gosto pela leitura
	RE3	Desperta a sensibilidade como ser humano.
	RE4	Auxilia os alunos mais retraídos.
	RE5	Interessa-se mais pelo conteúdo.

Fonte: Jacilene Silva da Cruz

Ao direcionar o olhar fenomenológico para o quadro 5, atentei para o que descreve RE1 e RE2 sobre a relação da poesia com a aprendizagem, vi que estas atribuíram ao texto poético o poder de levar o aluno à reflexão, à criação, e ao conhecimento de outras realidades, o que RE1 já havia descrito como forma de contribuição para o processo de ensino. Ao aproximar esses dois processos, fica evidente que, para RE1, ensinar e aprender são simultâneos, como afirmei no parágrafo anterior, contíguos; trocam-se e tocam-se continuamente. Como bem me diz RE2 (2021, s/p) “Os textos poéticos [...] fazem com que os alunos exercitem mais a sua mente [...]”, esse exercício é entre outras coisas, o que RE1 pautou como refletir, criar e conhecer outras realidades.

Seguindo as descrições do 5º quadro, RE3 me presenteia com o desenvolvimento do gosto pela leitura e, para falar com mais precisão sobre essa significação, numa pegada freiriana, abordo duas leituras que podem *cair no gosto* do aluno quando a poesia entra como instrumento para a aprendizagem. A leitura de mundo quando, ao se ver frente a frente com outras realidades, outros mundos, o indivíduo passa a compreender melhor o seu, isso pode levar a um delicioso círculo vicioso: quanto mais realidades novas conheço, mais reconheço a minha, ao me reconhecer, insisto em conhecer outras e, conseqüentemente, mais consciente de mim e do outro me torno. Não esquecendo de sempre ter em mente que a conscientização leva a emancipação. A segunda leitura é a da palavra, o decodificar o texto escrito, suas entranhas rítmicas, sua sintaxe, semântica, enfim todos os nós que constroem o texto poético. Esse *desatanós* é o passaporte para a consolidação do conhecimento sistemático que é dever da escola propiciar na disciplina de Língua Portuguesa, conforme fala Possenti (1997), o ambiente

para que o Português padrão seja aprendido. Nesse aspecto RE3 revela que o bom leitor equivale ao bom escritor, entendi isso como uma mimese invertida: a língua escrita é a reprodução da falada, primeiro foi desenvolvido a fala, a escrita veio depois, bem depois. Assim, pude dizer que a escrita é a imitação da fala, primeira mimese. Uma vez estabelecida, a escrita passa a ser padrão a ser imitado, é a língua contida nela que configura modelo a ser reproduzido. A fala natural é imitada pela escrita que passa a ser imitada pelo aluno para que se constitua sua fala e escrita correta.

Divagações aristotélicas a parte, voltei-me ao quadro 5 com mais uma significação de RE3, quando ela disse que a poesia contribui para a aprendizagem por despertar a sensibilidade como ser humano. Nessa significação, meu pensamento remonta ao toque de barbarização que a educação carrega ao adotar para si modelos tecnocráticos que excluem a aprendizagem do sensível. O sujeito da pesquisa, ao trazer essa visão, abre espaço para que eu diga o quanto urge uma preparação mais humanizadora do aluno, que não se aprende a viver no mundo objetivo sem que também seja aprendido a viver no subjetivo. Pude, nessa significação, voltar um parágrafo e retomar o que foi dito sobre o gosto pela leitura e associá-la a este último: a leitura de mundo, humaniza ao mesmo tempo que emancipa. O situar dentro das diversas realidades tem humanização e emancipação como consequência.

Na continuação da compreensão das significações, cheguei ao que RE4 postula como sendo a contribuição da poesia no processo de aprendizagem: o auxílio aos alunos mais retraídos a se colocarem, sentirem-se capazes de se colocar para si e perante os outros, não preguei aqui que há de se desenvolver o espírito de superioridade, mas de segurança através da sensibilidade, como afirmei sendo uma das funções didáticas da poesia no marco teórico embasada por Zilberman (2009). O auxílio aos mais retraídos, como disse minha entrevistada, vem carregado da afirmação da identidade sob a tutela da arte e, tutelada por ela, não há medo de expor anseios, o aluno é consciente de si pois, uma vez insubmissa, como pontuei também no marco teórico fundada em Moisés (2019), a poesia faz pensar, vê-se de outra maneira. O adolescente de Ensino Médio, já em consolidação da formação de si, ao ter a arte poética como base, não relutará em se socializar e em partilhar. Conforme RE4, os alunos mais introspectivos podem apresentar, através da poesia, um posicionamento surpreendente e inovador. Interessante essa perspectiva uma vez que esses alunos são sempre vítimas de apelidos depreciativos ou isolamento dentro da sala de aula, ao reiterar que estes podem surpreender e inovar, serem vistos e admirados pelos outros colegas através do texto poético, a respondente acrescenta como função poética *de existir*, o poder de evitar que adolescentes sejam vitimados e esquecidos nos cantos das salas de aula, fato muito comum.

Para encerrar as significações do quadro 5, voltei a ele através da significação de RE5, quando esta me participa que para a aprendizagem, a poesia pode levar o aluno a se interessar mais pelo conteúdo. Pontuo, neste íterim, que a leveza desse gênero literário, o jogo de sentidos, imagens, sons e ritmos são ingredientes que, após a familiarização do jovem com o gênero, a aprendizagem acontece naturalmente. Essa significação desemboca no que Silva (2011), chama de aprendizagem concreta, onde o aluno aprende e apreende através do contato direto com o texto, das descobertas que este pode proporcionar. Conteúdos desconexos se perdem dentro da enorme quantidade de informações a que todos estão sujeitos na atualidade, a concretude da aprendizagem se dá quando há um alinhamento entre esta e a vivência do aprendiz. Não há espaço para aprendizagem sem significação, em concordância com RE5, a poesia ajuda porque é um meio de significar o que foi abordado, afinal já foi o tempo em que frases soltas eram suficientes, aliás, nunca foram suficientes, se tivessem sido, essa dissertação não faria sentido e eu sei que faz todo e muito.

A maldição do poema, que deixa escorrer pelas mãos o sentimento do mundo, permite que o jovem preencha as linhas do caderno e as do começo da juventude de ímpeto e força para a caminhada posterior. Isso a mim foi mostrado nas significações dadas pelos sujeitos dessa pesquisa, as professoras de Língua Portuguesa/Literatura da Escola Estadual Gonçalves Dias, na intenção de conhecer as principais contribuições da poesia no processo de ensino e aprendizagem, e especificamente de identificar o papel desse gênero literário na produção do conhecimento. Constatei que a inevitável reflexão que a arte poética provoca favorece e abre possibilidades para que o ensino e a aprendizagem sejam libertadores, na proposta freiriana mesmo, de libertar e de humanizar. A humanização que urge ser integralizada ao fazer pedagógico, uma vez que a animosidade ronda diuturnamente a escola, a casa, a igreja e outros ambientes onde alunos e professores frequentam. Propor a poesia como meio para o processo de ensino e aprendizagem é, como pontuaram algumas entrevistadas, oportunidade de reflexão, talvez única em uma vida tão veloz e feroz; de transformação, quando o desejo é que o aluno seja apenas um reprodutor; de se mostrar em um mundo que quer cada vez mais que se seja invisível. Além dos pontuados, didaticamente, a poesia enriquece o vocabulário, define o leitor, forma o escritor, significa o conteúdo, entre outros pontos que foram devidamente descritos e interpretados nesse tópico. Como síntese, pude dizer que a poesia contribui tanto para o conteúdo específico da Língua Portuguesa quanto para a formação humana, objetivo maior, inegociável e inegável da educação.

A via do professor que decide percorrer, carregando sobre os ombros o poema é *anticrucis*, afinal ter como metodologia de ensino e conseqüentemente permitir que o aluno

chegue à aprendizagem através de si, de seus sentimentos, sensações, pesares, alegria e vida, deixar que a caneta escreva no papel os sentimentos do mundo não é dolorosa. Outorgar a juventude a maldição do poema é carimbar o passaporte de educação libertadora. As descrições que compõem o próximo tópico me permitirão compreender e apresentar quais as contribuições da poesia no trabalho do professor e, por conseguinte, na aprendizagem do aluno.

3.2 VAMOS TODOS POEMAR: o trabalho com o texto poético

Na intenção de satisfazer o que foi proposto como segundo objetivo específico desta dissertação, neste tópico me ocupei em descrever a contribuição da poesia tanto no trabalho do professor quanto na aprendizagem do aluno, para tanto, trouxe a interpretação de três matrizes nomotéticas que se voltam para essa direção. Cereja (2005), atesta que o ensino de Literatura no EM se ocupa primeiro em ofertar um arcabouço sobre a teoria literária para poder trabalhar com o texto literário de época. O termo em destaque é importante porque mostra que não há a preocupação em fazer literatura ou propiciar ao estudante a aprendizagem literária. O autor ainda assegura que o ensino se pauta unicamente em listagem de conteúdos escolares somadas ao conteúdo dos vestibulares (CEREJA, 2005, p. 55). Na contramão dessa proposta metodológica que ainda é praticada nas escolas, este tópico apresentou a contribuição da poesia longe desses moldes secularmente prescritos. Aqui, continuei com as interpretações das significações dadas pelas professoras que são sujeitos dessa pesquisa, como também as contribuições de Freire (2019), Zilberman (2009), Cereja (2005), entre outros autores, que foram indispensáveis nessa construção.

3.2.1 Propostas poéticas: significações

*Minha terra tem Palmeiras,
Corinthians e outros times
de copas exuberantes
que ocultam muitos crimes.
As aves que aqui revoam
são corvos do nunca mais,
a povoar nossa noite
com duros olhos de açoitado
que os anos esquecem jamais.
[...]⁵⁸*

⁵⁸ Primeira estrofe de *Outra Canção do Exílio* de Eduardo Alves da Costa. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/12765/outra-cancao-do-exilio>.

Como já pontuei na introdução desse tópico, voltei-me aqui para a compreensão das contribuições da poesia tanto no ensino quanto na aprendizagem, porém mesmo que por vezes tenha recorrido a grandes autores, a minha base foi a percepção dos professores que estão na lida diária, no contato constante com os estudantes. Embora o trato com o texto poético não seja diuturno, é natural que vez por outra as professoras tragam uma proposta para o trabalho com esse gênero, foi a partir desse pressuposto que lhes pedi que descrevessem ao menos uma atividade desenvolvida em sala de aula que envolvesse poesia. O resultado é surpreendente e consta na matriz nomotética a seguir.

Quadro 7 - Atividades desenvolvidas envolvendo poesia em sala de aula

CATEGORIAS	CONVERGÊNCIAS e DIVERGÊNCIAS	SIGNIFICAÇÕES CATEGORIZADAS
Atividade com poesia	RE1	Releitura de <i>Canção do Exílio</i> e de <i>Meus oito anos</i> .
	RE2, RE3	Produção de poemas individuais e coletivos.
	RE4	Relacionar poemas narrativos com letras de música.
	RE5	Desafio da poesia – escolher, memorizar e recitar.

Fonte: Jacilene Silva da Cruz

Iniciei as interpretações sobre qual atividade foi realizada em sala que envolvesse poesia pelo que foi descrito por RE1, que consiste em uma atividade de releitura da *Canção do Exílio* e de *Meus oito anos*, ambas periodizadas como *românticas*, a primeira de Gonçalves Dias e a segunda de Casimiro de Abreu. Convém dizer que considero a releitura uma proposta sempre eficaz, nela há uma leitura temporal e atemporal simultaneamente. A primeira ocorre quando o texto é lido considerando o momento em que foi escrito, e a segunda acontece quando este é pensado no momento em que está sendo reescrito, o contexto social e pessoal. O texto *novo* escrito pelo aluno é a simbiose desses dois momentos, o que conserva do texto original, o que há em comum entre o velho e o novo é o que o situa atemporal. O texto usado como epígrafe desse tópico traz uma releitura do mesmo poema de Gonçalves Dias, coincidência? Interrogação a parte, pude ponderar que a intertextualidade presente, além de divertir, eterniza o poeta romântico, a releitura faz então uma ponte e não deixa o poeta ser esquecido, imortaliza-o. Destaquei ainda, nas escolhas da professora, o segundo poema, como já pontuei, embasada principalmente em Snyders (1993), a adolescência é carregada de emoções, contraditórias muitas vezes. Ao optar por trazer esse texto para releitura, a professora permite que o aluno emocione a si, a turma e a escola; rompe com as barreiras da impessoalidade, da frieza, do não-eu que infelizmente esta instituição tem como estigma. Sintetizei essa primeira interpretação,

afirmando que a releitura é sempre uma importante ferramenta para o professor de Língua Portuguesa/Literatura, pois traz para o contexto da sala de aula a variação linguística, especialmente a temporal e, a partir daí, outras partes que integram a gramática da língua.

Seguindo, observei que RE2 e RE3 trazem significações que convergem entre si, ambas apresentam a produção poética como atividade desenvolvida em sala, embora a primeira apresente a escrita individual e a segunda coletiva, as duas veem a escrita da poesia como algo possível de ser feito, segundo RE2 houve a

Produção de limeriques⁵⁹ e de quadrinhas [...]. Estudamos as estruturas desses dois tipos, lemos exemplos e construímos um minidicionário de rimas. Após essa fase, cada aluno produziu um poema com temas livres. Como são bem divertidos, os textos finais ficaram bem engraçados. (RE2, 2021, s/p).

E RE3 (2021), fez a “Produção de poema coletivo, [...]”. A partir de um tema proposto e contextualizado, cada aluno construiu um verso. Após essa etapa, organizamos os versos para formar a composição”. As duas atividades descritas nas respostas merecem ser registradas porque trazem a contextualização do gênero antes de partir para a prática escrita, corroborando o que já pontuei aqui de como é importante a contextualização, o aluno não produz do nada, desde textos dissertativos até literários, é imprescindível promover um encontro entre o aluno e a escrita que se espera dele. Embora as propostas tenham sido feitas por professoras diferentes, nada impede, ao contrário, tudo impele para que possam ser agrupadas em um só planejamento, considere importante a produção coletiva, ela surge como uma espécie de fôlego inicial, se eu *consigo escrever um verso, consigo agrupar vários, brincar com eles, construir meu próprio significado*⁶⁰ e, após esse momento de encontro coletivo, promover o individual. Afinal, conforme o professor Jairzinho Rabelo⁶¹:

Poesia é...
 ... Pensamento filosófico
 ... Instrumento sociológico
 ... Organização das ideias
 ... Conhecimento de mundo
 ... Compreensão de significados
 ... Possibilidade de crescimento
 ... Vivenciar a tecnologia...

⁵⁹ Limerique é um poema curto, de quatro ou cinco versos, conforme a disposição gráfica. Seu ritmo extremamente regular, assim como seu esquema de rimas, em aabba (o primeiro, segundo e quinto verso rimam entre si, enquanto o terceiro e quarto formam outra rima).

⁶⁰ Divagação minha, idealização de como o aluno trabalha, pensa as possibilidades de sua escrita.

⁶¹ Jairzinho Rabelo é poeta, professor da rede estadual de ensino de Roraima e professor da Universidade Estadual de Roraima - UERR. O poema metalinguístico é do acervo pessoal do autor e me foi repassado em uma conversa informal através da rede social.

(RABELO, 2022, s/p)

A continuidade das *leis* dispostas na matriz nomotética do quadro 6, fez com que eu me enchesse de alegria, pois a professora, RE4, traz como estratégia para o trabalho com a poesia em sala, a intersecção entre poemas narrativos e letras de músicas que também contam história, considerei essa associação válida ao extremo, pois retoma justamente a origem dos textos poéticos, quando tinham uma estreita ligação com a mística, eram cantos e acompanhavam as invocações para a obtenção de curas e graças⁶². Segundo a entrevistada, a ideia é estudar o gênero épico a partir dessa aproximação, como o projeto ainda está em andamento, ela não pode dar mais informações.

Fechando as significações desse quadro, RE5 me desafiou e desafia os alunos com uma proposta que a princípio parece estar em desuso, afinal, quando falo em *decorar*, a primeira alusão que é feita é da educação decorativa⁶³, mas que ao contrário, o projeto da professora ultrapassa os limites da sala de aula e se transforma em um evento que faz parte do projeto pedagógico e da história da escola, me refiro ao *Sarau Literário*:

O Desafio da Poesia foi um das melhores atividades realizadas em sala de aula. Aos alunos foi dado o direito de escolher uma poesia, memorizá-la e apresentá-la. Foi tanto o sucesso dessa atividade oral que realizamos um recital, com direito a performance e figurino, para todos os alunos da escola. [...] Um ano homenageamos o poeta Roraimense Eliakim Rufino e outro ano a poeta Eli Macuxi, ambos os autores citados nas provas de vestibulares das universidades locais. Lembro-me, no momento, do poema de Pedro Bandeira, os alunos interpretaram por meio de desenho, paródia, encenação e reescrita do texto [...] (RE5, 2020, s/p).

É interessante, apesar de ser uma descrição, a emoção e a satisfação da professora ao se remeter à atividade, que não tinha uma metodologia fechada e acontece desde 2010, algumas vezes com indicação de autor, conforme transcrito na citação, outras com liberdade de escolha, mas é importante salientar que o imprescindível é a identificação do aluno com a poesia escolhida, nesse instante único, leitor, texto e autor se fundem através da poética. Volóchinov resume assim:

Na poesia, a palavra também é o “roteiro” do acontecimento, pois a percepção artística competente o interpreta, ao adivinhar com precisão nas palavras e formas da sua organização as inter-relações vivas e específicas do autor com o mundo representado por ele [...]. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 134).

⁶² Essa informação está contida no primeiro capítulo dessa dissertação, no subtópico 1.2.2 *Caminhos cruzados: a função da poesia e o ensino e a aprendizagem*

⁶³ O adjetivo foi colocado de forma ambígua propositalmente, primeiro referindo-se ao ato de decorar, memorizar, e segundo significando uma educação que não funciona, só faz de conta, enfeita.

Fica evidenciado nas descrições das atividades feitas pelas professoras da Escola Gonçalves Dias, minha casa e meu campo de pesquisa, mesmo sendo pontuais, que elas buscam desenvolver a percepção artística competente, conhecer o mundo representado pelo autor e o seu próprio através das palavras poeticamente trabalhadas. Esse trabalho contempla muitos aspectos do ensino de Língua, entre eles o da gramática afinal, como diz o mesmo Volóchinov (2019, p.135) “A palavra é um esqueleto que ganha carne viva no processo de percepção criativa” – grifo meu. Solta, nas aulas gramatiqueras, a palavra morta nada ensina, presa na liberdade criativa, ela tudo pode, tudo ensina e não se esgota, ao contrário, cada vez ganha e dá mais vida..

Após me refestelar com as atividades realizadas pelos sujeitos dessa pesquisa que envolve a poesia, a fim de continuar caminhando no intuito de compreender quais as principais contribuições da poesia para o professor de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa no Ensino Médio, parti para o conhecimento da reação dos alunos quando essas atividades foram realizadas, assim cheguei ao quadro 7.

Quadro 8 - Reação dos alunos quando a poesia é instrumento didático

CATEGORIAS	CONVERGÊNCIAS e DIVERGÊNCIAS	SIGNIFICAÇÕES CATEGORIZADAS
Reação à poesia	RE1, RE2 e RE4	Os alunos adoram, se descobrem poetas.
	RE3	Despertam e libertam os sentimentos.
	RE5	Não desperta o interesse do aluno.

Fonte: Jacilene Silva da Cruz

No Aurélio Dicionário Digital, Ferreira (2021), que estou usando nessa escrita dissertativa, traz o verbo ensinar, que é classificado com verbo transitivo direto e como transitivo direto e indireto, lembrei-me daquela velha máxima usada no ensino de Língua Portuguesa: a transitividade verbal *depende do contexto*. Para dar vazão as ideias e me fazer compreender, voltei-me para o contexto da bitransitividade e me apeguei a ideia de que a ação de ensinar transita e só se completa quando o outro a recebe de maneira que, sintá-se preenchido, que o que lhe foi passado o complete ao mesmo tempo que abra um outro vazio. Essas divagações não são meras divagações, o que quero dizer é que não basta o professor gostar de poesia ou trabalhar com ela, é necessário ver o efeito e o resultado de seu trabalho com esse majestoso gênero literário.

O quadro 7 me trouxe a reação dos alunos quando a poesia é trabalhada em sala, infelizmente, essa dissertação não se estenderá à verificação da aprendizagem, espero que

possa, em um doutoramento, aprofundar até esse ponto. Voltando ao quadro, sua importância está justamente em compreender como os alunos reagem, a poesia é bem recebida ou os afasta? Saber quais as principais contribuições da poesia no ensino e na aprendizagem é importante, mas mais importante ainda é saber se os estudantes a querem, mesmo que uma parcela a princípio não se abra, é imprescindível, nesse trabalho, saber se o aluno gosta ou não de poesia, por esta razão e sem mais delongas, iniciei no próximo parágrafo as interpretações.

As descrições de RE1, RE2 e RE4 convergem e trazem a resposta ao questionamento feito no parágrafo anterior já que, conforme RE2 (2021, s/p) “Até agora tive boa receptividade dos alunos”, assim levar a poesia para a sala de aula de Ensino Médio não causará estranheza generalizada ou ojeriza, pelo contrário, RE4 (2021, s/p) descreve que “Algumas turmas reagem bem, são muito criativos, já se dispõem a fazer algo, querem logo saber se podem fazer isso ou aquilo.”, importante destacar dois pontos que a professora traz. Primeiro, em relação ao pronome *algumas* antecedendo o substantivo *turma*, ora, seria estranho e duvidoso se a respondente dissesse que *todas* as turmas reagem bem. Quem vive o contexto de sala de aula sabe que as turmas desenvolvem uma identidade coletiva, umas se mostram mais empáticas, empolgadas e outras mais apáticas. Umas necessitam de freio, outras de aceleração, com as *outras* geralmente gasta-se mais energia e argumentos para mobilizá-las, mas o trabalho também é realizado e muitas vezes o resultado é surpreendente. O segundo ponto que destaquei na fala da professora é a criatividade, a empolgação, já querem fazer logo, ou seja, as ideias borbulham dentro do adolescente, há, na maioria deles, uma fonte de energia, beleza e sensibilidade para si e para com o outro que não pode ser apagada com a frieza, o distanciamento, a impessoalidade com que a escola trata a produção textual. Ainda empolgada com a convergência das primeiras descrições, RE1 (2021, s/p) me presenteia com “[...] eles adoram. Alguns até se descobrem poetas.”, embora, como já disse amparada por Averbuck (1993, p. 67), “[...] não se trata de fazer poetas [...]”, mas não há empecilho algum, tampouco demérito, aliás é o avesso disso, que o aluno se descubra poeta, afinal segundo Freud

Se ao menos pudéssemos descobrir em nós mesmos ou em nossos semelhantes uma atividade afim à criação literária! Uma investigação dessa atividade nos daria a esperança de obter as primeiras explicações do trabalho criador do escritor. E, na verdade, essa perspectiva é possível. Afinal, os próprios escritores criativos gostam de diminuir a distância entre a sua classe e o homem comum, assegurando-nos com muita frequência de que todos, no íntimo, somos poetas, e de que só com o último homem morrerá o último poeta. (FREUD, 1972, p.70 – grifo meu).

A poesia é inerente ao homem, segundo o autor, deixará de existir quando se for o último, a escola não tem obrigação em fazer poetas, mas segundo Freud, eles já estão feitos e,

a poesia em sala de aula proporciona um encontro do indivíduo com uma parte sua que desconhece, mas que lhe é imanente.

Ressaltei que a pergunta feita aos sujeitos da pesquisa estabelece o *quando*, nesses termos, já ficou evidente que o trabalho com o gênero literário que se ocupa essa escrita dissertativa não é constante, ocorre esporadicamente, posso assim definir. O que pretendi evidenciar com isso é uma pergunta retórica: se a poesia fosse o carro chefe da leitura e produção textual em sala, se fosse constante, a resposta de RE1 teria ainda o pronome indefinido *alguns*? RE3 (2021, s/p), vem ao meu socorro dizendo que “[...] em todos, sem dúvida, há um despertar para os sentimentos, para o poder que o verso tem em libertar o que sentimos.”. A professora traz dois aspectos igualmente desafiadores na sua fala/resposta: o verbo despertar (desperta) e libertar (liberta), que combinação mais perigosa num contexto educacional atual de manutenção de ideologia, de conservadorismo e de ensinar para o trabalho. O verso e por extensão a poesia, segundo RE3 e corroborada por Candido (1999, p. 122), “corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza”. Em síntese, a poesia educa para a liberdade.

Até aqui as significações estabeleceram ligações, se não apontaram para a mesma direção ao menos os caminhos se ligavam, entretanto, a descrição de RE5 aparentemente mirou numa direção diferente em relação às demais. Ao postular que a poesia “Não desperta o interesse do aluno”, porém, ao observar a resposta dada pela professora na sua totalidade tenho:

Sobre o contexto da literatura no ensino médio e mais especificamente o de poesia, constatei que as atividades de leitura de poesia, não têm atraído os estudantes. Tampouco têm se mostrado produtivas, e alcançado alguns de seus objetivos: despertar nos jovens o gosto pela literatura e desenvolver neles a capacidade da leitura crítica e reflexiva. Neste contexto de leitura de poesia se insere o ensino de literatura, como uma evidência da leitura. (RE5, 2021, s/p).

Assim, não desperta o interesse do aluno, a poesia no contexto escolar tradicional, trabalhada de maneira convencional, conforme os manuais e a maioria dos livros didáticos. Para acordar o aluno e desenvolver nele o gosto pela leitura e escrita crítica e reflexiva, é necessário abordar a poesia distante do contexto castrador que é o que apregoa os currículos tradicionais.

Sobre o quadro 7, apresentei a reação dos alunos em relação ao trabalho com a poesia segundo a visão do professor, nesse caso, das professoras, essa visão revelou que os estudantes têm afinidade, interesse e cuidado ao trabalhar com esta manifestação artística fora dos veios tradicionais. Ela é bem-quista, bem-vista, faz bem, induz a organização do mundo, da vida, dos

sentimentos e humaniza. Todavia, ainda há um questionamento, que pode ser retórico, mas não pude deixar de fazê-lo, talvez a intenção de fato seja trazer um pouco de humor a essa escrita: *falar de poesia ou fazer poesia, eis a questão*. Não consegui manter a retórica, assim creio que a resposta é *fazer e falar*, exatamente nessa ordem, primeiro o professor e o aluno produzem, depois se conversa sobre a produção deles e de tantos outros poetas e movimentos que se relacionam com o que foi produzido. Na sequência apresentei o quadro 8, que traz a apuração dos sujeitos sobre o trabalho feito com poesia na sala de aula.

Quadro 9 – Resultado do trabalho com poesia em sala de aula

CATEGORIAS	CONVERGÊNCIAS e DIVERGÊNCIAS	SIGNIFICAÇÕES CATEGORIZADAS
Poesia em sala de aula.	RE1, RE2, RE3 e RE5	Significativo.
	RE4	Os alunos são resistentes.

Fonte: Jacilene Silva da Cruz

Finalizando as interpretações das significações dadas pelos sujeitos de pesquisa ao objeto que é o ensino e a aprendizagem através da poesia, cheguei ao último quadro que se refere ao resultado do trabalho com a poesia em sala, ou seja, *no frigidus dos ovos*, vale a pena inserir a poesia de maneira diferenciada nas aulas? Após refletir sobre o que foi feito, sobre a reação dos alunos, e aí, o que restou, o que foi essa atividade?

Para RE1 em convergência com RE2, RE3 e RE5 é um trabalho muito significativo, e para compreender melhor essa resposta, recorri mais uma vez a Ferreira (2021), quando este apresenta para a palavra *significativo* cinco definições, porém me apego a 3ª e 4ª: na primeira, que é a terceira, ele diz que é aquilo que contém uma “revelação importante”, assim, compreendi que para RE1 é revelador trazer a poesia para a sala de aula, afastando-a das propostas sugeridas pelos manuais convencionais e promovendo a releitura dos textos, oportunizando um encontro temporal e atemporal do aluno com o texto poético. A 4ª definição diz que *significativo* é algo *importante, expressivo*, nesse caso, para a professora é muito importante o resultado do trabalho com a poesia, é expressivo, ou seja, cheio de vida, de ânimo, afinal há energia própria no adolescente que estuda nas últimas séries da EB.

Para RE2, a poesia em sala de aula também significa muito, também traz vida, mexe com os padrões pré-estabelecidos, e em tom confessional, ela diz que gostaria de trabalhar mais, pois reconhece que a poesia pode ir além de pretexto para o estudo da gramática, em consonância com Lajolo (1993), através de projetos. Na música *Anúnciação*, Alceu Valença canta: “Tu vens, tu vens, eu já escuto teus sinais” (VALENÇA, 1993. s/p), seguindo-o, a professora também anuncia que novas metodologias e estratégias para o trabalho com a

literatura e por extensão com a poesia serão feitas, a atividade por ora desenvolvida por ela é o anúncio de novos tempos com novos trabalhos.

RE3 também entra em confluência quanto ao resultado do que fazer com a poesia quando complementa sua resposta dizendo que é significativo porque “Esse tipo de trabalho é marcante para professores e alunos”, é Freire (2019), quem me ajudou a compreender esse momento dentro do processo educacional quando se refere à prática pedagógica humanizadora, que parte do dialogismo onde tanto o professor quanto o aluno aprendem juntos, não há a sobreposição do saber de um sobre o do outro, ambos saem aprendizes e ensinadores marcados pelo ato de aprender para a liberdade.

Na mesma perspectiva freiriana, RE5 diz que foi significativo porque o aluno se expressa, emite sua opinião, se posiciona, ouve e se faz ouvir, ganha e da voz. A descrição da professora mostra que através da poesia a educação pode ser arma, nos tempos atuais, creio que *arma* não seja palavra bem-dita, mas sigo, a educação poética é uma arma contra o silenciamento, a invisibilidade e a opressão.

Em divergência com as descrições anteriores, RE4 me diz que os alunos são resistentes ao texto poético, a descrição da professora faz muito sentido principalmente quando voltei o olhar para a forma como os textos literários são trazidos para a sala de aula, a poesia especialmente, não tem espaço porque “os poemas são selecionados em função da utilidade que possam vir a ter na apresentação de um conteúdo exigido pelo currículo [...]” (GEBARA, 1997, p. 146), assim, pela falta do trato com a poesia que é descartada desde a segunda etapa do Ensino Fundamental, a resistência citada pela entrevistada gera uma relação desastrosa de causa e consequência: não se trabalha a poesia, por não ser mais útil, conseqüentemente o aluno se torna resistente a ela, daí a pedra que rola arrasta cada vez mais elementos ladeira a baixo. Resistentes, a poesia não é trabalhada, eu ficaria repetindo essa relação infinitamente aqui, mas recorro novamente ao sujeito de pesquisa para fechar a divergência por ela aberta, “Posso dizer que a maioria dos alunos são resistentes, dificultando o desenvolvimento do trabalho. Talvez a poesia não tem sido muito trabalhada em sala de aula”. (RE4, 2021, s/p – grifo meu), o *talvez* da professora confere veracidade a sua fala inicial, os alunos são resistentes porque a poesia não é muito trabalhada e principalmente, não é adequadamente trabalhada. Pude fazer uma associação com uma máxima da língua portuguesa brasileira: *quem não é visto, não é lembrado*, a poesia não é vista como e quanto deveria ser, assim, não é bem lembrada e recebida pelos alunos.

Compreender quais as principais contribuições da poesia para o processo de ensino e aprendizagem escolar da Língua Portuguesa nas séries finais da Educação Básica é o que tenho

que responder nessa pesquisa, parti daí para concluir esse capítulo dizendo que as significações dadas pelas entrevistadas foram um material rico e imprescindível para responder a esse problema da pesquisa. Nesse intuito, esse capítulo se ocupou em identificar o papel didático da poesia enquanto produtora de conhecimento, dessa maneira, ela, a arte poética entre outras funções, promove a reflexão e ajuda a formar tanto o leitor quanto o escritor, ampliando sua visão de mundo e o desenvolvendo como ser humano, pois dá uma nova função ao currículo, fomentando a pluralidade cultural que é importantíssima ao lidar com uma faixa etária tão rica e diversificada. Além disso a poesia suaviza o contexto de ensino e equilibra os conhecimentos científicos e literários, promovendo uma aprendizagem mais interessante, uma vez que há uma identificação pessoal do aluno com o aprender.

Outra ocupação desse capítulo foi em mostrar como a poesia contribui no trabalho do professor e na aprendizagem do aluno, assim, o professor pode, através da poesia, fazer com que os sentimentos dos alunos sejam despertados, levando estes a se descobrirem escritores ao mesmo tempo que, para a aprendizagem, ao ser trabalhada de maneira diferenciada e na contramão do que propõe o currículo tradicional, desperta o interesse dos estudantes, é um meio de fazer revelar, é marcante e importante arma contra o silenciamento. As significações dadas trazem novas nuances e mostram a validade do ensino e a aprendizagem através da poesia que é o objeto e fenômeno dessa pesquisa.

Além das entrevistas, eu trouxe do campo de pesquisa algumas anotações, apontamentos, resultados de busca para desenvolver a arte poética como meio para um ensino e aprendizado substanciado nas salas de aula do Ensino Médio. No capítulo a seguir e com o qual finalizo a pesquisa propriamente dita, estão dispostas algumas estratégias, artimanhas para auxiliar o professor no trato com a poesia nessa última etapa da Educação Básica.

4 ARTIMANHAS POÉTICAS: estratégias para o trabalho do professor

*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos⁶⁴
[...]*

Depois de me assentar com os gigantes e traçar o referencial teórico, de conversar com os sujeitos dessa pesquisa e descrever o que é o trabalho com a poesia em suas salas de aula, trouxe nesse último capítulo alguns caminhos, estratégias ou artimanhas, como preferi intitular, que ajudem os professores de Língua Portuguesa a iniciar o trabalho com a poesia em sala de aulas de Ensino Médio ou, se já fazem uso desse gênero com constância, que o que foi posto aqui enriqueçam e lhes deem mais opções para um ensino e aprendizagem diferenciada. Como sugere a epígrafe, dei um grito inicial, e que outros continuem, como um eco, sempre cantando e se deixando cantar. Que o ensino e a aprendizagem através da poesia seja disseminado, se espalhe e, embora contaminar não seja uma boa palavra nesse início de segunda década do século XXI, desejo que o ensino poético contamine. Guimarães traz a metáfora perfeita para essa pesquisa.

Durante a minha trajetória como professora de Ensino Médio, apesar da natural afinidade com a poesia, uma vez que sou poeta, senti falta de estratégias direcionadas especificamente para esse nível, daí esse capítulo ser parte importante para a conclusão desta dissertação. Não o escrever soaria como aqueles indivíduos que reclamam constantemente dos problemas, mas inviabilizam a solução. Com bastante capricho e dedicação, apontei alguns caminhos que podem ser seguidos pelos professores, e um caminho pode levar a outro, a outro e mais outros tantos quanto forem surgindo a partir do primeiro.

As sugestões estão divididas em quatro subgrupos, primeiro apresentei possibilidades de escrita a partir da leitura vocalizada de textos, depois estratégias voltadas para a reescrita de poemas já existentes, em terceiro lugar, apresentei exercícios de interpretação, aproximação com o texto poético e por fim trouxe, embasada em Cosson, as principais ideias da criação de

⁶⁴ Primeira estrofe de *Tecendo a manhã* poema de João Cabral de Melo Neto. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/11508/tecendo-a-manha>.

círculos de leitura na sala de aula. Para a concretização desse capítulo usei autores como Ortiz (2012), Resende (1997), Cosson (2021), sites e minha experiência profissional.

4.1 LER E ESCREVER: PRIMEIRAS SUGESTÕES

Colocando a mão na massa, é assim que descrevi minha sensação ao iniciar a escrita das propostas de leitura e produção de textos poéticos para os alunos de Ensino Médio, aqui se concretizou, não um manual, mas ideias que podem ser o pontapé para quem, assim como eu, vê que o ensino e a aprendizagem podem se dá através da poesia. Depois de ter pontuado como a poesia contribui para o processo de ensino e aprendizagem, o caminho natural que segui foi o de mostrar algumas possibilidades de trabalho. Foram duas propostas, na primeira mostrei a importância da leitura vocalizada e na segunda, inspirada em um poema de Manuel Bandeira, trouxe a escrita partindo da leitura de outro texto, seja ele poético ou não. Para tanto, foi importante a leitura de Camargo (2012), bem como a reflexão sobre minha prática.

Proposta 1: Leitura Vocalizada

No livro *Olhar o poema: teoria e prática do letramento poético*, Goiandra Ortiz de Camargo traz a leitura vocalizada como estratégia para o trabalho com poesia, é a partir do que ela escreve sobre a importância desse tipo de leitura que desenvolvi a primeira estratégia de leitura e produção. Os dois trechos de textos foram apresentados pela autora para serem lidos em voz alta, as sugestões de interpretação e escrita que fiz, foram baseadas em atividades realizadas por mim, bem como de leituras e estudos feitos sobre esse assunto.

<p style="text-align: center;">[...]</p> <p style="text-align: center;">Eu sou estas casas encostadas cochichando umas com as outras, Eu sou a ramada dessas árvores, sem nome e sem valia, sem flores e sem frutos, de que gostam a gente cansada e os pássaros vadios.</p>	<p>No meio das tabas de amenos verdores, cercadas de troncos -cobertos de flores, Alteiam-se os tetos d'altiva nação; São muitos seus filhos, nos ânimos fortes, Temíveis na guerra, que em densas coortes Assombram das matas a imensa extensão. [...] Meu canto de morte,</p>
--	---

<p>Eu sou o caule dessas trepadeiras sem classe, nascidas na frincha das pedras</p> <p>Bravias. Renitentes. Indomáveis. Cortadas. Maltratadas. Pisadas. E renascendo. [...]</p> <p style="text-align: right;">(CORALINA, 2022, s/p)</p>	<p>guerreiros, ouvi: Sou filho das selvas, nas selvas cresci; guerreiros, descendo da tribo Tupi.</p> <p>Da tribo pujante, que agora anda errante por fado inconstante, guerreiros, nasci: Sou bravo, sou forte, sou filho do Norte; meu canto de morte, guerreiros, ouvi. [...]</p> <p style="text-align: right;">DIAS, 2021, s/p</p>
---	--

Antes que os alunos leiam em voz alta, é necessário que conheçam o texto, se familiarizem com as palavras, aproximem-se dos significados, isso não é interpretação textual, é apenas o primeiro contato com o texto que lhes é estranho. Assim, sugiro a leitura individual, mas que a turma seja disposta em círculo, isso já quebrará estruturas pré-definidas. Depois da leitura de conhecimento, é necessário que o professor peça que alguns alunos leiam o texto em voz alta. Nessa etapa, se for possível, o professor não deve apontar quem lerá, a princípio, é importante que não haja imposição, além de que sempre há aqueles mais ‘corajosos’ que se colocarão a disposição. Outro fator importante, é que eles escolham qual dos dois textos lerão, possivelmente o de Cora Coralina será o mais escolhido, se não for o único. Se isso acontecer, estimule-os a ler o outro, desafie-os, induza-os sem forçar, com certeza ficarão com medo de lerem errado alguma palavra que desconheçam, mostre que isso não tem importância, que é normal gaguejar e se atrapalhar, afinal faz parte do processo de aprendizagem.

Depois de lidos os textos, conversem sobre os mesmos, é importante que o professor não se mostre mais conhecedor que os alunos (ele tem que conhecer, só não precisa parecer estar em patamar superior), uma conversa informal sobre as metáforas dos poemas, as imagens que se formam na cabeça de cada um, as personificações. Por fim, puxe pela emoção, ela é fundamental na leitura e na escrita de poesia. Entre outras coisas, os dois textos trazem

elementos que estão na memória do eu lírico. Hora de buscar as memórias dos alunos, deixe-os falar, lembre-se que eles já têm um pouco de saudosismo, já farão uso da frase “*quando eu era criança...*” Os alunos, provavelmente, notarão as diferenças quanto a forma do poema, a partir disso, o professor pode falar um pouco sobre estrutura, mas sem ser maçante.

É na fusão desses dois últimos pontos (as emoções memoriais e a estrutura) que sugiro começar a escrita: peça que eles escrevam versos à maneira dos autores, não precisa que sejam muitos, mas que eles se coloquem metaforicamente: o que ele é através de algo que eles se lembram e sintam falta, ou não sintam. A poesia de Coralina deixa claro o *Eu sou*, a de Dias também traz o *Eu* com força através das metáforas. Após esse momento, sugiro que os alunos leiam vocalizando suas poesias.

Cabe salientar que na leitura vocalizada o texto entra, passa pelo corpo de quem lê e de quem escuta, é muito diferente de uma leitura silenciosa, onde nem a própria voz o aluno escuta. Em voz alta, ao contrário, há a preocupação com a pronúncia, com a leitura correta, corrida e que haja compreensão do que se está lendo. Outra coisa importante, segundo a autora é que embora a leitura vocalizada seja uma prática muito antiga, na maioria das vezes foi feita como ornamento, para ilustrar festas, datas comemorativas (CAMARGO, 2012), quando decorado para esses eventos a poesia se perde na mecanicidade do poema.

Proposta 2: Poema-notícia

Essa segunda proposta desse primeiro bloco de artimanhas que podem ajudar ao professor, foi aplicada por mim no ano de 2019 em turmas de primeiro ano na escola Gonçalves Dias, onde leciono e foi o campo dessa pesquisa. Na ocasião, solicitei aos alunos que fizessem textos em prosa ou em verso, infelizmente os devolvi, porém, um aluno publicou o conto-poesia que ele fez em um livro posteriormente, encontra-se no anexo C. Vale ressaltar ainda que a ideia surgiu depois de conversarmos sobre *Poema tirado de notícia de jornal* de Manuel Bandeira, então é com ele que inicio essa proposta.

Primeiro é importante ler e conversar com os alunos sobre o poema de Bandeira, quando realizei essa atividade, dispus em *Datashow*, conversamos sobre quem era o sujeito do texto, questões físicas, econômicas, sociais, emocionais e psicológicas. Falamos sobre o título, o tamanho dos versos e como aquele assunto poderia configurar uma poesia.

Depois desse momento, em uma outra aula, trouxe para a sala diversos jornais e pedi que eles se organizassem em duplas, lessem e conversassem com o colega sobre algumas matérias, escolhessem uma e fizesse um breve resumo dela no caderno com as informações

principais. A partir do que se recordavam da leitura e tendo resumo como auxílio, deveriam escrever um conto ou uma poesia. Em um terceiro momento aconteceu a partilha dos textos, esse momento é sempre especial, há alunos que não se sentem à vontade em se expor, cautela e caldo de galinha.

Cabe pontuar que para adquirir os jornais, fui em alguns comércios da cidade e solicitei doação de jornal do dia anterior, alguns se desfazem, pedi que guardassem que eu iria buscar, tive muitas contribuições.

A leitura é imprescindível no processo de escrita seja ela de palavras, imagens, ações ou outra manifestação, como destaca CAMARGO (2012, p. 67), “Assim, a leitura é uma atividade de recepção do que apresenta ao “leitor” – sejam as coisas, seja o texto escrito – a partir da qual se concedem, fixam e demarcam os sentidos das coisas”.

4.2 ESCREVENDO DIÁLOGOS, A REESCRITA DA POESIA

Em simples palavras, posso afirmar que a reescrita é uma ferramenta que visa estimular o trabalho com a linguagem tendo como base um texto já conhecido. É importante dizer que grandes autores se valem desse processo, posso citar Camões que se valeu de passagem bíblica e escreveu o poema *Sete anos de pastor Jacob servia* e, em um tempo mais próximo a banda Legião Urbana também se utilizou de texto bíblico e do poema do próprio Camões *Amor é fogo que arde sem se ver* e gravou *Monte Castelo*, escrita por Renato Russo. Assim, longe de ser uma cópia de outro texto, um plágio, a reescrita exige que o aluno reflita, seja criativo e tenha cuidado com a linguagem.

Divido esse subtópico em duas propostas que se valem da reescrita, a primeira volta-se para a paráfrase e a segunda para a paródia. Não cabe nessa dissertação entrar nas minúcias que diferem os dois tipos, porém de maneira breve, posso afirmar que a presença da ironia e do humor da paródia os diferem. Para que os alunos compreendam o que se deseja deles, fale inicialmente sobre *intertextualidade*, de preferência em aula anterior, é conteúdo muito rico. No parágrafo a seguir, apresento rapidamente como trato esse assunto em minhas aulas, posso dizer que é uma micro proposta.

Introduzo a intertextualidade através de imagens, textos não verbais, geralmente quadros famosos são muito intertextualizados, *La Gioconda*, a *Monalisa*, de Leonardo da Vinci, *O Grito* de Edvard Munch, *A persistência da memória* de Dali, entre muitos outros ajudam bastante a compreensão. Converso sobre as imagens, ouço as impressões deles, como saber qual imagem é a primeira, qual eles mais gostaram. Em um segundo momento, trago o diálogo entre

textos verbais, nesse caso, apresento paráfrases, paródias e os textos originais, trago para sala paráfrase da canção do exílio, a *facilitada* de José Paulo Paz é muito boa, mas há muitos textos com intertextualidade disponíveis na internet e em livros didáticos, especialmente os de 1º ano do Ensino Médio. Voltando ao desenvolvimento da aula, novamente há conversas sobre o que foi apresentado, é nesse momento que é estabelecida a primeira diferença entre paródia e paráfrase. É imprescindível, nessa aula o *datashow*, mas sempre encaminho os slides usados para os alunos através das redes sociais.

Como pode ser observado, a leitura está inserida em todos os processos de escrita, então é necessário que haja leitura, seja ela de textos verbais ou não, mas que os textos sejam lidos por todos os sentidos do corpo. A seguir as duas propostas propriamente ditas, inicio com a paráfrase.

Proposta 1: parafraseando textos poéticos

O poema que sugiro como base para essa artimanha é *BR* da professora Eliza Menezes, ele traz a cor local, o derredor do estudante para a sala de aula, mas antes de dispor o texto para os alunos, converse sobre lugares que eles gostam de ir para refletir, pensar, onde eles ficam sozinhos quando estão aborrecidos, tristes ou mesmo alegres, porém que seja um lugar onde eles se encontrem consigo mesmos, solicite que escrevam o nome desse lugar no caderno para não esquecerem. Cite-se como exemplo, diga onde se esconde – é importante o professor se colocar, mostrar-se humano com tristezas e alegrias. Eis o texto que inclusive serviu como epígrafe no primeiro capítulo desta escrita dissertativa.

BR

Na beira da BR

Sentei e chorei

Sentei como quem cai

Rendida à fraqueza

Chorei como quem se banha

No rio da leveza

Leveza de quem se refresca

Fraqueza de quem desaba

Sentei apenas
E chorei a minha mágoa
(MENEZES 2021, p. 85)

Depois desse primeiro momento de conversa, apresente o poema, eles leem, solicite leituras vocalizadas e conversem sobre o texto, as sensações e lembranças que ele traz, qual o estado de espírito do eu lírico. Abra para as questões geográficas, especulem o porquê do título, localização do estado qual a importância das *BR's*.

No terceiro momento, peça que eles escrevam o poema de Eliza no caderno e substituam o título *BR* pelo lugar que eles descreveram no começo como lugar de reflexão, onde gostem de ficar sozinhos. A partir daí, peça que eles façam as adaptações do restante da poesia, que alterem de acordo com o sentimento e o lugar deles, mas mantendo a ideia e a estrutura original. Como em toda atividade, alguns farão mais rápido, outros demorarão mais, se for necessário ajude-os com uma palavra ou outra.

O quarto momento é o da partilha, da leitura das poesias para os colegas, se for a primeira atividade de escrita de texto poético, alguns precisarão de um empurrãozinho, caso contrário, apenas uns poucos não quererão ler.

Proposta 2: olha a paródia aí, gente!

Como já disse na introdução desse subtópico, a paródia tem um quê de humor, de ironia, sarcasmo, malícia e porque não dizer, é um texto que eriça. Para sua construção, sugiro que sejam utilizados como base poesias mais alegres ou que tenham um desfecho surpreendente, letras de músicas são muito bem-vindas por sinal. Não se esqueça, caso necessite, voltar e falar sobre intertextualidade, se já tiver falado anteriormente, se ainda não tiver mencionado o assunto, é imprescindível nesse momento.

Como poesia, sugiro *Cidadezinha qualquer* de Drummond, é um poema pequeno, relativamente conhecido por figurar sempre em livros didáticos, rico em figuras e tem um desfecho interessante, outra bem-vinda, embora não tão conhecida dos alunos é *Teresa*, de Bandeira, por si só muito engraçada. Em relação a músicas, sugiro conversar com as turmas, ver qual gosto musical predomina, se é possível, dentro dessa preferência extrair textos que possam ser parodiados. Seguem os poemas.

Cidadezinha Qualquer

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

(ANDRADE, 2010, p. 63)

Teresa

A primeira vez que vi Teresa
Achei que ela tinha pernas estúpidas
Achei também que a cara parecia uma perna

Quando vi Teresa de novo
Achei que os olhos eram muito mais velhos que o
resto do corpo
(Os olhos nasceram e ficaram dez anos esperando
que o resto do corpo nascesse)

Da terceira vez não vi mais nada
Os céus se misturaram com a terra
E o espírito de Deus voltou a se mover sobre a face
das águas.

(BANDEIRA, 2021, p. 49)

Primeiro, fale sobre paródia, mostre exemplos desse recurso em textos verbais e não verbais, conversem, riam, reelaborem em conjunto algum trecho dos textos parodiados, mostre que ficaria legal desse ou daquele jeito. Depois, apresente os poemas que serão parodiados, lembrando de ler o texto com os alunos, conversar sobre os mesmos, ouvi-los especialmente, deixe que eles reconheçam os sujeitos poéticos, caracterize-os, coloquem-se no lugar deles, permitindo-se rir de si e da poesia.

Em terceiro lugar, sugiro que a turma seja dividida em duplas, como é escrita de poesia com fundo humorístico, menos pessoal, creio que o resultado será melhor se não for feita de maneira individual, e solicite a paródia do texto. É possível que essa escrita nova não seja concluída na mesma aula, por isso, combinem como ficará melhor a conclusão e marque uma outra aula para a apresentação das poesias-paródia.

Por fim, organize a leitura, como a maioria dos textos será engraçada, terá momentos de euforia, isso é normal, afinal são adolescentes, permita o riso, a alegria, a efusividade e faça parte do momento.

As duas estratégias postas nesse subtópico trouxeram duas faces de uma mesma moeda: a intertextualidade, ela faz parte do cotidiano em letras de músicas e poesia como mostrei na introdução, mas também em propagandas, sermões religiosos, novelas, filmes, matérias de

jornais, quadros, charges, histórias em quadrinhos entre tantos outros tipos de texto. Vale mencionar que, se o texto original for carregado de metáforas, o texto escrito por eles também será, se for carregado de aliterações e assonâncias, igualmente, ou seja, mesmo sem se dar conta, questões de língua configurarão as escritas novas, além de tudo isso, por ter uma pincelada de humor, especialmente a paródia, a alegria e o riso contagiarão, de alguma maneira, o escrever. Como Snyders (1993), salienta adolescentes são carregados de emoções, não é direito do professor desperdiçá-las.

4.3 OFICINA DE LEITURA, INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO DE POESIA

Diferente dos subtópicos 4.1 e 4.2 onde eu trouxe estratégias mais diretas, sequências que podem ser seguidas, nesse trago o resumo de uma oficina da professora Andreia Alexandre, não é uma ação pontual, são várias que devem ser desenvolvidas ao longo do ano ou semestre. É muito interessante, rica em detalhes e estimula a criatividade, a apropriação da linguagem e das palavras, potencializa a investigação e aumenta o conhecimento dos jovens de forma agradável⁶⁵, como está descrito no material que está disponível no site. Aqui serei breve na descrição do projeto, mas vale muito a pena conferi-lo por inteiro.

Proposta 1: Na escola temos poetas! Todo jovem tem potencial!

O título da oficina já nos remete ao que Freud (2021), afirma: todos são poetas uma vez que, quando crianças, todos possuem a capacidade criativa e, infelizmente, com o tempo, ela se perde, isso me leva a Drummond que de certa forma culpa a escola pela perda do poder de criar. Quando Andreia afirma que todo jovem tem potencial, ela intenciona reavivar no adolescente algo que lhe é inerente, mas que está adormecido, sublimado ou simplesmente lhe foi tirado. Inicialmente a autora pontua que os alunos serão convidados a refletir sobre ser protagonista, criar ambientes virtuais, mobilizados a ler mais e, por fim e muitíssimo importante, desenvolver ações protagonistas. Pede que o professor que for desenvolver o trabalho, avise aos alunos que deverão ter disposição, abrir a mente, praticar a leitura, enfrentar dificuldades e a parte que mais gosto, colocar a mão na massa. Ela divide a oficina em momentos e os momentos em etapas. Sigo por eles a partir daqui.

⁶⁵ Este material está disponível no site: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/581805/2/PROFESSOR-OFICINA%201%20-%20Andreia%20Alexandre.pdf>

O primeiro momento é denominado de *Exploratório*, nele é sugerido um contato dos alunos com livros, seja em bibliotecas, feiras etc., a própria autora sugere que se não for possível entrar em contato presencialmente com um desses ambientes, levá-los a um tour virtual, mas que o importante disseminar a importância da leitura e ampliar o repertório dos jovens. Na primeira etapa sugere uma roda de conversa sobre *O que é ser protagonista na escola e na vida*, sugere que isso seja feito em ambientes alternativos, fora da sala de aula se possível. Já na segunda etapa os alunos assistem ao videoclipe do *Rap da Superação*⁶⁶ e a canção *Não é sério*⁶⁷. Depois, a autora recomenda outra roda de conversa sobre o que ouviram e leram. Apresenta ainda sugestões para a condução da conversa.

O segundo momento é chamado de *Atividade de Treinamento*, nele os alunos põem a mão na massa, criando ambiente virtual com relatos dizendo como a escola está desafiando-os a crescer como leitores e, em um segundo momento, em grupos, os adolescentes são convidados a realizar ações protagonistas (agir como personagem principal, escrever um texto sobre si, fazer um vídeo sobre algo pessoal, inscrever-se em curso que queria fazer, resumindo é fazer algo para si próprio). Organizados em grupos, a professora ressalta que a escolha de ações em que o protagonismo se realize tem que ser pessoal.

No terceiro momento chegam a partilha e o compartilhamento, farão produções criativas de poemas e acontecerá o ataque poético, nessa etapa, a autora deixa claro que é importante dizer para o aluno que trabalhar com poesia é mostrar um pouco de si mesmo e que é a hora de se sentirem poetas. Sugere que escolham a forma poética que mais lhes chamou à atenção em pesquisa anteriormente feita. Por fim, é proposto que as produções sejam compartilhadas com a comunidade escolar.

Após esse momento de produção, os jovens são levados a escreverem mais textos poéticos, *Slam*⁶⁸, *Rap*⁶⁹, *Pecha Kucha*⁷⁰. A intenção é abrir os horizontes da escrita poética, sair do enquadramento formal que limita a criação.

É uma primorosa oficina de produção textual, bastante envolvente, traz à tona o que Adorno, Freire e outros autores aqui discutidos falam sobre emancipação, conscientização, desenvolvimento de pertencimento e de identidade. A oficina merece ser lida com bastante

⁶⁶ Rap composto por VD Beats

⁶⁷ Música composta por Chorão da Banda Charlie Brow Jr.

⁶⁸ A palavra é uma onomatopeia utilizada no inglês para representar algo como um bater de palmas, e é o nome dado as batalhas de poesia. Geralmente acontece nas periferias, reflexo de uma juventude que luta por espaço.

⁶⁹ A expressão RAP provém da língua inglesa, com o sentido de Rhythm And Poetry – traduzindo, Ritmo e Poesia. Este estilo é assim denominado porque mescla um ritmo intenso com rimas poéticas, integrando o cenário cultural conhecido como Hip Hop.

⁷⁰ É uma metodologia de apresentação na qual são apresentados 20 slides de 20 segundos cada.

VVVVVVVVVVVV
VVVVVVVVVVE
VVVVVVVVVEL
VVVVVVVVELO
VVVVVVELOC
VVVVVELOCI
VVVVELOCID
VVVELOCIDA
VVELOCIDAD
VELOCIDADE

(AZEREDO, 2022, s/p)

*Na tarde fria de julho
 vou o cheiro, o barulho
 do café descendo quente
 pelo balde recheado...*

*E me pergunto já em prosa:
 - Existe coisa mais gostosa?*

(SEXUGI, 2022, s/p)

Como os demais percursos para elaboração das poesias, após serem lidos e conversados sobre os exemplos, o professor pode fazer uma exposição leve, nada exaustiva a respeito do concretismo, após esse momento, apresentar algumas palavras para que o aluno possa criar o seu texto, sugiro palavras que tenham uma grande família, assim o aluno terá opções em compor e decompor. Por ser uma poesia muito visual, é bom que seja feita uma pequena exposição dos textos criados pelos alunos, pode ser na própria sala de aula ou no pátio da escola. É bom lembrar que os textos produzidos não podem servir apenas para apreciação, quando há, do professor.

4.4 ESCREVER POEMAS: ALGUMAS TÉCNICAS

Hoje em dia, morre pagão quem quer, é com esse ditado-metáfora religiosa que começo o penúltimo subtópico desse quarto capítulo, que objetiva trazer algumas orientações e conselhos para os professores que tenham dificuldades em levar seus alunos a escrever textos poéticos. São passos simples que podem ser desenvolvidos em sala, não é necessário ser poeta para levar o aluno a escrever esse gênero literário, porém é fundamental gostar de poesia, e abrir espaço para se aventurar pela escrita também. Na sequência, listo algumas orientações que podem auxiliar o professor a iniciar o processo de ensino e aprendizagem a partir da produção de textos poéticos, são dicas, sequências, observâncias que podem ajudar a compor uma escrita rica, subjetiva e viva.

- 1- Decidir qual será o tema – assim como as demais produções textuais, é importante não escrever aleatoriamente, definir com antecedência sobre o que se deseja falar, por isso é importante definir antes de começar a escrita. Pode ser um objeto ou

situação, entretanto não posso deixar de destacar a grande probabilidade do adolescente falar sobre os sentimentos naturais da etapa que está vivendo, mesmo que seja repetitivo, permitir e estimular é importante, com o tempo os temas naturalmente vão diversificar, é fundamental incentivar a fala própria, não o silenciamento, afinal, na poesia o autor se mostra, revela-se através do eu lírico.

- 2- Escolher o tipo do poema – embora haja muitas formas fixas, o estudante deve ser livre para escrever, ele deve escolher quantos versos e como serão os da sua poesia, é melhor deixar as “imposições” para as redações dos vestibulares.
- 3- Ser descritivo – ou seja, oriente os alunos a dizer como as coisas são, o que elas produzem, é primordial eles terem noção de que a sua sensação ou seu sentimento pode ser parecido com o que outros sentem.
 - Há aspectos concretos? E abstratos? Explore-os.
 - Há características que todos percebem, há outras que poucos ou só o escritor percebe, use-as, contraponha-as.
- 4- Escrever a primeira linha – ela é fundamental para que o texto seja lido por completo, incentive-os a colocar mais peso nela, mas oriente-os a não se mostrar totalmente, a guardar um pouquinho para o final.
- 5- Não é obrigado rimar, mas se quiser, rime – O tempo em que poesia de verdade tinha que ter rima já passou, bem-vindos os versos brancos! A maioria dos alunos pensa que tem que ser como antigamente, esclareça que não é bem por aí, trazer exemplos de poesias que dizem muito sem serem rimadas, é importante ampliar as possibilidades, não as reduzir.
- 6- Evitar pesquisar palavras – Outra mística em torno da poesia é que é necessário usar arcaísmos ou que não seja do vocabulário cotidiano, mais uma vez, exemplifique que as palavras do dia a dia do adolescente podem compor uma bela poesia, aos poucos e com o tempo eles mesmos vão buscar por palavras que conhecem, mas que não usam com frequência.
- 7- Terminar o poema – o tamanho da poesia pode variar de pessoa para pessoa, de dia para dia, de estilo, entre outros fatores. Seja sensível e atento para conhecer o seu aluno e ver *quando* e *se* deve estimulá-lo, mostrar que ele pode variar no tamanho do poema, mas, com o tempo, o estudante desenvolverá estilo próprio.
- 8- Ouvir o que você escreveu – momento muito importante é o de se ouvir, por isso, leve-os a ler o próprio texto em voz alta, escutar-se, sentir se disse o que queria dizer,

se não há faltas ou excesso de palavras. Depois, antes de expor a poesia para uma plateia maior, peça para que leiam para um colega e que escute o dele.

As primeiras atividades que envolvem a escrita de textos poéticos devem priorizar a aproximação do aluno com esse gênero literário, devem ser evitadas correções bruscas que inibam ou desestimulem a escrita, com o tempo e a relação entre aluno e poesia mais sólida, o professor deve considerar algumas questões como redundância, falta de originalidade, linguagem criativa e exploração de outros sentidos. Outra pertinência é evitar que as poesias sejam comparadas, eleição de melhor texto (aluno), pois os limites de cada um devem ser respeitados, não se aprende as mesmas coisas ao mesmo tempo, a internalização de conceitos e ações variam entre os indivíduos, há compreensões que só chegam com o tempo.

Considero que, para se ter o ensino e a aprendizagem através da poesia é necessário escrever textos poéticos, e esse subtópico se dedicou a isso, para compô-lo, fiz uso de atitudes e compreensões pessoais enquanto poeta e professora que busca desenvolver esse gênero em sala, além disso, como me referi no primeiro parágrafo, para não “morrer pagão” a internet traz dicas que podem ajudar, por isso listo os sites que me ajudaram a sistematizar essas orientações:

- <https://bibliomundi.com/blog/escrevendo-um-poema-em-10-passos/>
- [https://pt.wikihow.com/Escriver-Poesias-\(Iniciantes\)](https://pt.wikihow.com/Escriver-Poesias-(Iniciantes))
- <https://rockcontent.com/br/talent-blog/como-fazer-um-poema/>
- <https://www.eviseu.com/pt/blog/48/como-escrever-poesia/>
- <https://www.todamateria.com.br/como-fazer-um-poema/>

4.5 LEITURAS CIRCULARES⁷¹

Em 1995, aos dezenove anos, iniciei minha formação acadêmica em Licenciatura em Letras Vernáculas, na cidade de Feira de Santana, interior da Bahia, uma jovem que ainda conservava um pouco de ingenuidade. Foi nesse mesmo ano que, na disciplina Teoria Literária I, o professor Roberval Pereyr me direcionou para a leitura de *Ruínas Circulares*⁷², lembro que terminei a primeira leitura tonta e sem compreender o mínimo do que falava o texto. Hoje enxergo os livros que se amontavam naquelas ruínas como a humanidade que circula por aí, para mim, o autor metaforiza em livros a humanidade, composta por livros vivos. Assim são os

⁷¹ Título inspirado em *Ruínas Circulares*, de Jorge Luis Borges, uma última paráfrase.

⁷² Conto escrito pelo argentino Jorge Luis Borges.

alunos, livros que circulam nos diversos cantos da escola, do bairro, da cidade, enfim, são indivíduos com vida própria, são círculos e não retas. O ato de ler não pode ser ensinado para acontecer em um momento estanque, planejado. Daí a importância dos círculos, sendo assim, vamos aos círculos de leitura.

4.5.1 Círculos de Leitura: uma proposta cossoniana

Cosson (2021), traz em *Como criar Círculos de Leitura em sala de aula* uma rica estratégia que “ocupa uma posição privilegiada pelos benefícios que oferece tanto pelo aprendizado da leitura quanto ao desenvolvimento integral do aluno” (COSSON, 2021, p. 23), uma vez que “demanda um intenso envolvimento do leitor com o texto” (p. 23). Define que um Círculo de Leitura é “a reunião de um grupo de pessoas para discutir um texto, para compartilhar a leitura de forma mais ou menos sistemática (p. 29), e serve para a leitura desde a Educação Infantil até a Pós-Graduação, podendo, dependendo do público, interesse e tipos de texto, ter várias configurações. As feições da proposta que o autor traz assume características de atividade de leitura autônoma, justamente por se desenvolver no ambiente escolar (p. 30). A pretensão é que o professor elabore seu círculo respeitando as feições de cada turma, afinal cada uma tem sua própria identidade.

Seguindo na intenção de trazer a proposta de leitura são apresentadas as três grandes etapas que constituem essa estratégia: Modelagem, Prática e Avaliação. A primeira é quando o professor apresenta o círculo e prepara os alunos para participar, a segunda, a Prática, é quando os alunos tomam conta do processo fazendo as leituras e demais procedimentos e, a Avaliação é um momento compartilhado pelo professor e pelos alunos. Cosson ressalta que essas etapas não são estanques, o professor deve estar com o olhar atento para fazer as adaptações e ressalvas.

“A **Modelagem** é a base para o sucesso de um círculo de leitura. Consiste em “encenar” para os alunos e ensaiar com eles todas as etapas de funcionamento de um círculo”. (p. 30-grifo do autor).

A **Prática** está dividida em seis fases:

- 1- Seleção das Obras – compartilhada entre professor e aluno;
- 2- Formação dos Grupos – entre três e cinco alunos, nem menos nem mais, deve haver um rodízio, ou seja, são temporários, desfazem-se e se refazem;

- 3- Cronograma – são dois: o primeiro coletivo, o professor faz juntamente com a turma e, o segundo, particular de cada grupo que estipula o tempo de leitura de cada obra.
- 4- Encontro Inicial – em sala ampla, onde os grupos fiquem distantes uns dos outros, que não precisem falar baixo demais: um auditório, sala de leitura ou mesmo ao ar livre;
- 5- Encontros Mediais – quando são feitas as discussões da obra e possui estrutura simular: orientação, discussão, registro, organização e comentário;
- 6- Encontro Final – quando a leitura é encerrada pelo grupo, deve seguir três passos: agradecimento pelo compartilhamento da leitura, apresentação da leitura do grupo para toda a turma e, por fim, a autoavaliação e a avaliação.

A **Avaliação**, para Cosson, deve ser conduzida com o máximo de cuidado para que os alunos não leiam apenas por ela existir, ou seja, para que o aluno não leia apenas para ganhar os pontos, o importante nos Círculos é a efetiva leitura literária.

A proposta cossoniana é bem mais ampla do que o que foi exposto aqui nesse subtópico, minha intenção foi de apresentar mais uma possibilidade, cabe ao professor, depois de estar ciente da existência dos Círculos, buscar o *Manual* para se inteirar mais e, a partir dele, criar os seus círculos e propiciar aos alunos a *efetivação* da leitura, usei aqui o próprio termo do autor.

De maneira geral, esse capítulo se ocupou de *possibilidades*, em trazer algumas opções para que o professor, de Ensino Médio especialmente, possa iniciar um processo de ensino e aprendizagem tendo como carro chefe a poesia. Como posto no título, são artimanhas que levam a diversificação e, porque não ousar dizer, à mudança de atitude frente à juventude cheia de vida que se enfileiram nas carteiras escolares. Iniciei trazendo a Leitura Vocalizada, uma repaginação do ler em voz alta seguida pela produção de poesia através de notícias, esta fortemente inspirada em *Poema Retirado de uma notícia de jornal* de Manuel Bandeira. Depois segui pelas alegres veias da reescrita através da paráfrase e da paródia, mostrando como a intertextualidade é bem-vinda à (re)escrita de textos. A terceira possibilidade que trouxe foi um projeto da professora Andreia Alexandre, onde ela detalha passo a passo de como escrever poesia na escola. No quarto subtópico, trouxe alguns passos a serem seguidos para ajudar na escrita de poesia, bem como a lista de alguns sites que ampliam o auxílio ao professor nesse processo. Por fim, expus resumidamente o que são os Círculos de Leitura, proposta de Rildo Cosson para a leitura, a apropriação do texto literário.

Inerentes a todas as propostas e sugestões desse capítulo estão a intertextualidade e a leitura, ambas são intrínsecas à escrita. Pude constatar e trago aqui essa constatação: não há escrita sem reescrita, bem como não há escrita sem leitura.

OLHANDO PELA JANELA⁷³: algumas percepções finais

*Da mais alta janela da minha casa
Com um lenço branco digo adeus
Aos meus versos que partem para a humanidade...*

Principiei a escrita dessas considerações abanando, assim como Pessoa, o lenço do adeus, ele, o lenço, continua lançando ao vento sensações confusas pois, essa dissertação ao mesmo tempo que árdua, foi acalanto. Aqui, os gigantes me permitiram caminhar com eles e sedimentar o que foi idealizado por uma professora da rede estadual de ensino, a caminhada não foi pesada, tampouco conflituosa.

*E não estou alegre nem triste.
Esse é o destino dos versos.
Escrevi-os e devo mostrá-los a todos
Porque não posso fazer o contrário
Como a flor não pode esconder a cor,
Nem o rio esconder que corre,
Nem a árvore esconder que dá fruto*

O pensamento tece a poesia, a poesia tece o pensamento, é sob essa máxima que esta pesquisa, incitada pela inquietação e pela afinidade que postulou como objeto de pesquisa o ensino e a aprendizagem através da poesia, afirmou ser o gênero poético capaz de promover a emancipação da juventude, uma vez que ele, como postulado na máxima que inicia este parágrafo, organiza o pensamento e, por extensão, o mundo. Desse modo, continuando a partilhar a mesma atmosfera do poeta, delego a essa dissertação o dever de mostrar-se, de ser água que mata a sede, fruto que sacia a fome e flor que se exhibe, naturalmente.

*Ei-los que vão já longe como que na diligência
E eu sem querer sinto pena
Como uma dor no corpo.*

*Quem sabe quem os lerá?
Quem sabe a que mãos irão?*

Este trabalho de pesquisa mostrou-se relevante tanto para o meio acadêmico quanto social. Para o primeiro, acrescentou, às já existentes, conhecimentos, uma vez que trouxe o Ensino Médio como também público para a leitura e produção do texto poético. Para o segundo meio, o social, essa dissertação se centrou em trazer estratégias para que a poesia se firme como

⁷³ Título inspirado no poema *XLVIII*, de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa, o mesmo foi usado na epígrafe e por entre os parágrafos considerações finais. Disponível em: <http://arquivopessoa.net/textos/1112>.

veículo de ensino e aprendizagem verdadeira e viva, promovendo uma educação equânime. Ao vê-la ir longe, diligente, como rapidez e zelo, sinto-me livre e saudosa, como o poeta se sentiu ao ver partir a dor que foi sua companhia, mas que se foi. Curiosa e esperançosa de que os olhos que as lê, internalizem a urgência na promoção do sentimento de humanidade.

*Flor, colheu-me o meu destino para os olhos.
Árvores, arrancaram-me os frutos para as bocas.
Rio, o destino da minha água era não ficar em mim.
Submeto-me e sinto-me quase alegre,
Quase alegre como quem se cansa de estar triste.*

Sim, na certeza que tem Pessoa de que a flor alimenta a fome dos olhos, eu entrego essa escrita dissertativa que se posta certa de que cumpriu com os objetivos propostos, identificou que a poesia possui um relevante papel didático e é produtora de conhecimento, seja este sistematizado ou não; também descreveu, tanto no ensino como na aprendizagem, qual é o papel didático que esse gênero desempenha e, por fim, apresentou estratégias, como foi intitulado, artimanhas que auxiliem o professor, em suas turmas de Ensino Médio, a desenvolver um trabalho com a poesia.

*Ide, ide de mim!
Passa a árvore e fica dispersa pela Natureza.
Murcha a flor e o seu pó dura sempre.
Corre o rio e entra no mar e a sua água é sempre a que foi sua.*

Issso tudo, tendo a fenomenologia como método e metodologia, aquela extremamente adequada a essa pesquisa e a mim, pesquisadora. Propiciou a obtenção e interpretação das significações, também me levou a responder quais as principais contribuições da poesia para o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa nas séries finais da Educação Básica, mostrou-me que a arte poética, equilibra e suaviza o contexto de ensino, traz uma aprendizagem interessante e segura, permite-se mostrar-se, acrescenta ao currículo meios de reconhecer e lidar com a pluralidade cultural inerente a todas as sociedades e, desenvolve no aluno o sentimento de existir. Divirjo aqui de Caeiro, não entrego esse trabalho triste, cansada um pouco, triste não, as respostas a que cheguei levam-me a parafrasear os versos da estrofe acima: *Vai, vai além de mim, passo pela árvore e me disperso pela natureza, como a flor que renasce sempre antes de murchar, como o rio que deságua no mar, mas é sempre rio.*

Passo e fico, como o Universo.

Agora, no frigir dos ovos, caminho para o fim dessa escrita certa de que ela reforçou as inquietações que me impeliram a iniciá-la. Porém, depois de muito navegar nos mares dessa pesquisa, entrego-a certa de que ela me vestiu com novas perspectivas e condições para retornar à sala de aula, impelida a buscar, junto com meu aluno, a poesia, arte insubmissa capaz de tornar o educar em algo que seja vívido e vivo. O momento da pesquisa passa, mas ela não. Assim como farol que evita que os barcos colidam com as rochas, que essa pesquisa possa servir como um sopro de fôlego para que a poesia ajude a transformar o mundo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Teoria estética**. Trad.: Artur Morão. Edições 70. Coimbra: Portugal, 2011.

ADORNO Theodor W. **Educação e Emancipação** Trad.: Wolfgang Leo Maar. 2ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ALMEIDA, Milton Jose de. Ensinar Português. In.: **O texto na sala de aula**. Org. João Wanderley Geraldi. São Paulo: Ática, 1997.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A educação do ser poético**. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro – RJ, 1974.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Cidadezinha qualquer. In.: **Antologia Poética**. 65ª Edição. Rio de Janeiro. 2010.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A palavra**. Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/NTE0MTYz/> Acesso em: 20/02/2021.

ANDRADE, Oswald. **Manifesto antropófago e Manifesto da poesia pau-brasil**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf> Acesso: 17/12/2020.

APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. Trad.: Vinícius Figueira. 3ªed. Porto Alegre: Artmed, 2006

ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. Paulo Pinheiro. 2ª edição. São Paulo: Editora 34, 2017.

AVERBUCK, Ligia Morrone. **A poesia e a escola**. In. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Org. Regina Zilberman. 11ª ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1993.

AZEREDO, Ronaldo. **Velocidade**. Disponível em: <https://muraldaanapaula.com.br/listas/4-poemas-que-ilustram-a-poesia-concreta/>. Acesso: 27 de jan. 2022.

BANDEIRA, Manuel. **Antologia Poética**. 12ª edição. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo, Edições 70, 2016.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. São Paulo, Cortez, 2011.

BORGES, Juliano Luís. **Escola e disciplina: uma abordagem foucaultiana**. Revista Urutágua. Nº05, 2004. Disponível em: http://www.urutagua.uem.br/005/05edu_borges.htm. Acesso em: 31/12/2022.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo, Cultrix, São Paulo, 1977.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre a produção de textos escolares). In.: GERALDI, João Wanderley (org.) **O texto na sala de aula**. São Paulo, Ática, 1997.

BUARQUE, J. **Ensino da escrita de poesia como construção de autoria**. ABRALIC. V.15. n. 22. 2013. p. 199-231.

BUARQUE, Jamesson e BARROS, Deusa Castro. Por uma desestabilização do uso da poesia no Ensino Médio. In.: **Olhar o poema: teoria e prática do letramento poético**. Org.: SILVA, Débora Cristina Santos e CAMARGO. Goiandra Ortiz e GUIMARÃES. Maria Severina Batista. Goiânia. Câne Editorial. 2012.

CAMPOS, Augusto de. **Lixo, Luxo**. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/poemas-para-entender-poesia-concreta/>. Acesso: 13 de fev. 2022.

CAMARGO. Goiandra Ortiz. Leitura Vocalizada de Poesia. In.: **Olhar o poema: teoria e prática do letramento poético**. Org.: SILVA, Débora Cristina Santos e CAMARGO. Goiandra Ortiz e GUIMARÃES. Maria Severina Batista. Goiânia. Câne Editorial. 2012.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de Males: Revista do Departamento de Teoria Literária, São Paulo, n. esp., p. 81-89, 1999.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: _____. **Vários Escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. Tradução Caesar Souza. – Petrópolis, Vozes, 2012.

CEREJA. William Roberto. **Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura**. São Paulo. Atual, 2005.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 12ª edição, São Paulo, Cortez, 2017.

CORALINA. Cora. **Minha Cidade**. Disponível em: <https://www.tudoepoema.com.br/cora-coralina-minha-cidade/>. Acesso: 13 de fev. 2021.

COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo. Contexto, 2021.

COSSON, Rildo. **Como criar Círculos de Leitura na sala de aula**. São Paulo. Contexto, 2021.

DIAS. Antônio Gonçalves. **I-Juca Pirama**. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/i-juca-pirama-de-goncalves-dias/>. Acesso: 15 de fevereiro de 2021.

ELIOT, T.S. **De poesia e poetas**. Trad.: Ivan Junqueira. 1ª edição, São Paulo. Editora Brasiliense, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5ª edição. São Paulo: Positivo, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 70ª edição. São Paulo, Paz e Terra, 2019.

FREUD. **Gradiva de Jessen e outros trabalhos**. Rio de Janeiro, Imago, 1972.

FROMER, Marcelo. ANTUNES, Arnaldo BRITTO, Sergio. **Comida**. In.: Jesus Não Tem Dentes no País dos Banguelas. Intérprete: Titãs. WEA. Rio de Janeiro, 1987.

GALEANO, Eduardo. **El mar**. Disponível em: <https://www.poeticous.com/eduardo-galeano/el-mar-8?locale=es>. Acesso: 24 de fev., de 2021.

GEBARA, Ana Elvira Luciano. **O poema, um texto marginalizado**. In. Aprender e ensinar com textos. Lígia CHIAPPINI (org.), São Paulo, Cortez, 1997.

GERALDI, João Wanderley (org.) **O texto na sala de aula**. São Paulo, Ática, 1997.

GOMES, Romeu. Análise e Interpretação de dados em pesquisa qualitativa. In.: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Vozes, 2016.

GOULART, Rosa Maria. **Escritas Breves: o poema em prosa**. Forma Breve 2 – Revista de Literatura. Disponível em: <http://www2.dlc.ua.pt/classicos/formabreve02.pdf> Acesso em 18/12/2004.

GRAÇA, Antônio Paulo. **Como funciona a poesia**. Manaus, Editora Valer, 1999.

HUSSERL, Edmund. **A ideia de fenomenologia: cinco lições**. Tradução Marloren Lopes Miranda. Petrópolis, Vozes, 2020.

JABER, Maíra dos Santos. **O bebê e a música: sobre a percepção e a estruturação do estímulo musical, do pré-natal ao segundo ano de vida pós-natal**. 2013. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2013.

KONDER, Leandro. **Os marxistas e a arte: breve histórico crítico de algumas tendências da estética marxista**. 2ª edição, São Paulo: Expressão Popular, 2013

KUBO, Olga Mitsue e BOTOMÉ Sílvia Paulo. **Ensino-aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais**. Revista Interação em Psicologia. Curitiba – PR. v. 5, 2001. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/3321/2665>. Acesso em 27.12.21.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In: **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. (Org.) ZILBERMAN, Regina. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1993.

LEAL. Lidyane Cristina Galdino. **A importância da poesia na formação de leitores**. V ENID – Encontro de iniciação à docência da UEPB, 2015.

LEITE, Lígia Chiappini de Moraes. Gramática e Literatura: desencontros e esperanças. In.: GERALDI, João Wanderley (org.) **O texto na sala de aula**. São Paulo, Ática, 1997.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. **Reflexões sobre currículo**: as relações entre senso comum, saber popular e saber escolar. Em Aberto, Brasília, v. 12, n.58, p. 30-36. abril/jun. 1993.

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes. **A função da literatura na escola**: resistência, mediação e formação leitora. (Org.) Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo. 1ª ed. São Paulo. Parábola, 2021.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 9ª edição. São Paulo, Atlas, 2021.

Eliza Menezes. Disponível em: MENEZES, Eliza. BR. In.: **Meu mundo é o que eu vejo**. WEI, Boa Vista, 2021

MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia para que? A função social da poesia e do poeta**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

MOISÉS, Massoud. **A Criação Literária**: prosa II. 20ª edição. São Paulo. Cultrix. 2007

NÓVOA, Antônio. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. In: NÓVOA, Antônio. **Professores**: imagens do futuro presente. Lisboa. Educa, 2009. p. 25-46.

OSAKABE, Haqira – Ensino de gramática e ensino de literatura. In.: GERALDI, João Wanderley (org.) **O texto na sala de aula**. São Paulo, Ática, 1997.

OLIVEIRA, Elialdo Rodrigues. **Fenomenologia**. Boa Vista-RR. Aula gravada. 11 de maio de 2021. Vídeo, duração 2:27,03h. Disponível em: <https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1-3o1QXFE6ATiob7lnXfGNCCEv3d7gwRG>. Acesso 15 de fevereiro de 2022.

PAIXÃO, Fernando. **O que é poesia**. 4ª edição. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.

PAIXÃO, Fernando. **Poema em prosa: poética da pequena reflexão**. Estudos Avançados n° 26, 2012, p 273-286.

PAZ, Octavio. **A dupla chama do amor e do erotismo**. Trad. Waldir Dupont. Siciliano, São Paulo, 1997

PAZ, Octavio. **O arco e a Lira**. Trad. Olga Sawary. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1982.

PEDRA, José Alberto. **Currículo e Conhecimento**: níveis de seleção do conteúdo. Em Aberto, Brasília, v. 12, n.58, p. 30-36. Abril/jun. 1993.

POSSENTI, Sírio. Sobre o ensino de português na escola. In.: GERALDI, João Wanderley (org.) **O texto na sala de aula**. São Paulo, Ática, 1997.

QUINTANA, Mário. **Emergência**. Disponível em: <https://poetisarte.com/autores/mario-quintana/emergencia/>. Acesso 10 de jan. 2022.

QUINTANA, Mário. **Guerra**. Antologia Poética. 12ª edição. São Paulo, Globo, 2007.

QUINTANA, Mário. **Os poemas**. Revista Bula. Disponível em: <https://www.revistabula.com/2329-os-10-melhores-poemas-de-mario-quintana/> Acesso: 18/12/2020.

RABELO, Ilana da Silva. **O papel social da leitura e da escrita**: a questão do letramento. Caderno Seminal Digital. UERJ, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/view/20326>. Acesso em: 26/02/2021. p. 240-266.

RICOUER. Paul. **O Conflito das Interpretações**: Ensaios de Hermenêutica. Porto. Editora Rés, 1978.

RORAIMA. Secretaria Estadual de Educação e Desporto – SEED. **Projeto Pedagógico da Escola Estadual Gonçalves Dias**. Boa Vista, 2021.

SANTOS, Lulu e SALOMÃO, Wally. **Assaltaram a gramática**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/lulu-santos/assaltaram-a-gramatica.html> Acesso: 18 de fev. 2022.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 24ª edição. São Paulo, Cortez, 2016.

SEXUGI. Poema-xícara. Disponível em: <https://planosdeaula.novaescola.org.br/fundamental/3ano/lingua-portuguesa/imagem-poetica-em-poemas-visuais-e-concretos/4772>. Acesso 27/01/2022.

SILVA, Eliseu Ferreira da. **Como e por que trabalhar com a poesia na sala de aula**. Revista Graduando - UEFS. Nº 2, 2011. Disponível em: <http://www2.uefs.br/dla/graduando/index.htm> Acesso: 21/01/2021.

SILVA, Gerson Pindaíba da. **A importância da leitura para a formação social**. Revista Científica Multidisciplinar. Núcleo do Conhecimento. Ano 02, 2017 Vol. 01. pp 540-549.

SILVA, Lilian Lopes Martin da. “Às vezes ela mandava ler dois ou três livros por ano”. In.: GERALDI, João Wanderley (org.) **O texto na sala de aula**. São Paulo, Ática, 1997.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2ª ed. 9ª impressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SNYDERS, Georges. Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. 3ª edição. Trad.: Cátia Aída Pereira da Silva. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993

SOCIEDADE DOS POETAS OFFLINE. **O Violão**. Disponível em: <http://poetasoffline.blogspot.com/2011/09/poesia-concreta-o-violao.html>. Acesso: 25.02.2022.

SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à fenomenologia**. Tradução Alfredo de Oliveira Moraes. 4ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

TEIXEIRA, Átila Silva Arruda. **O poema em prosa: a amorfia de uma modalidade lírica subtilizada no modernismo brasileiro.** Revista de Letras, Curitiba, nº, 23, p. 131-150, 2016.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. 1ª Ed. São Paulo. Atlas, 2019.

TROJAN, Rose Meri. **A arte e a humanização do homem:** afinal de contas, para que serve a arte? Revista Educar, nº12, p.87-98, Editora UFPR, Curitiba – PR, 1996.

VALENCA, Alceu. **Anúnciação.** In.: Minha história. Intérprete: Alceu Valença. PolyGram. Rio de Janeiro, 1993.

VALLE Paulo Sérgio Kostenbader e VALLE, Marcos Kostenbader. **Capitão de Indústria.** In.: 9 luas. Intérprete: Paralamas do Sucesso. EMI. Rio de Janeiro. 1996

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida, a palavra na poesia:** ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo. Editora 34, 2019.

ZILBERMAN, Regina. A leitura na escola. In: **Leitura em crise na escola:** as alternativas do professor. (Org.) ZILBERMAN, Regina. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1993.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola.** Via Atlântica, nº 14, 12/2009. Rio Grande do Sul, 2009,

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Org.). **Literatura e pedagogia: Ponto e Contraponto.** 2ª edição. São Paulo: Global, 2008.

ZILBERMAN, Regina. Ensinar é preciso – resistir também. In.: **A função da literatura na escola:** resistência, mediação e formação leitora. (Org.) Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo. 1ª ed. São Paulo. Parábola, 2021.

APÊNDICE A

Roteiro de entrevista

1ª) A didática pode ser definida como a maneira do professor trabalhar determinado assunto, fazendo-o chegar ao aluno. Tendo isso em mente, levando em conta sua experiência de professor de Língua Portuguesa/Literatura, fale sobre o significado didático da poesia em sala de aula para você.

2ª) A sociedade está em contínua transformação, o conhecimento também. Levando isso em conta, refletindo sobre o contexto educacional em que você está inserida, fale sobre a importância da poesia na produtora de conhecimento escolar em sala de aula da Educação Básica.

3ª) Transformação contínua do conhecimento, a escolha de como e o que ensinar está diretamente relacionado ao currículo, sendo assim, que tipo de relação você percebe entre ensino e aprendizagem, poesia e o currículo.

4ª) Nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura, a presença da poesia é constante nos conteúdos, planejamentos e desenrolar das aulas. Nessa perspectiva, fale sobre as contribuições da poesia no processo ensino escolar.

5ª) Em relação à aprendizagem dos alunos a partir do uso da poesia, aponte algumas contribuições que você considera significativas.

6ª) Agora, voltando-se para contribuições da poesia tanto no ensino quanto na aprendizagem, descreva ao menos uma atividade que você já desenvolveu com os alunos em sala de aula.

7ª) Descreva como é a reação dos alunos em sala quando se usa poesia como um instrumento didático, ou seja, como eles se envolvem com a proposta.

8ª) Fazendo um balanço, fale sobre o resultado do trabalho com a poesia em sala de aula.

9ª) São inúmeras as maneiras como o professor reelabora o conteúdo para que este chegue aos alunos, sendo assim, descreva algumas estratégias que você usou para trabalhar a poesia em sala de aula.

10ª) Que tipo de procedimentos você apontaria para o uso da poesia no processo de ensino em sala de aula, que possam contribuir com a aprendizagem do aluno, mesmo que você não os tenha desenvolvido.

APÊNDICE B
MATRIZES IDEOGRÁFICAS

Questão 1: A didática pode ser definida como a maneira do professor trabalhar determinado assunto, fazendo-o chegar ao aluno. Tendo isso em mente, levando em conta sua experiência

UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO	RE1	RE2	RE3	RE4	RE5
O PAPEL DIDÁTICO DA POESIA	X	X	X	X	X
Expondo, propondo uma reflexão sobre o conteúdo, um debate, uma peça teatral. Fazendo uma releitura, caso esta pertença ao passado, como seria se escrita hoje.	X				
A poesia abre espaço para a visão artística do aluno, [...] promove o gosto pela leitura em geral e a produção dos próprios poemas. O vocabulário literário enriquecido também é outra vantagem.		X			
[...]A poesia é um texto ideal para a formação do escritor, que deverá ser capaz de redigir desde textos acadêmicos a textos literários, considerando clareza, coesão e coerência.			X		
A poesia permite ao aluno sonhar com palavras, momento em que posso observar interpretação e criatividade.				X	
É muito importante indagar sobre os modos de interação entre o texto poético e os estudantes, sobre os significados e os sentidos atribuídos pelos estudantes na leitura do texto poético e sobre a própria fruição poética advinda dessa interação. [...] A leitura literária deixa em cada um de nós uma bagagem de experiências que nos define como leitores e que se refletem em nossa formação humana e profissional.					X

de professor de Língua Portuguesa/Literatura, fale sobre o significado didático da poesia em sala de aula para você.

Quadro 1 - Matriz ideográfica das unidades de significações apresentadas pelos professores

Questão 2: A sociedade está em contínua transformação, o conhecimento também. Levando isso em conta, refletindo sobre o contexto educacional em que você está inserida, fale sobre a

importância da poesia na produção de conhecimento escolar em sala de aula da Educação Básica.

Quadro 2 – Matriz ideográfica das unidades de significações apresentadas pelos professores.

UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO	RE1	RE2	RE3	RE4	RE5
IMPORTÂNCIA DA POESIA NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO	X	X	X	X	X
Incentivo à leitura, à criatividade e à reflexão.	X				
A poesia pode ampliar a percepção do que está ao redor, uma vez que estimula uma análise mais aguçada do texto e da realidade. [...] o conhecimento escolar (ligado às disciplinas) passa a fazer mais sentido para o estudante, pois ele percebe que tudo está interligado.		X			
[...] a poesia abre possibilidades de chamar a atenção para esses conteúdos porque torna a aula significativa, já que é um texto que mexe com os sentimentos. Sentimentos que podem ser de deleite ou de sofrimento, [...] o importante mesmo é a discursão dialógica em torno da compreensão do tema que essa poesia aborda, as muitas possibilidades de interpretação, transformação do pensamento e aquisição de novos conhecimentos.			X		
(O contexto educacional deixa claro uma preocupação relacionada ao aprendizado, não só dá poesia, pois produzir conhecimento é delicado, já que sua importância vem sempre sobreposta ao imediatismo tecnológico. Está difícil despertar o aluno para a busca do conhecimento.) - VERIFICAR				X	
[...] Na verdade, muitos educadores sabem sobre a importância da leitura da poesia durante o desenvolvimento escolar e humano dos alunos. [...] A poesia é uma forma especial de linguagem, falada ou escrita, ouvida ou lida, sempre a encontramos, seu jogo com sonoridade, musicalidade, ritmos e rimas, tornam sua leitura um ato prazeroso e divertido. [...]					X

Questão 3: Transformação contínua do conhecimento, a escolha de como e o que ensinar está diretamente relacionado ao currículo, sendo assim, que tipo de relação você percebe entre ensino e aprendizagem, poesia e o currículo.

Quadro 3 – Matriz ideográfica das unidades de significações apresentadas pelos professores.

UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO	RE1	RE2	RE3	RE4	RE5
RELAÇÃO ENTRE ENSINO, APRENDIZAGEM, POESIA E CURRÍCULO	X	X	X	X	X
Podemos utilizar a poesia como base para aumentar o vocabulário e se aprofundar em algum conteúdo gramatical. Além disso, as figuras de linguagem também podem ser trabalhadas.	X				
A poesia deve ser inserida no contexto escolar desde os anos iniciais da educação básica, não somente como pretexto para determinado conteúdo, mas, principalmente, como objeto de análise. Assim como há o letramento formal, que alfabetiza o indivíduo, seria prudente que houvesse um letramento literário, de forma que a poesia fosse amplamente divulgada, estimulada, estudada e produzida.		X			
A poesia nos permite entrar em contato com uma infinidade de temas. Dentre eles, justiça social, questões de gênero, ética, violência, entre outros. Essas discussões permitem fortalecer, principalmente a fomentação na prática da pluralidade cultural proposta pelo currículo, trazendo significado ao conteúdo e favorecendo o processo de ensino e aprendizagem.			X		
A poesia precisa ser norteada aos objetivos propostos no currículo, e assim desenvolver o ensino que leve à aprendizagem.				X	
A proposta curricular seria os planos para o ensino e aprendizagem [...] planos de ação para o aprendizado. [...]esses planos devem seguir a realidade cultural da escola que está atuando, com as realidades e particularidades próprias da mesma, abrangendo o contexto multicultural e também a literatura. Pensar o currículo a partir dos movimentos artísticos e literários talvez possa nos servir para inventariar alguns elementos do currículo em meio às suas possibilidades de criação					X

Questão 4: Nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura, a presença da poesia é constante nos conteúdos, planejamentos e desenrolar das aulas. Nessa perspectiva, fale sobre as contribuições da poesia no processo ensino escolar.

Quadro 4 – Matriz ideográfica das unidades de significações apresentadas pelos professores.

UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO	RE1	RE2	RE3	RE4	RE5
CONTRIBUIÇÕES DA POESIA NO PROCESSO DE ENSINO	X	X	X	X	X
Incentiva o aluno a refletir, a criar e à conhecer outras realidades.	X				
A poesia no processo de ensino escolar contribui para a aprendizagem: leitura, interpretação e criação, despertando emoções e reflexões.		X			
A primeira contribuição da poesia é dar significado a aula. A meu ver, isso talvez seja o mais importante, pois atrai a atenção dos alunos para o assunto, [...] Além disso, é possível explorar a forma do texto, temática, ortografia, fonema, sílaba, acentuação gráfica, formação das palavras, sonoridade das rimas, classes gramaticais, sintaxe, figuras de linguagem, concordância, coerência e coesão entre outros.			X		
A poesia permite ao aluno novas interpretações, coloca suavidade no contexto e facilita a participação daqueles que buscam expor suas percepções, desenvolve a criação.				X	
[...] A poesia amplia visivelmente as possibilidades de o aluno vir a comunicar-se e expressar-se melhor, tornando-o mais receptivo a conhecer outros gêneros literários. Cabe ao professor liderar um trabalho em classe que conduza os alunos ao manuseio de livros, a conhecerem os seus autores, a participarem de oficinas de textos, rodas de conversa, atividades lúdicas com palavras, etc. [...] a poesia pode prevalecer em nosso cotidiano como uma importante ferramenta de ensino, nos proporcionando um equilíbrio em uma sociedade que se apoia em conhecimentos científicos.					X

Questão 5: Em relação à aprendizagem dos alunos a partir do uso da poesia, aponte algumas contribuições que você considera significativas.

Quadro 5 – Matriz ideográfica das unidades de significações apresentadas pelos professores.

UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO	RE1	RE2	RE3	RE4	RE5
CONTRIBUIÇÕES DA POESIA PARA A APRENDIZAGEM	X	X	X	X	X
Incentiva o aluno a refletir, a criar e à conhecer outras realidades.	X				
Os textos poéticos [...] fazem com que o aluno exercite mais a sua mente, desenvolvendo e enriquecendo o seu vocabulário, ano após ano.		X			
O aluno pode desenvolver o gosto pela leitura, pela escrita, até se reconhecer como poeta. Pode se interessar mais pelo conteúdo, contribuindo para o trabalho do professor. Pode ainda aprofundar seu conhecimento sobre temas ligados à ética, ao amor, às guerras, enfim, despertando a sensibilidade com ser humano e reafirmando sua identidade.			X		
A produção dos alunos mais calados, introspectivos, posicionamento surpreende e inovador.				X	
[...]busca-se meios pelos quais os conteúdos abordados em sala de aula tenham significado para o aluno [...]					X

Questão 6: Agora, voltando-se para contribuições da poesia tanto no ensino quanto na aprendizagem, descreva ao menos uma atividade que você já desenvolveu com os alunos em sala de aula.

Quadro 6 – Matriz ideográfica das unidades de significações apresentadas pelos professores.

UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO	RE1	RE2	RE3	RE4	RE5
ATIVIDADE COM POESIA EM SALA DE AULA	X	X	X	X	X
Releitura de Canção do Exílio e de Meus oito anos. Leitura em sala.	X				

Produção de limeriques e de quadrinhas com alunos do 6º ano. Estudamos as estruturas desses dois tipos, lemos exemplos e construímos um minidicionário de rimas. Após essa fase, cada aluno produziu um poema com temas livres. Como são bem divertidos, os textos finais ficaram bem engraçados.		X			
Produção de poema coletivo, [...]. A partir de um tema proposto e contextualizado, cada aluno construiu um verso. Após essa etapa, organizamos os versos para formar a composição.			X		
[...] Estudo sobre poemas narrativos e pesquisa de letras de músicas que contam uma história. Vamos relacionar as letras a alguns poemas narrativos e também estudar o gênero épico, fazendo levantamento de características de cada modelo. O projeto ainda está em andamento.				X	
O Desafio da Poesia foi um das melhores atividades realizadas em sala de aula. Aos alunos foi dado o direito de escolher uma poesia, memorizá-la e apresentá-la. Foi tanto o sucesso dessa atividade oral que realizamos um recital, com direito a performance e figurino, para todos os alunos da escola. [...] Um ano homenageamos o poeta Roraimense Eliakim Rufino e outro ano a poeta Eli Macuxi, ambos os autores citados nas provas de vestibulares das universidades locais. Lembro-me, no momento, do poema de Pedro Bandeira, os alunos interpretaram por meio de desenho, paródia, encenação e reescrita do texto. [...]					X

Questão 7: Descreva como é a reação dos alunos em sala quando se usa poesia como um instrumento didático, ou seja, como eles se envolvem com a proposta.

Quadro 7 – Matriz ideográfica das unidades de significações apresentadas pelos professores.

UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO	RE1	RE2	RE3	RE4	RE5
COMO OS ALUNOS SE ENVOLVEM COM A POESIA	X	X	X	X	X
[...] eles adoram. Alguns até se descobrem poetas	X				
Até agora tive boa receptividade dos alunos. [...]		X			
De início eles ficam tímidos, alguns nos fazem acreditar que nunca tiveram contato com poesia ou não					

associam poesia a letras de músicas. [...], muitos despertam interesse, alguns gostam de assistir, mas em todos, sem dúvida, há um despertar para os sentimentos, para o poder que o verso tem em libertar o que sentimos.			X		
Algumas turmas reagem bem, são muito criativos, já se dispõem a fazer algo, querem logo saber se podem fazer isso ou aquilo				X	
[...]constatei que as atividades de leitura de poesia, não têm atraído os estudantes. Tampouco têm se mostrado produtivas, e alcançado alguns de seus objetivos: despertar nos jovens o gosto pela literatura e desenvolver neles a capacidade da leitura crítica e reflexiva. [...]					X

Questão 8: Fazendo um balanço, fale sobre o resultado do trabalho com a poesia em sala de aula.

Quadro 8 – Matriz ideográfica das unidades de significações apresentadas pelos professores.

UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO	RE1	RE2	RE3	RE4	RE5
RESULTADO DO TRABALHO COM POESIA	X	X	X	X	X
Muito significativo.	X				
[...]foram muito boas [...]		X			
Esse tipo de trabalho é marcante para professores e alunos. [...]			X		
Posso dizer que a maioria dos alunos são resistentes, dificultando o desenvolvimento do trabalho [...]				X	
Considero um dos pontos positivos, além de procurar despertar o gosto dos alunos pela leitura dos poemas, considerei também as opiniões deles quanto a interpretação dos poemas. [...]					X

Questão 9 São inúmeras as maneiras como o professor reelabora o conteúdo para que este chegue aos alunos, sendo assim, descreva algumas estratégias que você usou para trabalhar a poesia em sala de aula.

Quadro 9 – Matriz ideográfica das unidades de significações apresentadas pelos professores

UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO	RE1	RE2	RE3	RE4	RE5
ESTRATÉGIAS PARA TRABALHAR COM POESIA	X	X	X	X	X
Começo apresentando o autor e à escola literária. Envolver o aluno. Quando apresento a poesia, ele já está totalmente rendido aos encantos dela e cheio de vontade de emitir sua opinião e ativar sua criatividade.	X				
Lanço a proposta, faço uma boa explicação com exemplos; dependendo do tipo de poesia, estudamos a estrutura e a origem, depois partimos para algumas análises e, por fim, para a produção. Nessa fase, deixo os alunos livres e dou algumas dicas. Quando me entregam, corrijo uma ou outra pendência e eles fazem a reescrita até a versão final.		X			
[...]tem-se a possibilidade de discutir um tema para desenvolver argumentos para produção textual, trabalhar a interpretação, coesão, coerência, elaboração de títulos, rima, verso, musicalidade, figuras de linguagem, morfologia, sintaxe e muitos outros assuntos.			X		
Usei como apresentação dos alunos, fazendo caracterizações, hábitos, opiniões, gostos.				X	
Promovendo debates com os alunos sobre os poemas estudados; realizando atividades em grupo e em duplas visitando a biblioteca da escola fazendo um levantamento de livros literários e sugerindo leitura de livros de autores da literatura brasileira.					X

Questão 10: Que tipo de procedimentos você apontaria para o uso da poesia no processo de ensino em sala de aula, que possam contribuir com a aprendizagem do aluno, mesmo que você não os tenha desenvolvido.

Quadro 10 – Matriz ideográfica das unidades de significações apresentadas pelos professores.

UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO	RE1	RE2	RE3	RE4	RE5
--------------------------	-----	-----	-----	-----	-----

PROCEDIMENTO PARA TRABALHAR COM POESIA	X	X	X	X	X
Fazer saraus, apresentações para as outras turmas, feiras, produções próprias.	X				
[...] organização de acervo de poesia na escola (livros, textos avulsos); construir uma linha do tempo poética regional, nacional e até mundial (se possível); pesquisar e expor produções poéticas de sociedades culturalmente diferentes da nossa (africana, oriental, indígena). [...]		X			
Sugiro que se faça uma associação da música com a poesia, depois falar dos trovadores, de como a poesia pode ser um diferencial na vida das pessoas, no sentido de comover o outro, de exteriorizar sentimentos e injustiças sociais. Pode-se falar da missão do poeta, de suas contribuições na história e na vida e da possibilidade de se descobrir poeta depois do contato direto com o verso.			X		
Acredito que leitura, interpretação e dramatização poderiam envolver e despertar a criatividade nós alunos. Sempre que os alunos possam interagir, opinar e criar são mais participativos.				X	
Para começar, é importante pensar em um projeto com poesia a ser desenvolvido com a classe durante um determinado período como, por exemplo, um bimestre, retomado ao longo do ano. [...]					X

APÊNDICE C



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Comitê de Ética em Pesquisa

**REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Resolução 510/16)****ENTRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM A POESIA PEDE PASSAGEM**

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa, cuja pesquisadora responsável é a mestrande JACILENE SILVA DA CRUZ aluna do Mestrado em Educação do PPGE/UERR/IFRR da UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA-UERR, sob a orientação do Professor Doutor Elialdo Rodrigues de Oliveira. Este documento, chamado Registro de Consentimento Livre e Esclarecido - RCLE, visa assegurar seus direitos como participante da pesquisa, sendo elaborado em duas vias, assinadas e rubricadas pelo pesquisador e pelo participante, sendo que uma via deverá ficar guardada com você.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las comigo, a responsável pela pesquisa. Se preferir, pode levar este Registro para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

O currículo diferenciado das escolas públicas, voltado a ensinar o aluno a aceitar crenças e padrões dominantes (Apple, 2006, p.115), supervaloriza as produções objetivas em detrimento das criações literárias. Enquanto os textos objetivos exigem regras, o poema permite-se existir sem regra alguma tanto em relação ao conteúdo quanto a forma. Embora o texto poético seja relevante na formação do cidadão, poucos trabalhos estão voltados para o

estudo da poesia. A maioria deles detém-se na formação de leitores principalmente nas séries iniciais, ficando a escrita de poemas no ensino médio carente de atenção.

A poesia tem a capacidade de emocionar o ser humano. De despertar e adormecer paixões “Eu preparo uma canção/Que faça acordar os homens/E adormecer as crianças”. (Drummond, 2010, p.188), o autor revela nestes versos de “canção amiga” o poder que o poema tem. Usar esse poder em sala de aula é estabelecer um compromisso com a formação plena do aluno. “Ao mesmo tempo que através da educação é reproduzido a dominação, também se tem o processo de resistência a essa dominação” (SEVERINO, 1986, p. 95).

Em relação à literatura, Antonio Candido nos assegura que:

Quando elaboram uma estrutura, o poeta ou o narrador nos propõe um modelo de coerência gerado pela força da palavra organizada [...], o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão de mundo (CÂNDIDO, 2011, p. 179).

Freire complementa a ideia de Candido:

Gostaria, por outro lado, de sublinhar a nós mesmos, professores e professoras, a nossa responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente. Sublinhar esta responsabilidade igualmente àquelas e aqueles que se acham em formação para exercê-la (FREIRE, 1996, p.15).

A responsabilidade ética leva ao encontro de uma noção ampliada de juventude, onde o trabalho docente esteja conectado com o percurso e a história do aluno. Dando-lhes autonomia e ajudando na tomada de decisões responsáveis e fundamentadas (BRASIL, 2018, p.503). A poesia é assustadora para uma quantidade significativa dos professores de Língua Portuguesa no Ensino Médio, pois além de afinidade, exige flexibilidade. Sendo essa, uma possível razão para não vermos o poema protagonizando momentos de escrita. Esta proposta de pesquisa não intenciona desvalorizar as produções objetivas necessárias e próprias dessa fase do ensino, mas mostrar a importância da escrita literária na construção do indivíduo e do fazer pedagógico.

A BNCC apregoa que é necessário adotar uma noção ampliada e plural da juventude e que o processo de formação deve garantir a inserção do adolescente no mundo de maneira crítica e autônoma (BRASIL, 2018), porém a criticidade e a autonomia não se desenvolvem de

maneira impessoal, elas estão ligadas ao indivíduo. A produção do texto poético nessa fase torna-se imprescindível, pois segundo Moisés (2019) a poesia nos ensina a ver e a pedagogia ensina, dessa maneira, tem-se a união de duas ações indispensáveis para garantir aos adolescentes os elementos necessários para sua inserção no mundo. Uma das relevâncias dessa pesquisa está em mostrar a importância da produção de poesia na emancipação do jovem, ajudando-o a se (re)conhecer, se (re)situar no mundo, convicto de sua posição e seu papel social, o acordar os homens proposto por Drummond (2010, p. 188)

Outro fator que torna relevante essa pesquisa é a ineficácia do ensino da Língua pautado em um ideal linguístico inexistente. Os conteúdos se centram em formas arcaicas que não fazem parte da vida dos alunos. Eles não ouvem ou leem algo baseado nessa escrita modelada por uma literatura antiga. Possenti (1997) chama atenção a esse fato ao evidenciar a mudança que todas as línguas sofrem, não havendo razão para se exigir o domínio de uma escrita que não encontram nem mesmo em textos escritos correntes, esse fato é tão preciso que, verdadeiramente, os alunos não aprendem essas formas. Quem, excetuando professores de Língua, tem fixo em suas memórias que o verbo *assistir* com o sentido de *presenciar* é transitivo indireto? Quem fala: *assistir ao jogo* ao invés de *assistir o jogo*? O que há de incontestável é que é insatisfatória a maneira como a Língua é ensinada nas escolas.

5.1 Objetivo Geral

Conhecer as principais contribuições da poesia para o processo de ensino e aprendizagem escolar da Língua Portuguesa nas séries finais da Educação Básica.

5.2 Objetivos Específicos

- Identificar o papel didático da poesia enquanto produtora de conhecimento;
- Descrever a contribuição da poesia no trabalho do professor em sala de aula e na aprendizagem do aluno;
- Apontar procedimentos e estratégias que auxiliem o ensino e a aprendizagem com a poesia.

Procedimentos:

Após a aprovação pelo CEP/UERR, você será convidado a responder roteiro de entrevista com perguntas abertas que, devido a atual condição de afastamento social, será disposto através da plataforma Google Forms e enviado o link para a contribuição através do WhatsApp ou do e-mail. Eu estou à sua disposição para qualquer auxílio no que diz respeito às perguntas ou ao acesso à plataforma. O roteiro consta de 10 perguntas subjetivas onde você é convidado a refletir sua prática pedagógica em relação ao trato com a poesia.

Desconfortos e riscos:

Benefícios:

- 1) Contribuir para o processo de Ensino da Língua Portuguesa e Literatura;
- 2) Debater a importância da arte, especialmente a poesia, como portadora de conhecimento e;
- 3) Fornecer estratégias e procedimentos que auxiliem o professor de Língua Portuguesa para o trabalho voltado a arte poética

Sigilo e privacidade:

Em razão das perguntas se referirem ao seu exercício em sala de aula, asseguro que todas as informações referentes à identidade serão mantidas em total sigilo, tanto na escrita da dissertação quanto na defesa da mesma. Asseguro que sua identidade será mantida em total sigilo e que outra pessoa, além de mim, enquanto pesquisadora, não terá acesso aos dados dessa pesquisa.

Acompanhamento e assistência:

Durante a participação, término ou mesmo após os resultados da pesquisa estarem dispostos no corpo da dissertação, você pode entrar em contato comigo a fim de obter esclarecimentos e assistência sobre qualquer aspecto da pesquisa, inclusive para compreender como se concretizou a sua participação. Concluída pesquisa, a dissertação estará disponível no site da Universidade Estadual de Roraima – UERR, onde você poderá acessá-la, entretanto, visando a facilitação no acesso a mesma, comprometo-me em enviá-la por e-mail. Disponibilizo-me também a esclarecer qualquer dúvida quanto ao uso das informações que a mim foram confiadas.

Informo também que essa pesquisa não dispenderá custos financeiros, embora necessite da Internet para a sua viabilização, caso haja a necessidade de ajuda devido ao uso do seu pacote

de dados, solicito que entre em contato com a responsável, nesse caso, Eu, Jacilene, para que isso possa ser sanado e a sua participação efetivada. A seguir, os meus contatos.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora Jacilene Silva da Cruz, telefone (95) 981291091, e-mail jaciscapin@gmail.com, Rua Maú, 147, São Vicente, Boa Vista – RR. Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Roraima, endereço Rua Sete de Setembro, 231, sala 101, TELEFONE: 2121-0953, Horário de atendimento: Segunda a Sexta das 08 às 12 horas, e-mail cep@uerr.edu.br .

O Comitê de Ética em Pesquisa é o colegiado multidisciplinar e independente que trata de questões referentes à pesquisa com seres humanos no Brasil, existe para defender os interesses dos sujeitos da pesquisa, no nosso caso, você que vai participar através da entrevista, ocupando-se de sua integridade e dignidade. Não permitindo abusos, constrangimentos ou qualquer infortúnio que possa recair sobre você. É ligado ao Conselho Nacional de Saúde e exige respeito às **Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos**.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome do(a) participante: _____

E-mail: _____

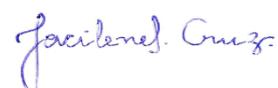
Data: ____/____/____

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da Resolução CNS n° 510 de 2016, Artigo 2º, item V quanto ao seu livre consentimento em participar dessa pesquisa, ressaltando que houve esclarecimentos sobre a natureza, justificativa, objetivos, métodos, riscos e benefícios na elaboração e obtenção deste Registro de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguo, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o

estudo foi aprovado pelo CEP CAAE_____. Comprometo-me a utilizar o material e os dados que serão obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Boa Vista, 15 de setembro de 2021

A handwritten signature in blue ink, reading "Jacilene Cruz". The signature is written in a cursive style with a large initial 'J'.

Pesquisadora responsável

APÊNDICE D



GOVERNO DO ESTADO DE RORAIMA
SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO E DESPORTOS – SEED
ESCOLA ESTADUAL GONÇALVES DIAS
"A PORTA ABERTA PARA NOVAS OPORTUNIDADES"
DECRETO DE CRIAÇÃO Nº 12/1977 – GTFR – RESOLUÇÃO Nº 014/2018 de 17 de Julho de 2018



TERMO DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins que estamos de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado "Entre o ensino e a aprendizagem, a poesia pede passagem", sob a coordenação e a responsabilidade da pesquisadora Profª. Jacilene Silva da Cruz, e assumimos o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa a ser realizada nessa instituição, no período de 10.09.2021 a 10.11.2021, após a devida aprovação no Sistema CEP/CONEP.

Boa Vista/RR, 17 de Agosto de 2021.



José Alexandre de Oliveira
Esc. Est. Gonçalves Dias
Gestor - Dec. 77-P de 14.01.2020

APÊNDICE E



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos



DECLARAÇÃO DE COMPROMISSO

Instituição: Universidade Estadual de Roraima / Curso:

Título: Entre o ensino e a aprendizagem, a poesia pede passagem

A pesquisadora do presente projeto compromete-se a:

- Desenvolver o projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Roraima ficando responsável por qualquer alteração que realizar, sem a devida autorização do CEP/UERR, que venha a causar danos ao participante pesquisado. Caso haja a necessidade de alteração, o pesquisador compromete-se a enviar emenda ao projeto seguindo os trâmites da Plataforma Brasil para análise e consequente aprovação;

Boa Vista, 18 de agosto de 2021.

Jacilene Cruz

RG: 07185489-49 SSP/BA



Comitê de Ética em Pesquisa - CEP
Rua 7 de Setembro, 231/ Sala 201 -
Canarinho
CEP 69306-530 / Boa Vista - RR - Brasil
Fone: (95) 2121-0953
E-mail: cep@uerr.edu.br
www.uerr.edu.br

APÊNDICE F



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos



TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Instituição: Universidade Estadual de Roraima/Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado Acadêmico em Educação

Título: Entre o ensino e a aprendizagem, a poesia pede passagem

Pesquisadora: Jacilene Silva da Cruz

A pesquisadora do presente projeto se compromete a preservar a privacidade dos participantes da pesquisa, assim como, de qualquer informação por eles prestada. Os dados coletados e disponibilizados para a pesquisa serão acessados exclusivamente pela pesquisadora e a informação arquivada em papel não conterá a identificação dos nomes dos sujeitos elencados. Este material será arquivado de forma a garantir acesso restrito aos pesquisadores envolvidos com a pesquisa, e terá a guarda por **cinco anos**, quando será incinerado.

Concorda, igualmente, que essas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas no computador da pesquisadora sob a orientação do Prof. Dr. Elialdo Rodrigues de Oliveira.

Este projeto foi avaliado por um Comitê de Ética em Pesquisa e aprovado sob n° _____.

Boa Vista, 18 de agosto de 2021.

Jacilene Silva da Cruz

RG: 07185489-49 SSP/BA

Jacilene Silva da Cruz
Rua Maú, 147, São Vicente, Boa Vista – RR, 69303-410
Telefone: (95)981291091
CEP/UERR Rua Sete de Setembro, nº 231 - Bairro Canarinho (sala 201)
Tels.: (95) 2121-0953
Horário de atendimento: Segunda a Sexta das 08 às 12 horas



Comitê de Ética em Pesquisa - CEP
Rua 7 de Setembro, 231/ Sala 201 -
Canarinho
CEP 69306-530 / Boa Vista - RR - Brasil
Fone: (95) 2121-0953
E-mail: cep@uerr.edu.br
www.uerr.edu.br

ANEXO A

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ENTRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM, A POESIA PEDE PASSAGEM

Pesquisador: JACILENE SILVA DA CRUZ

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 50914721.8.0000.5621

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.004.719

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1805161.pdf (postado em 15/09/2021)

A poesia, palavra encantada que tem a capacidade de nos fazer caminhar sobre a tênue linha que liga o sonho à realidade, é a mola mestra dessa pesquisa, pois nos leva à busca pela compreensão do que seria o ensino e aprendizagem através dela, para tanto questiona quais as principais contribuições da poesia para o processo de aprendizagem escolar da Língua Portuguesa nas séries finais da Educação Básica. Para responder a esse questionamento, o objetivo principal desse estudo visa conhecer as principais contribuições da poesia para o processo de ensino e aprendizagem escolar da Língua Portuguesa nas séries finais da Educação Básica e, de maneira específica essa pesquisa também objetiva identificar o papel didático da poesia enquanto produtora de conhecimento, descrever a sua contribuição no trabalho do professor e na aprendizagem do aluno e, por fim, apontar procedimentos, “artimanhas” que auxiliem o professor no ensino e aprendizagem com a poesia. Para responder ao problema e chegar aos objetivos elencados, o nosso caminho foi delineado pela abordagem qualitativa e fenomenológica

e por pesquisa bibliográfica e documental, esta última teve como sujeitos professores lotados em classes do Ensino Médio na rede estadual de ensino de Roraima na disciplina Língua Portuguesa.

Continuação do Parecer: 5.004.719

Embora ainda esteja em andamento, podemos afirmar que a poesia, que acompanha o indivíduo desde antes do seu nascimento, carrega consigo saberes que lhes são inerentes enquanto manifestação artística e que o trabalho diferencial com a palavra lhe confere o status de organizadora não apenas da própria linguagem, configurando além do potencial metalinguístico, uma capacidade de organizar as visões de mundo. Vários autores foram usados para embasar e consolidar essa pesquisa, entre tantos podemos citar que na fundamentação teórica, tivemos uma pitadinha de Paixão (1987), Paz (1982), Cândido (2011) e Zilberman (2009). O percurso metodológico se firmou com também grandes nomes: Bicudo (2011), Chizzotti (2017), Husserl (2020) e Sokolowski (2014), entre tantos outros que fincaram as pedras que direcionassem o caminho.

Objetivo da Pesquisa:

Conhecer as principais contribuições da poesia para o processo de ensino e aprendizagem escolar da Língua Portuguesa nas séries finais da Educação Básica.

Objetivo Secundário:

- Identificar o papel didático da poesia enquanto produtora de conhecimento;
- Descrever a contribuição da poesia no trabalho do professor em sala de aula e na aprendizagem do aluno;
- Apontar procedimentos e estratégias que auxiliem o ensino e a aprendizagem com a poesia.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Por se tratar de questionamentos que envolvem o efetivo exercício do seu cotidiano Profissional, você pode se sentir constrangida em responder alguma pergunta, dessa forma, conforme a Resolução do CHS nº 510/2016, Art. 7 “O pesquisador deverá assegurar espaço para que o participante possa expressar seus receios ou dúvidas durante o processo de pesquisa, evitando qualquer forma de imposição ou constrangimento, respeitando sua cultura” (BRASIL, 2016, p. 06). Sendo assim, apesar dos riscos mínimos o resguardo da sua identidade caso ocorra constrangimento, cansaço ou stress ao responder as perguntas, você tem o direito de declinar a sua participação se achar que as respostas demandam excessiva elaboração.

Benefícios:

- 1) Contribuir para o processo de Ensino da Língua Portuguesa e Literatura;
- 2) Debater a importância da arte, especialmente a poesia, como portadora de conhecimento e;

Continuação do Parecer: 5.004.719

- 3) Fornecer estratégias e procedimentos que auxiliem o professor de Língua Portuguesa para o trabalho voltado a arte poética.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto do mestrado em Educação (UERR/IFRR) que tem como objetivo conhecer as principais contribuições da poesia para o processo de ensino e aprendizagem escolar da Língua Portuguesa nas séries finais da Educação Básica. A pesquisa será realizada através da plataforma Google Forms, serão entrevistados 06 (seis) docentes da Escola Estadual Gonçalves Dias.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisadora sanou todas as pendências, não existem óbices éticos.

Considerações Finais a critério do CEP:

APROVADO AD REFERENDUM

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1805161.pdf	15/09/2021 18:07:38		Aceito
Outros	CartaRespostaaoParecer.docx	15/09/2021 17:49:13	JACILENE SILVA DA CRUZ	Aceito
Outros	RoteirodePesquisa.docx	15/09/2021 17:45:11	JACILENE SILVA DA CRUZ	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	RCLE.docx	15/09/2021 17:37:27	JACILENE SILVA DA CRUZ	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoJacilene.docx	15/09/2021 17:35:53	JACILENE SILVA DA CRUZ	Aceito
Outros	Termodeconfidencialidade.pdf	18/08/2021 11:18:11	JACILENE SILVA DA CRUZ	Aceito
Outros	DeclaracaodeCompromisso.pdf	18/08/2021	JACILENE SILVA DA	Aceito

		11:17:14	CRUZ	
--	--	----------	------	--

Continuação do Parecer: 5.004.719

Outros	TermodeAnuencia.pdf	18/08/2021 09:24:35	JACILENE SILVA DA CRUZ	Aceito
Outros	Check_list_JacileneCruz.docx	16/08/2021 13:48:52	Sâmia Tayanne de Sousa Araújo	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	14/08/2021 10:25:50	JACILENE SILVA DA CRUZ	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BOA VISTA, 28 de
Setembro de 2021

Assinado por:
**Leila Chagas de Souza
Costa**
(Coordenador(a))

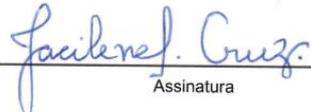
ANEXO B

Folha de Rosto



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: ENTRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM, A POESIA PEDE PASSAGEM			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 6			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7. Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: JACILENE SILVA DA CRUZ			
6. CPF: 922.262.565-04	7. Endereço (Rua, n.º): Rua Mau SAO VICENTE 147 BOA VISTA RORAIMA 69303410		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: 95981291091	10. Outro Telefone:	11. Email: jaciscapin@gmail.com
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>13</u> / <u>08</u> / <u>2021</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE RORAIMA	13. CNPJ: 08.240.695/0001-90	14. Unidade/Órgão:	
15. Telefone: (95) 3224-8455	16. Outro Telefone:		
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>Carmem Vera Nunes Spotti</u>		CPF: <u>380.390.870.15</u>	
Cargo/Função: <u>Coordenadora Pós-graduação Acadêmico Educação</u>			
Data: <u>13</u> / <u>08</u> / <u>2021</u>		 Carmem Vera Nunes Spotti Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação - JERR/PPG Portaria nº 119/2019	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

ANEXO C

O Cravo e a Rosa⁷⁴

Era mais um dia comum para a Rosa que estava tomando sol no jardim quando se deparou com um novo visitante. O Cravo tinha acabado de se mudar, e ela foi cumprimentá-lo, conhecer sua nova companhia. Ele se mostrou bem interessado em conhecer aquela flor tão bela. E foram ficando cada vez mais próximos, até o inevitável dia em que decidiram fazer parte do mesmo canteiro.

Tudo foi perfeito, muitos planos para se amarem e crescerem juntos. Passeios ao luar com doces risadas até o amanhecer. Ambos estavam felizes e aquilo era como um sonho. Um dia, a Rosa decidiu ir ver sozinha suas amigas, rir um pouco com elas. Isso desagradou seu companheiro e o entristeceu. “Deve ser só ciúme”, foi o que pensou, nada que não pudesse ser resolvido depois. Quando voltou para casa descobriu que todo seu dinheiro havia sumido. O Cravo simplesmente explicou: “Achei melhor assim, já que eu pago as contas.” E “tudo bem”, pensou ela, “quem precisa reclamar quando o outro só está sendo cauteloso?”

Um dia ele voltou diferente, alterado... a Rosa estava presa em um labirinto de promessas quebradas e o canteiro ficou sombrio: o sonho se tornou pesadelo. No outro ele também estava diferente e a deixou despedaçada. Mesmo ferida e machucada ela a usou para seu prazer. Murcharam suas pétalas até quase não sobrar mais nada de sua beleza, mas o amor tudo supera, não é? Supera sim, mas aquilo não era amor. Porque o amor não machuca, ele cura, e se te faz chorar é porque não é amor.

E foi assim que o Cravo brigou com a Rosa e, debaixo de uma sacada, ela o expulsou. Com palavras tão cortantes quanto as tesouras de um jardineiro ela o tirou de sua vida, matou-o em seu coração. Sozinha, pétalas novas e mais bonitas nasceram e os espinhos que estavam mais mortais. Não ia mais deixar ser machucada. Ninguém deve permitir sentir dores por um falso amor, nem as flores, nem você.

*Conto inspirado na matéria

“Homem morre esfaqueado por companheira” do dia 19/04/19.

⁷⁴ XAVIER, Maurício. O cravo e a Rosa. In: **Metáforas de Plantas para o Garoto Jardim**. São Paulo, Rainha Editorial., 2021.